

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

**O GRUPO DE JOVENS:
ESPAÇO DE FORMAÇÃO DA IDENTIDADE POLÍTICA**

CARMEM LUCIA TEIXEIRA

GOIÂNIA

2006

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

**O GRUPO DE JOVENS:
ESPAÇO DE FORMAÇÃO DA IDENTIDADE POLÍTICA**

CARMEM LUCIA TEIXEIRA

Dissertação de mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Ciências da
Religião, da Universidade Católica de Goiás.

Orientadora: Profa.Dra. Carolina Teles Lemos

GOIÂNIA
2006

Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião, da Universidade Católica de Goiás, na área de concentração em movimentos sociais, defendida em 15 de dezembro de 2006 e aprovada com nota 10,0 (dez inteiros).

BANCA EXAMINADORA

1. Profa. Dra. Carolina Teles Lemos/UCG (Presidente)
2. Profa. Dra. Ivoni Richter Reimer/UCG (membro).....
3. Prof. Dr. Hilário Dick/UNISINOS (Membro de outra IES)

Dedico este trabalho à minha família, nomeados em João Vicente Teixeira e Manoela Pereira, e aos amigos e amigas, companheiros/as na construção de “outro mundo possível”, e às jovens e aos jovens que constroem com seu estilo um novo modo de estar e ser no mundo.

Agradeço ao Deus de Jesus Cristo, que opta pelos pequenos/as e pobres. Nesta opção permitiu-me romper inumeráveis barreiras impostas pela condição de classe, de gênero e de portadora das seqüelas da paralisia infantil.

Ao corpo docente do Mestrado em Ciências da Religião, professores e professoras que provocaram o cuidado científico para com o tema proposto para aprofundamento e, de modo especial, à professora Carolina Teles Lemos.

À Casa da Juventude Padre Burnier, espaço de aprendizagem para a vida cotidiana e acadêmica. Agradeço às pessoas que fazem a CAJU: Maria, Vilma, Elaine, Gilzana, Cleber, Graça, Paulo, Epitácio, Fábio, Alfredo, Kelly, Vanildes, Rezende, Lourival, Ana Maria, Edimilson, Josiane, Elmira, Walcineide, Jesu, Leonardo, Flamarion, César, Israel, Pe. Garcia, Pe. Geraldo, Pe. Itamar, Divino, Edina, Fábio Fazzion, Wagner, Vanusia, Roberto, Raimunda, Leandro, Rayner, Ceila, Divina, Eliane, Gercilene, Luiz Nascimento, Berg, Gardene, Wolney, Waldeir, Valterci, Walderes e todos/as que fizeram e fazem a história da CAJU.

Às pessoas que contribuíram de perto para que o trabalho viesse a se tornar realidade: Hilário Dick, Gilson, Lourival Rodrigues, Agda, Marta, Eugênio, Fernando Lima, os/as jovens que contribuíram com as entrevistas, Cleber e tantas pessoas que o espaço não permite nomear.

Agradeço à Adveniat que, através do amigo Norbert Bolte, indicou caminhos e oportunizou financiamento para este tempo de estudo.

A toda Diocese de Goiás, espaço de encontro e aprendizagem: Janaína, João Denes, Elina, Neth, Marques, Patrício, D. Eugênio e cada jovem das coordenações.

À Ângela Maria Falchetto, Elen, Liciano, Alex. Raquel, Simone, Rosilene, Gisley, Susana, Samara, Herreros, Onivaldo, Boran, Ir. Wagner, João Carlos e Solange Ferro. Neles/as estão todos/as que se dedicam à causa da juventude.

A pluralidade é a condição da ação humana pelo fato de sermos todos os mesmos, isto é, humanos, sem que ninguém seja exatamente igual a qualquer pessoa que tenha existido, exista ou venha existir.

Hannah Arendt

RESUMO

TEIXEIRA, Carmem Lucia. *O grupo de jovens: espaço de formação da identidade política* (Dissertação do Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Goiás, 2006.

Esta pesquisa teve como objetivo investigar o grupo de jovens da comunidade paroquial. Ela verificou, ainda, a influência ou não das idéias religiosas veiculadas neste grupo na formação da identidade política dos/as jovens. Para o estudo do tema, a metodologia utilizada serviu-se de alguns conceitos chaves, tais como identidade, política, juventude, grupo e religião.

Sobre identidade assumimos que é a autopercepção resultante de um processo cultural de construção. O termo juventude foi tomado como categoria social e delimitado na faixa etária assumida pela ONU, de 15 a 24 anos. A religião é entendida como fornecedora de sentido e o grupo, como mediador entre o sujeito e a realidade mais ampla e como espaço de aprendizagem e formação de protagonistas. Entendemos política como lugar e forma de exercício do poder que é próprio das relações humanas; como a arte de convivência entre os diferentes e a sua capacidade de criar consensos.

Pudemos perceber que a experiência vivida no grupo de jovens pode fazer diferença na formação dos/as jovens, porém depende das condições do grupo, do tempo de participação e do grau do envolvimento do/a jovem no processo. Com estas considerações pode-se afirmar que para alguns/mas jovens que participam do grupo, as idéias religiosas alimentam uma ação voltada para a outra pessoa e, também, para o engajamento em pequenas ações que alteram a vida do/a jovem e da comunidade a partir da qual ele/ela participa. Portanto, o grupo pode formar um novo *ethos* político no/a jovem que dele participa, dependendo das condições de participação.

Palavras-Chave: juventude, identidade, política, religião, grupo.

ABSTRAT

TEIXEIRA, Carmem Lucia, *The group of youth: space of formation of the politics identity*. (Master Dissertation in Religion's Sciences) - Catholic University of Goiás, 2006

This research had the objective to investigate the group of youth of the parochial community. It verified the influence or not of the religious ideas, propagated in this group in the formation of the politic identity of the youth. For the study of the subject, the methodology used, took in consideration some concepts such as: identity, politics, youth, group and religion.

For identity we assume that it is the resultant of a self-perception cultural process of construction. The term youth was taken as social and delimited category used by ONU, from 15 to 24 years old. The concept of religious was understood as a meaning former and the group as a mediator of the citizen and the amplest reality, as space of learning and formation of protagonists. We understand politics as place and form to exercise power which is proper of the relations of human beings; as the art of living together with the different and its capacity to create consensuses.

We could realize that the experience lived in the group of youth can make difference in the formation of people lives, however it depends on the conditions of the group, the time of participation and the level of the evolvment of the person in the process. With these considerations it's possible to say that for some youth that take part of the group the religious ideas feeds an action directed toward the other person and, also, to the enrollment in small actions that modify the life of the youth and the community where he or she participates. Therefore, the group can form new ethos politician in the young that of it participates, depending on the participation conditions.

Key words: youth, identity, politics, religion, group.

SUMÁRIO

RESUMO	07
ABSTRAT	08
1 INTRODUÇÃO	10
2 NO CAMINHO DOS CONCEITOS	21
2.1 IDENTIDADE	22
2.2 POLÍTICA	37
2.3 JUVENTUDE	51
2.4 GRUPO	60
3 RELIGIÃO, SÍMBOLOS E RITOS	76
3.1 O PAPEL DOS SÍMBOLOS, RITOS E MITOS	79
3.2 REPRESENTAÇÃO RELIGIOSA	94
4 O CONTEXTO SOCIAL DOS/AS JOVENS E DO GRUPO	100
4.1 OS DIVERSOS TIPOS DE GRUPOS DE JOVENS	111
4.2 GRUPO ESPAÇO DE FORMAÇÃO DE PROTAGONISTAS	116
4.3 O GRUPO DE JOVENS E O PROJETO DE VIDA	124
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: TENDÊNCIAS E DESAFIOS	128
REFERÊNCIAS	135
ANEXOS	147

1 INTRODUÇÃO: SOBRE A HISTÓRIA DO CAMINHO PERCORRIDO

O poder corrompe, de fato, quando os fracos se unem para destruir o forte, mas não antes (ARENDDT, 2004, p. 215).

Essa idéia de Arendt anuncia que a questão política é reservada para os fortes, ou seja, para uma determinada classe de pessoas com algum privilégio. É que o conceito de 'política', comumente, é tratado na perspectiva das estruturas amplas de poder, pertencente a um determinado grupo com estruturas complexas, garantindo o acesso somente àqueles/as que podem fazer ou participar desse modelo de política.

O nosso interesse no tema da formação da identidade política dos/as jovens a partir da experiência de grupos quer pensar a política como participação e intervenção social em outros caminhos, como uma tecedura construída e compreendida pelo ser humano no exercício da vida coletiva e, no caso, na vida grupal. As perguntas feitas em nossa pesquisa não nascem gratuitamente. Elas são frutos de uma trajetória de participação em grupos, de acompanhamento a grupos em nível local, nacional e latino americano; do estudo do tema; da preocupação com as formas de mediação que o grupo provoca na vida das pessoas. De modo muito particular, com aqueles/as da classe trabalhadora, numa perspectiva de transformação da realidade que exclui, para uma outra que inclui, na busca de "outro mundo possível".

Essa busca por compreender a política e o grupo de jovens também foi objeto de estudo de Sousa, em 1997, estudando a militância política dos/as jovens nos anos 90. Hammes, em 2005, faz um estudo sobre grupos de jovens como espaço pedagógico na formação do capital social. O tema da política foi tratado pelo

“Projeto Juventude”, do Instituto Cidadania¹ em 2004 e 2005, com duas publicações, resultado da pesquisa *Perfil da Juventude Brasileira*.

Queremos acrescentar um outro elemento nesta análise: as idéias religiosas. Elas estariam presentes (ou não) na formação da identidade política do/a jovem, de modo especial daqueles/as que participam dos grupos de jovens das comunidades paroquiais. Há, com certeza, dentre os grupos paroquiais, um enfoque para os grupos da Pastoral da Juventude. Primeiro porque são os mais citados pelos/as jovens na pesquisa realizada e, também, por causa da sistematização teórica presentes na Igreja do Brasil e da América Latina sobre estes grupos, oferecendo uma fundamentação teórica sistematizada. Essas sistematizações encontram-se em documentos da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB (Coleção CNBB: Estudos de números: 44, 76, 93) e no Conselho Episcopal Latino-americano - CELAM: Pastoral da Juventude – Sim à Civilização do Amor (1987), Civilização do Amor e Tarefa e Esperança (1997), Projeto de Vida: Caminho vocacional da Pastoral da Juventude Latino Americana (2003). Estes materiais são referências para o trabalho dos grupos organizados a partir da comunidade paroquial e articulados nas dioceses e regionais da CNBB, em nível nacional e latino-americano.

Colocar o tema dentro de sua proporção é importante como ponto de partida do trabalho. Por exemplo, sabe-se que é uma pequena parcela da população jovem que participa de grupos. A pesquisa do Instituto Cidadania indica que é 15% e, destes, 4% é formado pelos/as jovens que participam dos grupos religiosos (2005, tabela 56, p 400). A tabela 58 (2005, p. 401), que trata dos grupos religiosos, indica que 17% dos/as entrevistados/as fazem parte de algum grupo religioso; 19% já

¹ O Projeto Juventude é uma iniciativa do Instituto Cidadania, de São Paulo- SP. O Projeto Juventude dirige suas questões para pensar o papel que o jovem pode assumir na transformação da sociedade brasileira. O Instituto Cidadania é apartidário e pluralista, aberto à participação de todos que querem dar sua contribuição para aprimorar a cidadania e os valores democráticos no Brasil.

fizeram parte; 26% não fazem, mas gostariam e 39% afirmam que nunca fizeram parte e não gostariam de participar. Esses dados indicam que o espaço do grupo religioso é significativo na vida da juventude brasileira; o que poderia indicar que há um reconhecimento desta mediação como espaço de participação. Os resultados da pesquisa do Instituto Cidadania também sugerem que é relevante pesquisar sobre o assunto e situa esses grupos, portanto, como porta de entrada dos sujeitos jovens em relação à sociedade mais ampla e seus destinos.

O tema que propomos é o papel dos grupos de jovens de comunidades paroquiais e das idéias religiosas aí veiculadas na formação da identidade dos/as jovens, no que se refere à política. Indagamos sobre as afirmações religiosas veiculadas nos grupos de jovens das comunidades paroquiais e que relação há entre o referido espaço com as idéias religiosas fornecidas pelo mesmo e a autopercepção do/a jovem no que tange à política.

Apresentamos, como hipótese, que a afirmação religiosa veiculada nos grupos de jovens de comunidades paroquiais é que o/a jovem é convidado/a ao seguimento de Jesus, compreendido como adesão à sua Pessoa e ao seu Projeto de defesa da vida, em solidariedade com os pobres, alimentados/as por valores do Reino, como a vida em comunidade, a justiça, a solidariedade e a paz. Essas idéias assimiladas pelos/as jovens contribuem para sustentar uma postura política no grupo em outros espaços da vida social e no exercício de participação dos/as jovens, tendo como uma das principais características a construção da autonomia e da emancipação. Sendo assim, o grupo de jovens da comunidade paroquial e as idéias religiosas aí veiculadas contribuem para a formação de um novo *ethos* no processo de autopercepção da juventude no que tange à política. Apresentamos a seguir os principais aspectos considerados ao longo da pesquisa.

1.1 O LOCAL DA PESQUISA: CASA DA JUVENTUDE

A Casa da Juventude Pe. Burnier – CAJU foi escolhida como local da pesquisa porque, em primeiro lugar, é um espaço destinado aos/às jovens e suas organizações; segundo, porque os/as jovens que participam dos grupos paroquiais de diversas localidades escolhem esta Casa para sua formação. É um Instituto de formação, assessoria e pesquisa de Juventude e que tem sua sede em Goiânia, Goiás. Iniciou suas atividades em outubro de 1984 e oferece uma programação anual aos/às jovens, de modo especial aos/às jovens que sofrem as conseqüências da desigualdade social. É uma organização religiosa dos jesuítas e leigos/as que guarda, desde o princípio, um programa de formação de lideranças com uma coordenação colegiada entre leigos/as, religiosos/as de outras congregações e os jesuítas (AVELAR, 2004, p. 52 - 5).

As atividades de formação da CAJU estão abertas para todos/as os/as jovens que buscam uma experiência de formação e qualificação, independente do seu credo. Oferece atividades de formação a lideranças jovens, como Escolas Bíblicas, de Liturgia, da Cidadania, Curso de Afetividade e Sexualidade, atividades de Arte e Educação, Formação de adultos que trabalham com jovens e de qualificação com atendimento direto aos/às jovens; cursos de informática-cidadania, pré-universitário, curso de línguas (inglês e espanhol), atendimento psicossocial grupal e individual e danças. Na Assessoria, a CAJU presta serviço às estruturas da Igreja Católica e às entidades e grupos que buscam apoio para planejar, rever e aprofundar o seu trabalho com a juventude. Realiza pesquisa e produção de material para a formação de lideranças e acompanhamento a grupos. Investiga a realidade dos/as jovens que participam das atividades oferecidas na sede e fora dela, organiza as informações

oferecidas pelos/as jovens em um banco de dados, elabora e publica materiais para facilitar o trabalho com os/as jovens, com atenção especial àqueles/as que se engajam em grupos.

A CAJU, para realizar essas atividades, organiza-se em equipes de trabalho, desde a coordenação colegiada, equipes de áreas e setores, tais como comunicação, administração, pesquisa e assistência social, e busca o exercício do poder em grupos e de forma horizontal (AVELAR, 2004, 56 - 7).

A proposta da CAJU tem seu marco inspirador nos princípios pedagógicos da Pastoral da Juventude Latino-Americana, com opção clara por um modelo de Igreja voltado para o protagonismo, a partir das orientações do Concílio Vaticano II e dos princípios da Igreja Povo de Deus, da comunhão e da participação. Bebe da fonte da Teologia da Libertação, desenvolvida na América Latina a partir dos anos 1960 e que teve seu auge na década de 1980.

Carrega, também, em sua história, a espiritualidade vivenciada por Inácio de Loyola, atualizada em seus princípios de acolhida, contemplação e discernimento. Esses fundamentos alimentam a mística que impulsiona a aproximação da realidade juvenil, desejando oferecer ferramentas para contribuir na construção de um caminho entre a dependência e a autonomia. Essas práticas são revisadas a partir do conhecimento da realidade, das necessidades dos/as jovens e na concretização de políticas públicas a favor dos/as jovens e como garantia de direitos. Um dos princípios que caracterizam a atuação da CAJU é a formação de protagonistas, ou seja, atores sociais e eclesiais, tendo a formação integral como eixo norteador.

A mística da construção da esperança, que se procura viver na CAJU, reside no exercício semanal de devolução, da partilha e da avaliação das atividades, bem como na integração e na cumplicidade das equipes (AVELAR, 2004, p. 59).

Na Casa da Juventude a formação integral é compreendida a partir de dois aspectos. O primeiro se relaciona com as dimensões da pessoa; o segundo prevê que a formação acontece em um processo. As dimensões ajudam os/as educadores/as a estarem atentos/as à formação da pessoa como um todo. As dimensões situam-se em cinco níveis: o psicoafetivo, o psicossocial/cultural, o político, o místico e o técnico e se desdobram em diversos processos: a personalização, a integração social e cultural, a conscientização, a evangelização e a capacitação do uso dos recursos tecnológicos².

A instituição atende, anualmente, mais de cinco mil jovens³ com diversos projetos. A pesquisa foi realizada com jovens que participam de quatro projetos que, em 2006, envolveram 263 jovens: a Escola Bíblica para Jovens (49 jovens); o Curso de Afetividade e Sexualidade (55 jovens); o Curso de Informática e Cidadania (129 jovens) e a Oficina de Artes (30 jovens).

Nos referidos projetos o perfil do grupo pesquisado é o seguinte⁴: a) 35% são do sexo masculino e 65% do sexo feminino; b) quanto à escolaridade, 28,5% estão cursando o ensino fundamental, 25% o ensino médio, 22% já concluíram o ensino médio, 13% estão cursando ou possuem o ensino superior incompleto e 1,5% já concluíram o ensino superior; c) 24,3% declaram participar de algum grupo sócio-político-esportivo-cultural (partido político, grêmio estudantil, hip-hop, torcida de futebol, sindicato, associação de bairro ou outro) e 75,7 não indicaram participar deste tipo de agremiação e d) 27% declaram participar de grupos de jovens de comunidade paroquial e 73% não declaram participar desses grupos. Quanto à renda familiar, 27% estão entre aqueles/as que recebem menos de um salário

² Os dados coletados estão descritos no Marco Referencial e no Plano Global de Atividades da CAJU para o ano de 2006.

³ Relatório de prestação de contas do ano de 2005 (documento interno).

⁴ Dados fornecidos pela Ficha de Inscrição da Instituição.

mínimo; 64% declaram receber de um a dois salários mínimos; 7%, de três a quatro salários mínimos e 2%, cinco ou mais de cinco salários mínimos. 46% declaram que nunca tiveram acesso à internet e 54% acessam entre uma ou mais vezes na semana⁵.

É um grupo formado por uma maioria de mulheres, com escolaridade fundamental e média, com renda familiar de até 3 salários mínimos e jovens com um razoável interesse em participar de grupos ou associações.

1.2 OS CAMINHOS METODOLÓGICOS PERCORRIDOS

No processo da pesquisa foram utilizadas várias ferramentas. Em primeiro lugar, os conceitos de identidade, religião, política, juventude e grupo.

Em se tratando de jovens, adotou-se a faixa etária utilizada pela Organização Mundial da Saúde, de 15 a 24 anos de idade, amplamente aceita, embora o critério da faixa etária seja apenas um delineador para a coleta dos dados, porque o conceito de juventude, tomado como chave da análise, é o de categoria social que contribui, para a compreensão de aspectos da sociedade atual e oferece elementos para perceber as mudanças no *Ethos* do/a jovem na formação de sua identidade política. Igualmente importante será o conceito de grupo como mediador nas relações do/a jovem com a sociedade.

O critério principal da escolha das atividades foi o caráter processual em que as mesmas se efetivam e os vários retornos do grupo à CAJU, no ano de 2006. Três

⁵ Esses dados foram retirados das fichas de inscrições dos participantes e estão digitalizados no banco de dados da Casa da Juventude. As porcentagens, porém, foram feitas a partir da pesquisa nas fichas.

das atividades são consideradas pela CAJU como portas de entrada do/a jovem na Casa, sendo que uma delas acolhe jovens novos e outros, que já participaram de outras atividades. A escolha das turmas buscou guardar a variedade do atendimento realizado pela instituição, possibilitando encontrar jovens que estejam nos primeiros contatos com a CAJU. Também foi escolhido um projeto que recebe jovens que retornam ao referido espaço. Essa escolha de jovens em diversos estágios da sua formação teve o objetivo de ampliar o universo da pesquisa no que se refere a tempo de participação e à influência da CAJU nessa formação.

Um dos instrumentos de análise da pesquisa foi a ficha de inscrição solicitada pela instituição, contendo dados de identificação e informações sócio-econômicas e culturais (anexo 2).

Dentre os/as jovens dessas turmas foram selecionados/as treze que participaram ou participam de grupos de jovens em comunidade paroquial para uma entrevista semi-estruturada. Esses/as jovens foram selecionados/as conforme sexo, idade e local de moradia, sendo sete homens e seis mulheres: 04 entre 15 e 18 anos e 09 entre 19 e 24 anos cujas entrevistas seguiram o roteiro específico (anexo 1).

As indagações foram sobre a forma de organização do grupo, as ações e os temas por eles desenvolvidos, os níveis de participação e de envolvimento dos/as participantes e as mudanças por eles/elas identificadas no processo. Entram, no rol das perguntas, as questões sobre as motivações para participar nesse espaço, as mudanças ocorridas devido à participação e a que se atribui a mudança. A escolha dessas questões foi feita a fim de detectar a) quais idéias religiosas são veiculadas no grupo e b) se e até que ponto elas fazem parte da memória do grupo e influenciam na sua identidade. Os dados obtidos possibilitaram detectar quais são os

elementos com os quais o/a jovem se estrutura e contribuem para a construção da sua identidade política e a relação, ou não, entre esta e as idéias religiosas.

Foram considerados, também, os dados coletados através de duas pesquisas realizadas nos grupos de jovens de comunidades paroquiais. A primeira, na Diocese de Goiás, em 2004; a outra, sobre a vida dos grupos de jovens, realizada em 2006, pela Rede Brasileira de Institutos de Juventude. Ambas as pesquisas foram coordenadas por nós para outras finalidades. Essas serão tomadas como fontes secundárias, com o objetivo de ajudar a ampliar o universo pesquisado.

Como fontes secundárias valemo-nos, igualmente, a) da pesquisa nacional denominada 'Projeto Juventude' que se desenvolveu nos anos 2003/2005 e que oferece uma vasta análise sobre o fenômeno juvenil e, b) dos dados da pesquisa realizada pelo Instituto Cidadania que investigou 198 municípios em áreas urbanas e rurais de todo território nacional (VENTURI, 2005, p.23 - 6). Essa fonte secundária teve como objetivo situar nossa pesquisa dentro de um leque mais amplo de pesquisas sobre o tema.

A entrevista com os/as jovens que vivem ou viveram em grupos possibilitou perceber as pertencas (ou não) em espaços dos grupos de jovens e a importância destes para a sua autopercepção sobre política. Possibilitou, ainda, identificar as representações que os/as jovens fazem para a concretização de seus projetos de vida com possíveis alterações no *Ethos* dos/as jovens deste início de milênio.

Cuidou-se a) do tempo da entrevista, para não ser longa e cansativa e b) da formulação das perguntas, para diminuir os riscos inerentes a este tipo de técnica de investigação.

Além da entrevista, foram tomados questionários respondidos por jovens por ocasião da visita aos grupos. Os questionários versavam sobre 'A vida do grupo de

jovens' e foram aplicados pela pesquisadora em três grupos de Goiânia, (anexo 3), para registro do encontro semanal dos/as jovens. Essa observação possibilitou responder a algumas questões sobre os temas, o modelo de grupo, sua composição, forma de organização e distribuição do poder, bem como as características dos/as jovens que participam dos grupos.

Esses dados possibilitaram um estudo sobre o tema e abriram outros aspectos que não foram desenvolvidos neste trabalho. Os temas desenvolvidos foram organizados em três capítulos.

1.3 A ORGANIZAÇÃO DO TEXTO

No primeiro capítulo dedica-se ao desenvolvimento de algumas reflexões sobre os conceitos de identidade, política, juventude e grupo. Identidade versa sobre o conceito, a relação com a religião, como se processam as escolhas e o conceito em relação à religião e à política. No que diz respeito à política trabalhou-se a questão do poder como atividade livre e polêmica, a convivência com o diferente e a relação da política com a religião e desta com a Teologia da Libertação e o grupo. Ainda, neste conceito, trabalhou-se política e símbolo, a emancipação política e o protagonismo e a participação no grupo e em outros movimentos. No conceito juventude partiu-se das diversas definições do termo, dos conceitos que perpassam o senso comum e da opção de trabalhar o tema como categoria social. Trata-se também de como os/as jovens se representam e da condição juvenil. Com relação ao conceito grupo descreveu-se os tipos de grupo e centrou-se no modelo de grupo

da comunidade paroquial a partir das referências da Pastoral Latino-americana e dos diversos roteiros que são voltados para estes grupos e as idéias religiosas que neles circulam. Também trata dos/as jovens no grupo, o grupo como espaço de aprendizagem e do grupo integrado em rede.

O segundo capítulo concentra-se nas idéias religiosas a partir dos conceitos de religião, símbolos e ritos, trabalhando a religião como sistema simbólico, a religião e a juventude, religião como formadora de sentido, de modo especial os valores e a visão de mundo, a religião e o grupo e os símbolos e os ritos de um grupo de jovens. Trabalha também, a idéia de representação religiosa, o conceito e a relação com a identidade, a relação com os grupos e os/as jovens e os grupos como espaço de participação política.

O terceiro capítulo recupera os temas já tratados dentro de um contexto social mais amplo, retomando o tema da juventude e dos grupos. Na questão da juventude trabalha-se os dados estatísticos da qualidade e das mudanças e, com relação aos grupos, os tipos de grupo como espaço de formação de protagonistas e como espaço de construção do projeto de vida.

Nas Considerações Finais apontamos tendências e desafios e algumas reflexões percebidas a partir da pesquisa sobre os grupos e os/as jovens e a identidade política, quando se retoma os objetivos e a hipótese propostos para a investigação da pesquisa.

2 NO CAMINHO DOS CONCEITOS

Juventude é um tempo para a organização da experiência que a pessoa adquiriu até o momento e, a partir dela, fazer suas escolhas para o futuro. Ele/ela faz uma “tentativa consciente de transformar o futuro em parte integrante de seu plano de vida” (FERREIRA, 1995, p. 140). É o tempo do acolhimento do novo corpo, da aceitação das mudanças físicas, de assumir uma orientação sexual e perceber-se no grupo familiar e no grupo de amigos/as, tornando esta etapa da vida um momento importante para todo ser humano.

A identidade não é algo pronto e acabado. Ela se faz em um processo contínuo. Na formação de sua identidade, o/a jovem precisa separar-se dos pais. Comumente se rebela contra os mesmos e contra toda e qualquer intromissão, porque necessita afirmar-se, escolher o rumo da sua história e sua ocupação. Essa postura em relação aos familiares é um exercício externo do movimento que está fazendo internamente. Por esta razão volta-se para o grupo de amigos e procura apoio e identificação com a turma. É uma forma de sentir-se igual na linguagem, na roupa, nos gestos, nos adereços e encontrar formas para vencer a dificuldade do momento (FERREIRA, 1995, p. 140 - 1).

Nesta fase da vida, afirmam-se valores e escolhas, de modo especial, em relação ao futuro. É um exercício de olhar para fora de si mesmo porque a identidade é “relacional, e a diferença é estabelecida pela marcação simbólica, relativamente a outras identidades” (WOODWARD, 2000, p. 14). A busca de concretizar os sonhos, os projetos de vida e a identidade é marcada “também pelas condições sociais e materiais [...] Se o grupo é simbolicamente marcado [...] isso terá

efeitos reais porque o grupo será socialmente excluído e terá desvantagens materiais” (WOODWARD, 2000, p. 14).

2.1 IDENTIDADE

A conceituação da identidade, para Woodward, envolve dois processos: o social e o simbólico. Eles são necessários à formação e a manutenção das identidades porque estabelecem o sentido às práticas e relações sociais. O autor acrescenta um terceiro elemento que é o nível psíquico. Para ele o nível psíquico é uma dimensão que completa e justifica as escolhas feitas, porque uma pessoa assume sua posição na construção de sua identidade. Também considera importante que o conceito de identidade esteja ligado ao de representação porque, segundo ele,

Só podemos entender os significados envolvidos nesses sistemas se tivermos alguma idéia sobre quais posições-de-sujeitos eles produzem e como nós, como sujeitos, podemos ser posicionados em seu interior (WOODWARD, 2000, p. 17).

Os significados produzidos pela representação é que dão sentido em nossa experiência e a tudo que fazemos. A representação é compreendida como um “processo cultural, que estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos” (WOODWARD, 2000, p. 17) e que nos permite responder a algumas perguntas existenciais, como: quem sou eu? Onde estou? O que espero do futuro?

No caso de nossa pesquisa, o grupo pode ser para alguns/mas este espaço para a construção da identidade. Podemos perceber isso na medida em que alguns/mas dos/as entrevistados/as reconhecem que é no grupo que se “aprende a

conviver”, reconhecendo que há “diversos tipos de pessoas”. Também se diz que na vivência do grupo a pessoa “aprende a se comunicar”, formando, nela e na relação com a sociedade, valores que até então não estavam postos de forma tão clara. O/a jovem no grupo tem possibilidade de confrontar-se com os seus iguais e, assim, ir firmando suas escolhas.

Eu creio que [o grupo] ajuda muito a pessoa a desenvolver na vivência da sociedade ou em relação com os outros, a convivência, né? Porque ela aprende a comunicar mais e a respeitar as escolhas. Também, porque muitos olham sempre para o lado errado, olham muito para a aparência e, no grupo vai se conhecendo melhor e vê que não tem nada uma coisa com a outra. E aprende a conviver, porque na Igreja sempre aparece diversos tipos de pessoa. (ALF, 21 anos).

Heidegger (1999), de certa forma, concorda com as dimensões da identidade, apontadas por Woodward. Em sua definição de identidade, fala de uma igualdade que se dá na relação. Ela é parte do ser. Heidegger acrescenta a idéia de pertencer e de experimentar a comunidade.

Outro autor que caminha nessa mesma direção é Castells (1999, p. 22 - 3). Ao expressar o que entende por identidade, fala de “processo de construção de significados com base em um atributo cultural que não se resume aos papéis do ponto de vista sociológico, como pai, mãe, filho”. A identidade, para ele, vai além. É ‘fonte de significados’ para um processo de individualização. Concorda que a identidade é construída e esta se “vale da matéria-prima fornecida pela geografia, biologia, instituições produzidas e reproduzidas pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso”. Isso tudo é processado pelo sujeito, respeitando as tendências atuais e as mudanças no tempo e no espaço.

A geografia e as condições sócio-econômicas são determinantes para a formação da identidade através da memória das experiências vividas e das

condições de poder a que são submetidas às pessoas, “porque muita gente falava pra gente: se você estudou num colégio público você não vai conseguir” (*sic*). Essa mentalidade determina o lugar e as possibilidades de identificação do/a jovem. Os valores vivenciados no grupo podem alterar essa identificação e abrir outros caminhos para os sujeitos que estão em formação. Os/as jovens percebem que este espaço altera as possibilidades de planejar suas vidas e que a vivência no grupo oferece oportunidades para romper com as representações construídas sobre a condição de excluídos/as.

Eu acho que a mudança mais radical da participação no grupo foi ter conseguido entrar na universidade pública. Muita gente falava para gente: que se você estudou num colégio público nunca irá conseguir. Só entra quem estuda em colégio particular. E as pessoas que coordenavam a comissão dos grupos de juventude da época e a irmã que acompanhava o grupo sempre falavam assim: ‘você tem condições de entrar numa universidade pública. Você tem que entrar, porque lá é o lugar de você. Você tem direito disso, você sempre estudaram em colégio público, você tem que entrar em universidade pública’. Ter conseguido entrar na universidade é, por isso a mudança mais radical. Talvez não teria conseguido se não tivesse no grupo de jovens. Não teria conseguido isso e muitas outras coisas, como participar da formação em outros espaços, como o da CAJU, ou ainda, do grupo GOAP (Grupo de Observação e Acampamento Político) que criamos agora para acompanhar as decisões da Câmara Municipal de Goiânia, sobre as políticas públicas de juventude (GSA 17 anos).

Como se pode ver, conforme o/a entrevistado/a, a mediação do grupo possibilita o sujeito, a partir da sua experiência pessoal e na interação com o outro, descobrir potencialidades e valores que formam a identidade em relação com o mundo mais amplo (por exemplo:, acompanhar a Câmara dos Vereadores e as Políticas Públicas de Juventude). Essa formação envolve valores de solidariedade como o de perceber que “muitas outras pessoas precisam da minha ajuda, que eu posso estar sendo ajudada por elas também”. Com isso o/a jovem reconhece a “comunidade” e a “partilha”, valorando-as como muito boas. O reconhecimento do grupo está restrito, aqui, ao nível pessoal - “tá vivendo em comunidade é muito bom” – e o gozo está voltado para si mesmo. É uma afirmação em torno de sua

pessoa, mas o outro é reconhecido como fonte de aprendizagem deste mundo pessoal.

Depois que eu passei por essa experiência eu vi que ao meu redor tem muitas outras pessoas que precisa de minha ajuda, que eu posso estar sendo ajudada por elas também. Então estar vivendo em comunidade é muito bom, com jovem da minha idade também é muito bom, porque assim vive, cada um vive uma experiência, então a partilha é muito boa. Você passa o que você sabe. Você aprende o que você não sabe, e é bom para o crescimento da gente mesmo. Então, eu cresci muito com isso. Aprendi muito a conviver com as pessoas, compreender mais as pessoas, então foi muito bom neste ponto (LC, 19 anos).

A afirmação da identidade, na era da globalização, parte do pressuposto de que vivemos em crise com o modelo proposto pela modernidade, que prometia progresso geral. O que se observa, contudo, é uma crescente desigualdade social, com o empobrecimento de grande parte da população e o aumento de guerras, fazendo ruir os mitos que sustentavam a modernidade (a razão, o progresso e a ciência). Uma das mutações vividas nesse momento é o surgimento de novos mitos. Segundo Zamora (2004), o mito de Prometeu, que até então sustentava a explicação da realidade, cai e, em seu lugar, assume o mito de Narciso. Há uma desconfiança no Estado do bem-estar social, com suas promessas de tecnologia, crescimento e integração social e política. A economia assume, nestes novos tempos, uma função central, articulando-se não mais em torno da produção, mas dos fluxos de capital, pela informação e tecnologia. Neste modelo, as imagens e os símbolos são cada vez mais deslocados e se cria um novo estilo de vida, marcado pela flexibilidade, experimentação, alianças cambiantes e conjunturais, mudanças de cenários, descartes programados, publicidade centrada na pessoa, no cuidado com o corpo, passando-se, como afirma Bajoit, “de un modelo cultural baseado en la razón social a otro, fundado sobre la autorrealización autonoma” (*apud SANDOVAL, 2000, p. 17*).

Nessa conjuntura de solidão, como diz um/a entrevistado/a, e de “não ser um só no meio da multidão”, o ambiente do grupo possibilita superar o medo e encontrar um espaço de segurança para o sujeito descentrar-se de si mesmo. Ele/a, “vê os outros conversando, se divertindo, conversando, celebrando”. Ele/ela deseja estar no grupo, sente que o ambiente o faz crescer e é a sua esperança para “tornar-se uma grande pessoa”. O centro é a pessoa. O grupo é visto como um oásis nas suas buscas pessoais e com um desejo de fazer parte e de ser reconhecido/a por alguém.

[...] a busca por sentir-se fazendo parte de algo, não ser um só no meio da multidão. Mas ter ali alguém que possa sair do elo da família, alguém que você possa confiar para conversar, pra divertir, pra crescer enquanto pessoa humana [...] chega acanhadinho, e com o passar do tempo ele vai vendo que ele também pode fazer isso [...] começa a se soltar aos pouquinhos [...] vê que os erros vão sendo corrigidos no caminho, no espaço. Ele mesmo corrige o erro, [...] faz uma caminhada, assim como eu passo ser o coordenador dos jovens na Diocese, ele percebe que ele pode crescer, e assim eu acho que a maior motivação que leva um jovem ao grupo é sentir-se parte de algo, não como parte, mais como parte de uma sementinha que vai crescer, que vai se tornar uma grande pessoa um dia (JDF, 24 anos).

Neste sentido o grupo de jovens da comunidade paroquial se torna um espaço para este reconhecimento do sujeito e do seu acolhimento em uma sociedade marcada pelo indivíduo. A religião, com seus ritos, oferece um lugar para a afirmação desta identidade porque, como diz Ortiz,

Toda religião é um lugar de memória e de identidade; ao congregar pessoas, ela lhes fornece um terreno e um referente comum no qual a identidade do grupo pode se exprimir. A memória é uma técnica coletiva de celebração de lembranças, aproxima o passado, soldando os indivíduos no seio de uma mesma comunidade (ORTIZ, 2001, p. 65).

Pode-se, ainda, perguntar: Com a mutação cultural e os processos de globalização, o que altera na construção dos sujeitos? Com o que eles se identificarão? Que elementos serão vitais para a construção de seu processo identitário? Que influência terá a religião no processo deste novo sujeito? Segundo Zamora (2004), a construção da identidade, hoje, tem um vínculo com o

fundamentalismo religioso. A busca de sentido em um mundo globalizado encontra expressão nas identidades étnicas, nacionais e religiosas, de corte fundamentalista, com características de retorno ao sagrado. Por isso a formação da identidade a partir da religião guarda uma possibilidade em aberto, tanto para centrar-se na individualidade, com respostas seguras, como para o grupo, com respostas abertas colocadas pelos processos vivenciados em cada um dos grupos.

O fato de o/a jovem sair em busca das perguntas, enfrentando o isolamento e depositando na religião a sua confiança, provoca alterações que ele reconhece como uma espécie de luta interna. “Hoje eu percebo muitas mudanças. No grupo de jovens trabalha-se muito com teatro. No princípio eu fugi muito, tinha muita vergonha de falar em público. Então, neste caso, me ajudou muito, foi difícil porque eu resisti” (LPS, 21 anos).

Assim, a entrada no grupo de jovens, em que a dinâmica provocava envolvimento e participação do sujeito, foi compreendida como um salto para as respostas que o/a jovem buscava para sua formação identitária, reconhecendo a tarefa que tem na sociedade. “Eu vi que tinha uma missão que era maior do que só ir para igreja no domingo, esperar o padre falar amém e ir para a casa”. Há um sair da situação de passividade para fazer surgir uma atuação como sujeito, em que se reconhece que há algo que “fazer” para se participar da história como seus construtores.

Antes de entrar para o grupo, lá no Maranhão, era uma coisa [...] fiz a primeira eucaristia, então estava freqüentando o grupo, a gente ia, uma coisa muito mecânica, que a gente ouvia lá a irmã das nove as onze e depois ia embora. Aqui não, no grupo de jovens a gente começou a participar de outra forma. Eu vivia em uma rotina: escola, minha casa, quando tinha festividade comemorativa eu participava. Eu ia na igreja aos domingos. E daí, pra mim era o suficiente. Quando eu entrei para o grupo de jovens eu vi que tinha mais para fazer, eu vi que tinha uma missão no mundo e que esta era maior do que só ir para igreja no domingo, esperar o padre falar amém e ir para a casa (CS, 22 anos).

A religião fornece, neste movimento da identificação, um espaço de unificação dos sujeitos desintegrados, sendo o lugar do enraizamento dos sujeitos que estão vivendo estas mudanças. Por outro lado, Hall (2001) diz que o sujeito pós-moderno, que se concentra no indivíduo, não é mais unificado. Ele é composto por várias identidades e as necessidades objetivas da cultura entram em colapso com as mudanças estruturais e institucionais.

O/a jovem que está construindo sua identidade neste mundo busca unificar-se em torno de valores relacionados com a inserção social, o que não significa, segundo os depoimentos coletados pela pesquisa, que eles/elas estão atuando. Há desejos de ser. No entanto, não se pode afirmar que a ação esteja sendo desenvolvida, porque nas entrevistas não aparece relato de ação realizada, embora existam alguns que citam atividades que vão além das intenções.

O/a jovem, ao ser perguntado, faz memória das mudanças que experimentou no processo vivido. Reconhece que a Igreja contribui com a oferta de alguns valores considerados por ele/ela como positivos para sua história: “Eu quero ajudar” ou “quero ser caridoso”. Aponta, portanto, para aspectos da formação de valores que o/a jovem assume para fora de si. Um valor assumido na sua vida.

[...] é, com quatorze anos eu estava em processo de formação, de como ia ser minha personalidade, eu acho que a igreja influenciou nisso. Como eu estava em processo de formação assim, eu me formei querendo ajudar, independente de eu ter ou não alguma retribuição. Eu tenho isso, de querer ajudar, de ser caridoso. E eu acho que foi nisto que o grupo me ajudou na vida (HC, 19 anos).

Esse desejo identificado e percebido pelo/a jovem não significa algo que será assumido para toda sua história, uma vez que está mergulhando nesta cultura de mudanças. A identificação se tornou mais provisória, variável e programática. Esse processo reduz o sujeito atual a não ter uma identidade fixa, essencial e permanente. A identidade é definida histórica e biologicamente. O indivíduo assume

identidades diferentes que, em diferentes momentos, se unificam em torno do eu coerente, sendo que “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (HALL, 2001, p. 13) e está em alteração todo o tempo. Se sentirmos uma identidade unificada é porque temos uma boa história do eu. Somos, a todo o momento, movidos para possíveis identidades.

A crise das identidades nacionais, por exemplo, abre espaço para a explosão de identidades étnicas particulares e, até mesmo, de dimensões identitárias mundializadas, forjadas no seio de fluxos transnacionais de consumo. Na medida em que a religião tem a capacidade de agregar pessoas em escala ampliada e criar laços sociais, ela adquire um poder maior com linguagem, ideologia e concepção de mundo diferentes, vinculando interesses e coordenando ações coletivas (ORTIZ, 2001, p. 66).

Nas sociedades tradicionais, o passado era venerado e os símbolos retratavam essas experiências. As sociedades eram lidas dentro da lógica passado, presente e futuro. Na medida em que as zonas do globo foram se conectando, foram-se transformando o universo e a natureza das instituições e estabelecido o caráter das discontinuidades (GIDDENS, 1991), alterando a nossa vida íntima no cotidiano, provocando no sujeito rupturas e fragmentação interna.

A sociedade está pautada pela diferença. O poder não está mais localizado em um centro. A sociedade não se desintegra porque os elementos da identidade, em certa circunstância, podem ser conjunturalmente organizados. A criação de novas identidades e a produção de novos sujeitos é o que Lacau (1990, p. 40, *apud* HALL, 2001) denomina “recomposição da estrutura em torno de pontos nodais particulares de articulação”.

Se tomarmos o campo religioso como um dos pontos desta articulação, os meios de comunicação possibilitam que a cultura religiosa seja mundializada. Esse campo, impregnado de aspectos importantes para a formação da identidade, como a memória, traz em si elementos do tempo e do espaço, e a memória, para materializar-se, necessita de um lugar. Ortiz recorda uma citação de Roger Batiste, dizendo que, no candomblé brasileiro, a memória da escravidão, dos ritos e dos mitos é um esforço constante contra o esquecimento que deve se localizar.

Com a alteração da noção de espaço, a memória coletiva articula esses fragmentos pelos meios de comunicação. O lugar da memória, assim, estende-se à multiplicidade de territórios, partindo de uma mesma comunidade simbólica. Os meios de comunicação social tecem redes de solidariedade e transcendem lugares. Segundo Beyer (1999, p. 395), a globalização favorece a religião, ampliando a sua influência pública.

A experiência no grupo da comunidade paroquial pode ser marcada por esta experiência religiosa difundida nos meios de comunicação, constituindo a religião como porto seguro para a integração da identidade ou para o encontro de sujeitos que se encontram sem espaço (ou desintegrados), buscando um espaço para esse exercício de construção de si. Ao situar-se em um espaço que lhe possibilite um querer ser, o sujeito exprime o desejo de fazer o bem ou ajudar o outro/a, colocado pela dimensão religiosa.

Depois que você vê como é o grupo aí passa a ter uma visão diferente de você mesmo e dos outros. Você começa a tentar ajudar todo mundo. Vou fazer isso, vou fazer o que eu puder. Então é isso, depois que você entra, você quer ser, você quer ajudar alguma pessoa, então é isso, você se preocupa em realizar sempre o bem. Você preocupa em ajudar as pessoas (DAN, 17 anos).

Conforme o conceito de Woodward, a formação da identidade tem três aspectos - o social, o simbólico e o psíquico - e o sujeito faz suas escolhas sempre

em relação a um referente. Há, certamente, uma série de referentes: étnicos, nacionais, de gênero e outros. As religiões universais, para construírem suas novas identidades, necessitam de um indicativo global. A ecologia pode ser este paradigma. Assim a religião se atualiza de modo a responder às buscas atuais.

Assim como na religião, também se observam mudanças na publicidade, que já não é mais apenas fonte de venda, como no passado, e começa a promover um estilo de vida, sugerindo normas de conduta. Ela ocupa o papel da religião porque trabalha com os mesmos elementos dos ritos e símbolos de um mundo, com particularidades e exigências próprias. Por isso o discurso da religião combate o consumismo, explicitando a concorrência de espaços, de pontos que se constituem como construtores da identidade na sociedade atual.

Essa relação entre a publicidade e a religião pode levar o mercado a ser percebido como religião, e vice-versa. Ele carrega duas características das religiões tradicionais: a transcendência e a onipresença. Sua globalidade transcende os indivíduos, as classes sociais, as nações, envolvendo todos/as no seio de sua integralidade. Seu domínio não conhece fronteiras. A globalização re-insere legitimidade aos grandes relatos no contexto contemporâneo. Se estes espaços são pontos para a formação da identidade na sociedade atual, teremos diversas ofertas sendo apresentadas aos/às jovens, que vivem um tempo especial, de organizar de forma consciente os valores e suas escolhas para seus projetos de vida.

A religião poderá ser este lugar que o/a jovem encontra para a formação de sua identidade; na medida em que concretiza uma ação em favor da justiça social, uma formação de uma identidade política comprometida com uma causa. Por outro lado, na medida em que a concorrência com a publicidade assumo os valores da concorrência de mercado, poderá também, formar, da mesma maneira, identidades

políticas muito mais centradas nos valores do lucro em função de si mesmo e de seus interesses.

O grupo, portanto, pode ser este espaço gregário buscado pelo/a jovem que vive neste contexto e que encontra ali um espaço de construção de si e de seus projetos de atuação e inserção em sociedade mais ampla. Assim, o grupo é classificado como “muito bom” e tido como “força”. Além disso, no grupo ele/ela se sente “útil e importante” porque realiza ações como um “teatro, com apresentação do dia das mães”.

Nossa é tudo! É muito bom, muito importante, minha força, estar junto com meus amigos, sinto-me muito útil. Quando as irmãzinhas pedem para fazer um teatro, com um tema qualquer ou para a apresentação do dia das mães [...] eu me sinto útil, eu me sinto importante, uma peça importante do grupo dentro da comunidade (LPG, 18 anos).

Essa ação desenvolvida pelo grupo, por menor que seja, coloca o indivíduo frente à possibilidade de escolhas novas. Com isso compreendemos Hall (2000), afirma que a identidade é um processo e implica em estar todo o tempo assumindo mudanças provocadas pelo lugar do poder que não está mais centrado. O sujeito não é mais unificado, compõe-se de várias identidades, conforme a necessidade da cultura na qual está inserido. No caso do/a jovem sujeito da nossa pesquisa, ele/ela fala das características que superou, como a timidez, e se classifica como cristão porque “sabe fazer novas amizades”. Até fala de uma abertura para a aprendizagem (“melhorou as notas”). Com isso, o/a jovem amplia seus interesses e, com certeza, a sua identidade sofrerá, igualmente, outras alterações.

Tímido e muito sensível, vixe!!! E por qualquer coisa estava eu lá desabando. Pior que manteiga no sol - derretido. E aí está tudo resumido, tímido e por medo, muito das vezes, desistia das coisas muito fácil. Aí, num tinha um carisma, um espírito missionário. Talvez eu fosse muito caseiro. Como eu me vejo agora, depois de ter participado do grupo de jovens? Bem mais comunicativo, tanto que eu quero fazer jornalismo. Bem mais cristão, muito mais seguidor de Jesus e muito mais influente na comunidade. Sei fazer novas amizades assim facilmente, entende? E, também no que se refere ao intelectual eu me interessei muito mais em estudar. Poxa!!! Depois que eu comecei a participar do grupo, melhorou as

notas do colégio, o meu conhecimento do mundo, Este tipo, de modo especial história, este tipo de coisa assim (MAR, 16 anos).

Fica evidente que as alterações passam pela integração da pessoa. O entrevistado/a reconhece que antes de participar do grupo “não tinha um carisma um espírito missionário” e sinaliza que vai além da questão pessoal. O fato de ser missionário tem um caráter eminentemente religioso, podendo dizer que - por menor que seja a experiência de ação - está sustentada no religioso. Essa participação no grupo e nas ações, seja de apresentação de uma peça de teatro no dia das mães seja em ações missionárias dentro da comunidade paroquial, influencia na formação de sua identidade social. Essa participação poderá não ser classificada inicialmente como ‘política’ porque não participa de estruturas da sociedade civil, porém exercita o sujeito na vida comunitária ou social.

Essa participação, que é atuante, provoca mudanças na formação. Ainda assim a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo das representações. Ela faz com que o sujeito reproduza formas de comportamentos que deram certo e, por isso mesmo, com as alterações entre presente e passado na percepção do sujeito, ele/ela recorre à sua história passada para dizer de si. Reconhece que houve alteração na sua concepção de religião, na perspectiva de ter uma postura, e percebe o caminho feito pois afirma que “já consegue ter um posicionamento”, ou seja, assume identidade frente à realidade que o/a cerca, “não só religiosa, mas social”.

Era um caipirinha, falava errado. Tinha vergonha. Olhava sempre com a cabeça baixa, né? Na verdade eu me escondia, né? Tinha medo das palavras. Medo de participar das celebrações. Não sabia também, como são importantes os amigos, ainda mais alguns que indicam o caminho a ser seguido. Essas mudanças não vieram apenas com um encontro de jovens, mas encontros que tenham processo, com um pensamento que dá uma continuidade em algumas discussões, temas não só de religião, mas, também social, né? Perceber este caminho feito nos faz sentir feliz, porque a partir do momento que eu entrei no grupo, pouco a pouco, fui crescendo pessoalmente, né? E hoje eu me sinto uma pessoa que já tem bastante conhecimento. Uma pessoa que já consegue entender bem os projetos tanto de Igreja como de sociedade e que por isto, se sente um pouco

maduro, ainda não completo. Já consegue ter um posicionamento frente à realidade. Um posicionamento não só político, social, religioso mas uma visão de muitas coisas para a caminhada. Não só sente, porém na luta para a mudança nesta realidade. Hoje já perdi um pouco da vergonha, já consigo falar, mesmo que não uso as palavras mais certinhas, com o pouco de palavras que tenho, consigo soltar as idéias e não abaixar a cabeça. Já consigo posicionar frente a outros e as suas idéias (JDF, 24 anos).

Esse dado da memória na construção da identidade pessoal e social na juventude, em um espaço religioso, pode ser relevante, uma vez que é um tempo de negação de muitos elementos, inclusive do corpo infantil, em nome de outro corpo em afirmação. Com ele acontecem novas relações com as instituições, grupos e idéias. É o tempo de afirmar convicções. Será em seu contexto familiar e grupal que o/a jovem buscará espaços para essas escolhas. Esse exercício da duração, segundo Bachelard (1988), na juventude, será o tempo do sim e do não. As escolhas serão feitas pelos/as jovens, individualmente ou em grupos, possibilitando a sua inserção no grupo social onde vivem. Esta atuação poderá ser na perspectiva da conservação ou da transformação da sociedade a partir de ações que provocam a mudança.

Antes, eu, assim, não era muito assim ligada aí na igreja, não gostava nem nada, só ia porque minha mãe me forçava mesmo, depois que eu passo a ir, eu vejo assim que é bom pra você, te faz bem, você fica querendo ajudar os outros, né? Você chama pra ir. Vamos participar? É bom! Você vai ver (DAN, 17 anos).

As necessidades concretas experimentadas por estes/as jovens, especialmente a busca de espaços para organizar seus desejos, vão levá-los a espaços para concretizar seus sonhos e desejos. A publicidade e a religião são alguns dos referenciais que oferecem caminhos para ordenar estes desejos dos/as jovens de construir um futuro para si a partir das escolhas que são convidados/as a fazer. Poderão, assim, desencadear (ou não) uma atuação política. O que temos que reconhecer é “que as energias utópicas não estão esgotadas, que os/as jovens

têm desejo de um mundo melhor e apostam em sua capacidade de transformação” (VENTURI; ABRAMO, 2000).

O idealismo de construir um mundo melhor poderá encontrar nas respostas religiosas uma força que os levará a se agrupar com outros coetâneos, com espaço para partilhar a vida, os sofrimentos das mudanças que experimentam, os conflitos vividos consigo mesmos e na relação com as demais gerações, nas diversas instituições dos quais eles/elas participam. Há casos em que, no conflito com a outra geração (“minha mãe forçava mesmo”), descobrem alguma razão interior “que faz você ficar querendo ajudar o outro”. São valores religiosos que passam a mobilizar esta geração (“vamos participar?”) como um espaço reconhecido como “bom”. Mesmo que permaneça somente na esfera do desejo, essa participação contribui na sua formação pessoal. Não revela ainda que há uma intervenção social mas indica que o grupo é um espaço de formação da pessoa, mesmo que não seja de uma identidade política e de intervenção nos movimentos sociais articulados na sociedade.

Neste sentido vai a afirmação de que toda religião permite ao ser humano enfrentar o mundo com mais segurança (DURKHEIM, 1989). Deus é uma expressão figurada da sociedade que une os indivíduos entre si para formar a sociedade da qual são membros. “A força religiosa é apenas um sentimento que a coletividade inspira aos seus membros, mas projetado fora das consciências que a experimentam, é objetivado” (DURKHEIM, 1989, p. 285). Se a religião representa esse sentimento de pertença ao grupo, ela é constituída de idéias e sentimentos humanos, mas, ao mesmo tempo, como ser irmanado. Em toda sociedade ela exerce a sua ação. O sentimento coletivo só pode ser consciente se fixado sobre um objeto material.

Portanto, qualquer grupo de pessoas organizadas em um espaço e num tempo determinado tem a religião como uma espécie de elo, porque ela o organiza, com base em determinados aspectos da vida pessoal ou social dos seres humanos. A religião responde a buscas humanas concretas, que se dão num tempo e num espaço determinados.

Segundo Bergson (1999, p. 29 - 30), a percepção dispõe do espaço na exata proporção em que a ação dispõe do tempo. Não há percepção que não esteja impregnada de lembranças. A compreensão é construída por lembranças ou recordações que outros (do nosso grupo) transmitem. As novas gerações evocam esta memória coletiva para construir seu *Ethos*.

Não podemos nos esquecer, porém, de que a memória é um trabalho sobre o tempo, sobre um tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo. Hoje é o tempo da mercadoria esmagando o tempo da amizade, do familiar e do religioso. A memória poderá reconquistar o tempo na medida em que se fizer um trabalho sobre o mesmo, abarcando esses tempos marginais e perdidos nas vertigens mercantis, como nos recorda Ecléa Bosi (2004).

Bosi (2004, p. 54) afirma que a comunidade familiar ou grupal exerce uma função de testemunho e intérprete destas experiências. O conjunto das lembranças é, também, uma construção social do grupo em que a pessoa vive e onde coexistem elementos da escolha e rejeição em relação ao que será lembrado.

Neste sentido, a experiência vivida no grupo contribui para a formação da identidade política dos sujeitos na medida em que as representações construídas pelos/as participantes revelam que a busca pelo grupo não é somente uma saída da anomia a que estão submetidos/as pelas alterações sociais ou a afirmação pessoal, como a superação da timidez. Os dados da pesquisa revelam que não há somente

um aspecto fechado. Está mais explícito nos depoimentos, contudo, o grupo como este espaço de superação da anomia, seja pelo porto seguro que representa na perspectiva religiosa, seja pelo exercício do encontro com outros/as jovens para a afirmação de valores sem a interferência direta da família. A religião tem esse valor “missionário” e de ações realizadas pelo grupo, bem como o teatro, e que podem alterar e contribuir na formação do *ethos* numa perspectiva política.

2. 2 POLÍTICA

A política, segundo o cientista político Lasswell, “é o estudo da formação e divisão do poder. O ato político é aquele realizado dentro de perspectivas de poder” (LASSWEL apud DAHL, 1966 p. 18). Essa definição ampla inclui grupos religiosos, sindicatos e tribos. As lideranças desses grupos são, normalmente, orientadas para os diversos tipos de exercício do poder, tais como o ditatorial, o democrático, o representativo, entre outros. Nos grupos citados por Lasswell se utiliza muito o termo política e politicagem para o interno do grupo ou da associação. Pode-se considerar “política” de forma ampla, como uma postura frente ao mundo. Um/a professor/a, médico/a, um/a faxineiro não são apenas profissionais; eles/elas exercem política a partir de sua visão de mundo e dos valores que assumem para sua postura na realidade.

Neste sentido tomamos a idéia de poder como algo próprio das relações humanas. As pessoas procuram a autoridade e elas, de modo geral, lutam pelo poder ou algo semelhante (DAHL, 1966, p. 21).

O dicionário de Ciências Sociais caracteriza a política como uma atividade livre, polêmica, uma decisão que concilia decisões conflitantes, a união que se manifesta como poder normativo, que influencia na ordem, que se formaliza em normas jurídicas e, por fim, uma orientação para a realização de fins e para a seleção de meios adequados para a tomada de decisão em relação à ordem. (AGESTA, 1987, p. 922).

Na definição de política de Hannah Arendt (2006, p. 21 - 9), “a política trata da convivência entre diferentes”. O enfoque está na convivência com o diferente, o que complementa a relação de poder. Para a autora, o ser humano se percebe no caos da diversidade e sua organização inicial parte do princípio de igualar a diferença. É a primeira organização da família. Aí está o princípio da ruína da política, que assume este modelo na sua extensão, dizendo que Deus não cria somente o ser humano, mas cria também a família, tornando simbólica a “sagrada família”. Ao assumir este princípio a política “anula a qualidade básica da pluralidade ou a perde através da introdução do conceito de parentesco”. Neste conceito, dessa autora citada, a política é assumida como essência do ser humano, um “conceito que não procede, porque o ser humano é a-político” e porque a política surge fora do ser humano. Ela se localiza no inter-espço.

Outro aspecto é a concepção monoteísta de Deus, isto é, do homem criado à imagem da solidão de Deus. Esse mito torna, no ocidente, a política inviável e, por essa razão, segundo Arendt, a história substitui a política no ocidente. Essa idéia do mito judaico-cristão daria ao ser humano a capacidade genética de organizar o ser humano segundo a imagem da criação, o que seria um absurdo porque a própria criação de Deus está sustentada no princípio da diversidade. Para ela, “a política

nada tem a ver com isso porque essa organiza, de antemão, as diversidades absolutas de acordos [...]” (ARENDR, 2006, p. 21 - 9).

O ponto central, para Arendt, é “a preocupação com o mundo e não com o homem” e com um mundo organizado porque, em toda a parte, os seres humanos se agrupam por algum motivo (vida privada, social, público-política). Há sempre um espaço e um tempo que os reúne e, ao mesmo tempo, ocorre um inter-espaço que torna humanas todos os assuntos. Este espaço é o mundo, que tem diversas proporções e abrangências à ação pelos seres humanos reunidos. Eles/elas agem neste mundo e são levados exatamente por este condicionamento (ARENDR, 2006, p. 33 - 6). A política é o exercício voltado para a organização do externo ao ser humano. O que a autora chama de inter-espaço está fora de todos e, ao mesmo tempo, os reúne em torno do interesse pelo bem comum. Neste sentido a política não é própria do ser humano; ela se faz necessária por causa de sua condição gregária e dos interesses que se colocam para a sua existência.

Segundo este conceito de Arendt, a concepção de política no ocidente está fundada na perspectiva do mito religioso. Ele/ela inverte o conceito afirmando que todos somos políticos/as por natureza. Em segundo lugar, somos todos/as iguais porque somos da mesma “família sagrada” de Deus. Arendt afirma que a política se dá fora de nós e tem como tarefa intervir no mundo nas suas diversas proporções. Conseqüentemente, o grupo pode ser um espaço deste exercício da percepção do sujeito neste mundo (“grupo”) para uma atuação em outros mundos mais amplos. Outro aspecto importante é que a política é a arte de conviver com a diversidade e a vida em grupo e, para o/a jovem, um espaço para perceber-se diferente do/a outro/a e acolher, ou não, a diversidade do mundo. Segundo este conceito, o fato de o sujeito inserir-se em um grupo qualquer, pelo fato de conviver com o diferente, o

obriga a expressar-se e a construir consensos mínimos a partir do exercício do poder que lhe confere a participação.

Entre os/as jovens isto pode ser observado quando dizem que a busca pelo grupo é um desejo de “querer viver em grupo e não querer viver sozinho” ou de “uma luta em comum” ou, até mesmo, conhecer melhor o mundo em que se situa: “discutir assuntos que são da sua realidade”. No grupo, como o lugar de perceber uma causa comum traduzida como “um ideal”: sair da sua solidão para, junto com outros, atuar no mundo a partir de uma causa comum.

Bom, primeiro porque eu acho que essa coisa de viver em grupo, de não querer viver sozinho e de achar um grupo, de querer fazer amizades, de achar algo em comum, uma luta comum, interesses, discutir assuntos que são da sua realidade e ali no grupo ele vai encontrar pessoas que acreditam nas mesmas coisas, que acredita nas mesmas lutas. Então eu acho que é isto para viver mesmo no grupo, com um ideal (JR, 22 anos).

Na questão política, Bourdieu (2003, p. 159) afirma que “a política é o lugar, por excelência, da eficácia simbólica, ação que se exerce por sinais capazes de produzir coisas sociais e, sobretudo, grupos”. Ele toma o grupo como lugar da política, com suas hierarquias, distribuição de tarefas, com possibilidades de projetos para além de si, com um discurso. O grupo de jovens oferece este espaço para o confronto das diferenças entre os/as participantes. Percebe-se que o discurso que se anuncia neste espaço, bem como sua identidade, evidencia o reconhecimento da crença que os une como membros.

O fato de construir o grupo já é um exercício simbólico da política. O/a jovem sai do mundo individualizado para um mundo onde inicia o exercício do poder, marcado por hierarquias. Entre os/as entrevistados/as percebe-se que a motivação inicial que leva o/a jovem a integrar um grupo são necessidades concretas: “preencher o tempo”, conquistar uma menina (“eu tava gostando de uma menina”), integrar-se em novo lugar (“eu era tímida”), vencer a timidez, realizar desejos (“eu

fiquei de olho querendo fazer amizades”). Esses motivos revelam o desejo de sair de um estado de anomia, como foi dito antes.

Eu tava passando na porta da Igreja [...] falaram grupo de teatro, grupo de jovens, eu fiquei curioso, também tava gostando de uma menina (ALF, 21 anos).

Eu tava sozinha, tava frustrada, querendo buscar algo para preencher meu tempo, eu fui muito tímida (EC, 23 anos).

Eu cheguei com toda minha família, nesta rua tinha umas meninas muito 'zuadeiras' [...] aquela alegria me chamou atenção [...] eu fiquei de olho nelas, querendo fazer amizade mas era tímida. Uma delas era coordenadora [...] (CS, 22 anos).

O conceito de política em Giddens acentua que uma de suas capacidades é a emancipação. Afirma que a política apresenta dois elementos principais: o primeiro é o esforço para romper com as algemas do passado, permitindo assumir uma atitude nova e transformadora; o segundo é o objetivo de superar a dominação ilegítima de alguns indivíduos e grupos por outros.

O fato de superar a timidez, integrar-se no grupo e romper com algumas mentalidades postas pela situação sócio-econômica faz do exercício do grupo um lugar de emancipação porque constrói uma nova representação sobre si e sobre as condições materiais em que vivem.

Giddens (2002, p. 195 - 6), assim como Bourdieu, considera que a política opera com a noção de hierarquia do poder. Esse poder é entendido como a capacidade de um indivíduo ou um grupo em exercer sua vontade sobre os outros, reduzir ou eliminar a exploração, a desigualdade e a opressão. A política emancipatória, objetivando libertar as pessoas da situação de opressão, implica a adoção de valores morais e, assim, funda-se no imperativo dos valores de justiça, de igualdade e de participação e tem como princípio mobilizador a autonomia. “A emancipação significa que a vida coletiva é organizada de tal maneira que o

indivíduo seja capaz – num ou noutra sentido – de ações livres independentes nos ambientes de sua vida social” (GIDDENS, 2002, p. 196). Isso, contudo, não significa que é algo mágico. É um processo no qual o indivíduo vai formulando as perguntas e desconfiando das afirmações que levam para a opressão e não para as escolhas livres das pessoas.

Ao ser perguntado sobre o porquê da permanência no grupo, o/a jovem afirma que é “pelo protagonismo” ou, ainda, que “no grupo tem o direito de falar, escutar, crescer”. Afirma, também, que as diferenças apresentadas pelo grupo fazem-no encontrar um sentido para a própria vida e uma conquista de outros benefícios para si e para os outros. É o que o aspecto da diversidade, do conceito de Arendt, do simbólico e da hierarquia, de Bourdieu, e da emancipação de Giddens que afirmam.

Explicitando as qualidades do grupo da comunidade paroquial o/a jovem refere “que é pela pessoa de Jesus” . Esta pode ser lida como qualidades atribuídas a Jesus e desejada pelo/a jovem, indicando que o protagonismo ou o direito, ou mesmo o reconhecimento da diversidade própria do grupo, neste em especial, está marcado pela idéias religiosas que sustentam este conteúdo. O depoimento afirma que sendo “o grupo é de pastoral” amplia para a idéia de articulação de equipes. Embora não trate de uma atuação em movimentos sociais ou partido político, essa atuação em pastoral significa discutir temas e organizar mobilizações com jovens, como o Dia Nacional da Juventude⁶ e Semana da Cidadania, com temas como Políticas Públicas e de direitos. Porém, esta questão não pode ser tratada de forma

⁶ O Dia Nacional da Juventude – DNJ é um evento que envolve todos os grupos das comunidades paroquiais. Os temas estão sempre ligados a questões sociais. No ano de 2006 foi a construção de um Brasil popular. O tema foi tratado com três roteiros e uma celebração. Utiliza-se, em geral, de recursos da música popular brasileira, de poesias, de textos que ajudem os jovens a refletirem sobre o temas nos seus grupos e a trabalhar o tema com outros jovens.

que envolva todos os/as jovens que participam dos grupos das comunidades paroquiais.

Eu acho [...] que é pela pessoa de Jesus [...] pelo protagonismo quando a gente vê que no grupo a gente tem direito de falar, de escutar, de crescer. Quanto à gente encontra pessoas diferentes na caminhada a vê o sentido da nossa, sempre está no grupo [...] quando é o grupo da pastoral é mais importante ainda, porque a gente não está apenas num grupo, mas num grupo que luta pela permanência do/a jovem como coordenador, que ajuda na caminhada. Ele prepara. Ele faz junto com toda equipe, feliz, aí o dia a dia vai crescendo, não só pessoalmente, mas como grupo, né? (JDF, 24 anos).

Gohn (2005), assim como os autores citados (Giddens, Bourdieu e Arendt), concorda que a política se dá neste espaço do exercício da fala e da construção, a partir do coletivo, de uma nova cultura que envolve pessoas, desejos, símbolos e projetos.

Política com P 'maiúsculo', relativo à arte da argumentação e do debate dos problemas públicos, constrói uma cultura política pública e, além disto, envolve símbolos, mitos que expressam e catalisam os sentimentos, sobre a ação dos indivíduos, agindo em grupo, em função da política (GOHN, 2005, p. 34).

Gohn afirma que esse exercício de poder tem o nome de participação e que essa vivência em grupo, ou movimento, muda o lugar do sujeito na história. Abre o sujeito para uma nova consciência e postura no mundo, com valores e com intervenções diferenciadas.

Entendemos a participação como um processo de vivência que imprime sentido e significado a um grupo ou movimento social, tornando-o protagonista de sua história, desenvolvendo uma consciência crítica desalienadora, agregando força sóciopolítica a esse grupo ou ação coletiva, e gerando novos valores e uma cultura política nova (GOHN, 2005, p. 30).

Nesta mesma direção vai a postura de Melucci (2001, p. 97), que concorda que, nesta sociedade, os grupos são as redes que formam os movimentos, tecidos nas relações, na solidariedade e na busca de um exercício coletivo da vida em sociedade. Esse circuito difere da imagem do ato coletivo politicamente organizado.

É o sujeito que se envolve a partir do relacionamento que cria no grupo e com as causas que defendem.

Existe um inter-relacionamento crescente entre os problemas da identidade individual e a ação coletiva; a solidariedade do grupo não está separada da busca pessoal e das necessidades afetivas e comunicacionais dos membros, na sua existência cotidiana (MELUCCI, 2001, p. 97).

O grupo é visto pelos/as jovens como espaço de participação e, também, como espaço de superação: “o grupo de jovens abre horizontes maiores” e é uma das razões porque ele atrai jovens. Abre o sujeito para causas maiores, além do que está determinado pelas suas condições e para “tentar mudar a realidade da vida”. Percorrido o caminho individual, sai da acomodação, do caminho traçado e abre oportunidades para causas mais amplas. É capaz de organizar-se para a busca de um ginásio de esportes para os/as jovens do bairro.

[...] muita gente fala que vai para o grupo de jovens porque não tem nada para fazer no domingo e, aí vai lá [no grupo] continua participando com a esperança de conseguir alguma coisa de novo, talvez mudar a realidade da vida, que foi o meu caso. Tentar dar outro rumo para a vida, porque ao menos os grupos de jovens que estão nas regiões mais pobres, a juventude, têm mais ou menos o destino traçado de continuar as mesmas coisas dos pais: casar, ter filhos e continuar naquela vida, vidinha normal. Mas o grupo de jovens abre um horizonte maior, mostra que se pode conseguir coisas que você quer [...] (GSA, 17 anos).

[...] viver é muito mais que isso, é você ajudar o outro, você se preocupar com grandes questões, que envolvem a tua sociedade o teu mundo (JR, 22 anos).

O carisma da Teologia da Libertação tem aquela coisa de lutar pelos direitos, de admirar Che Quevara e de fazer as críticas sociais. Tanto que o grupo de jovens, nós conseguimos um Ginásio, lá no setor, graças ao grupo (MAR, 16 anos).

Algumas ações citadas, tanto no âmbito pessoal como no da comunidade, fundamenta-se no princípio da Teologia da Libertação, que propõe a libertação do sujeito a partir de suas condições sócio-econômicas e contribuem igualmente para a construção de referências para a representação social dos/as jovens. Por isso que “Che Guevara” se torna um referencial a projetar-se na sua vida. Neste sentido, a

identidade formada no grupo e assimilada pelos/as jovens guarda, não de forma generalizada, um *ethos* político marcado pela libertação de um povo e sustentado em idéias religiosas (ao menos) em alguns dos/as entrevistados/as.

Essa idéia de Melucci, dos grupos serem redes que atuam, se confirma nos grupos paroquiais, com algumas de suas lideranças atuando em causas muito além dos interesses dos/as jovens, de modo especial os/as jovens pobres, porque não tem acesso a determinadas informação. Isso é reconhecido no documento sobre políticas públicas da UNESCO (2004, p. 74), que diz que o Brasil tem uma participação da juventude nos movimentos críticos e de políticas de ajustes, de modo direto com o FMI e a efetivação do tratado do livre comércio (ALCA). Diz ainda o documento que o movimento está relacionado com a Igreja Católica e tem uma presença significativa das pastorais de juventude. Esse dado foi confirmado num questionário que aplicamos na diocese de Goiás, para a realização de um plano de formação, em 2004, assumido pela coordenação Diocesana da Pastoral da Juventude. O questionário tinha a finalidade de sondar os temas de interesses dos/as jovens dos grupos na mesma questão citada pelo documento da UNESCO. O resultado foi que 90% declararam que esse tema era importante para a vida do/a jovem, o que corrobora a idéia de que os/as jovens dos grupos paroquiais têm possibilidade de se envolver em causas mais amplas da sociedade. O fato de serem colocados frente a questões mais amplas não significa no entanto, que todos/as os/as jovens que entram para esses grupos fazem um processo de envolvimento e participação nessas causas. Pode-se afirmar que a maioria dos/as jovens que integram os grupos, depois de terem respostas às questões mais urgentes, deixam o grupo.

Na pesquisa “Vida dos Grupos de jovens”, realizada no ano de 2006⁷, com grupos paroquiais, revela que os grupos estão articulados numa rede solidária que vai além do grupo. A experiência da vida em grupo, para alguns/mas jovens, possibilita que estes/as a ampliem para outros espaços ou, como diz Arendt, outros mundos.

Ele (o grupo) vai em busca de seus sonhos, ai a gente vê que a realidade hoje é que o jovem de vários lugares diferentes, que tem uma formação no grupo, encontra com outros grupos noutros locais como formação de trabalho, mudanças e tudo mais, e lá, ele vai reencontrar e refazer seus grupos no pensamento, né? É a partir desse momento que a gente vê que a rede começa realmente. Pessoas que saem de um lugar e vai pra outro começam a construir uma rede de ligação que não tem fim com grupo de onde ele saiu, que ele sempre ainda continua em contato com várias pessoas, vários membros, e a partir desse momento a gente vê que todas as organizações de grupos possibilitam o crescimento, a caminhada (JDF, 24 anos).

Esse/a entrevistado/a conta que a experiência da vida em grupo passa a fazer parte do seu modo de pensar: “a gente vê que a rede realmente começa”. Mesmo quando o sujeito deixa o grupo, a pertença continua porque o grupo passa para o mundo interno: “reencontrar e refazer os grupos no pensamento” continua com uma ligação afetiva uns com os outros/as. Essa percepção da organização em rede pode ser lida como parte das mudanças sócio-culturais, das novas formas de organizar o poder em uma cultura percebida pelos/as jovens que fazem a experiência. A própria forma de compreender o grupo na perspectiva de rede pode ser um exemplo de um novo *ethos* concebido atualmente pelos/as jovens.

Quase todos os/as jovens entrevistados/as afirmam que a entrada para o grupo de jovens rompeu com o silêncio no qual viviam confinados/as, seja pela família ou pelo modelo escolar que não prima pela participação. O grupo é o espaço de recuperação da fala, de superação da vergonha das condições a que estão

⁷ A pesquisa sobre a Vida dos Grupos de Jovens foi realizada no ano de 2006, na qual participei na coordenação da equipe.

submetidos pelo poder econômico e, também, o espaço de diálogo com a diversidade, através dos acordos entre os/as participantes.

O exercício da vida em grupo é um exercício político-cultural e contribui para a construção de uma nova cultura política porque constrói a partir de direitos humanos (entendidos como uma somatória dos direitos sociais, econômicos, políticos e culturais, e não como uma estrutura hierarquizada de direitos). A cultura política pressupõe uma cultura ética, com civilidade e respeito ao outro (GOHN, 2005, p. 35).

Esse novo na cultura política pressupõe uma nova relação entre as pessoas, uma superação por dentro da cultura patriarcal, com todos os seus vícios, privilégios, clientelismos e patrimonialismos. “Trata-se de uma cultura política gerada por processos nos quais diferentes interesses são reconhecidos, representados e negociados, via mediações sociopolíticas e culturais” (GOHN, 2005, p. 35).

Entendemos como projeto sociopolítico e cultural de um grupo, organização ou movimento social, o conjunto de crenças, valores, ideologias, formas de conceber e de fazer as ações sociais coletivas concretas (GOHN, 2005, p. 35).

Quando perguntado/a sobre as razões para permanecer no grupo, o/a jovem confirma que é pelo engajamento social e pelas transformações na realidade local. Ele/a afirma que a história do grupo no bairro já tem 26 anos e que o grupo participou das melhorias e conquistas de direitos sociais na comunidade. Afirma, ainda, que - como o bairro já está organizado - “hoje a ação está mais com essa questão da conscientização dos/as jovens. Essa questão de o/a jovem não aceitar o que colocam para ele/ela, mas questionar, lutar e participar dessas coisas” (EC, 23 anos).

Essa construção da participação em pequenas ações, sejam elas no nível mais pessoal ou da comunidade local ou bairro, é percebida nas entrevistas, porém,

apesar da participação no grupo, a construção da identidade política dos sujeitos não se vê confirmada quando se trata das decisões dos políticos sobre a vida em sociedade. Estes mesmos/as jovens, quando perguntados sobre “os políticos” na pesquisa nacional do Instituto Cidadania, colocam o grau de confiança nos políticos em último lugar (ABRAMO; BRANCO, 2005, Tabela 69, p. 408). Da mesma forma os/as jovens que participam da Casa da Juventude, ao responderem à ficha de inscrição, são convidados/as a informarem o grupo que lhes inspira maior confiança. O resultado indica que os políticos, neste caso, recebem as notas mais baixas⁸.

Essa reação contra a política institucional pode ser explicada, segundo Arendt (2006), pelas decisões dos políticos neste século XX. Como diz a autora, eles levaram a política a ser atingida pela ausência de sentido e a se atolar na falta de solução para os problemas da humanidade e em questões isoladas. Essa política tem como referência o uso da força, como a bomba atômica, e não aponta nenhuma solução para o mundo a não ser por uma espécie de milagre. Para recuperar a esperança, Arendt propõe uma nova leitura para o milagre, para além dos dados religiosos. Propõe que algo de novo aconteça, de forma inesperada. “Neste sentido”, diz a autora, “a transcendência religiosa da crença no milagre corresponde à transcendência real demonstrável de cada começo em relação ao contexto do processo no qual penetra” (ARENDR, 2006, p. 42). Todo começo, segundo ela, para a salvação ou desgraça, pode apresentar-se como um milagre. Portanto, algo que possa surgir pequeno, a partir de experiências pessoais e grupais e que provoque um novo olhar sobre o tema da política e do exercício do poder.

⁸ A ficha propõe dar uma nota de 1 a 6, em ordem crescente, sendo o número 1 para o grupo que lhe inspira maior confiança. Neste caso, propõe cinco grupos e o último é uma opção aberta. Na maioria dos casos, ela não é preenchida, no entanto os políticos recebem nota 6. Em primeiro lugar está a família (56%, somando as notas 1 e 2); em segundo lugar estão a Igreja (38%) e os amigos (37%, somando as notas 2 e 3); em quarto lugar vem a Escola (27%, com notas 3 e 4) e, por último, os políticos (47%, com as notas 5 e 6).

Ribeiro (2003), em um estudo sobre a pesquisa apresentada pelo “Projeto Juventude” do Instituto Cidadania, afirma que estamos num tempo em que a “política casou com a democracia”. Para ele a democracia veio gerir a crise – desigualdade social, guerras, depredação da natureza, não respondeu a esta demanda e, por isso, gerou uma ausência de respostas esperadas e uma indignação, da qual os/as jovens participam. O mesmo autor recorda, ainda, que o fenômeno da juventude como contestadora nasce, na modernidade, com a Revolução Francesa. Até então, os/as jovens usavam perucas para fazerem-se mais velhos. Portanto, a política referia-se a pessoas mais velhas, tidas como experientes. Depois da Revolução Francesa a juventude foi assumida como valor positivo, mas, ao mesmo tempo, contudo, nasce o conceito de juventude como perigo. Os/as jovens, então, passam a ser objetos de disputa de dois grupos: por um lado, pelo grupo revolucionário de esquerda; por outro, pela publicidade, usando os/as jovens como destinatários dos anúncios. Hoje, esses dois campos não são tão antagônicos, considerando, por exemplo, que o revolucionário Che é objeto de consumo.

No entanto, há sinais do milagre apontados por Arendt. Os/as jovens estão presentes, por exemplo, em outros espaços de participação, como o Fórum Social Mundial⁹. Em 2005, na pesquisa do IBASE sobre o perfil do participante, se constatou-se que 42,2% dos participantes do Fórum Social Mundial são jovens de 14 - 24 anos. Da mesma forma, na pesquisa nacional do Instituto Cidadania, os/as jovens - quando perguntados sobre a política e a sua importância - 54% deles afirmam que é muito importante: 33% dizem que é mais ou menos importante e somente 13% acham que nada é importante ou não sabem. Os/as jovens reconhecem que a política influem na sua vida pessoal e ainda acham que, como

⁹ Dois jovens que participaram da entrevista participaram da última edição do Fórum Social Mundial, que aconteceu no Brasil.

pessoa, influi pouco na política (ABRAMO; BRANCO, 2005, TABELA 57, 65, p. 400 ; 406).

Os dados confirmam que há uma desconfiança nos líderes. Há muitas promessas que a democracia não conseguiu cumprir, além de ficar patente uma corrupção generalizada. Nem por isso se pode dizer que o/a jovem é indiferente à política no sentido mais amplo. Mesmo que esta viva uma crise de sentido, os/as jovens reconhecem a sua importância para o mundo e para as suas vida.

Se, por um lado, os políticos são tratados com desconfiança, os movimentos sociais e os diferentes Conselhos (Tutelares, de Defesa, de Bairro, entre outros) são reconhecidos pelos/as jovens como espaços de participação e de intervenção social na construção de seus projetos de vida, com políticas públicas garantidas. Basta observar que os/as jovens, ligados à Pastoral da Juventude, estão empossados no Conselho Nacional da Juventude desde a sua fundação em 12 de agosto de 2005, como representantes da Sociedade Civil. Tanto Elen Linth (AM) como Renato Barbosa (ES)¹⁰, fizeram suas experiências em grupos das comunidades paroquiais.

Se o grupo pode ajudar na libertação das amarras pessoais, situar-se no mundo em relação aos iguais, na relação com outros grupos, no contato com as realidades mais amplas, ocupadas por tarefas de organização do mundo, encontra-se neste “lugar” o poder de começar um processo que possa contribuir na construção de novas relações para a formação de espaço e de tempo que respeitem as diferenças. Por outro lado, temos que recordar que não é um espaço perfeito ou pronto, tendo em vista que é um espaço com participação de poucos/as jovens. Temos, de fato, o direito de esperar milagres? Como construir estes novos sujeitos a

¹⁰ Membros efetivos do Conselho Nacional da Juventude, órgão ligado a Secretaria da Presidência da República, com 60 cadeiras, sendo 40 das organizações juvenis da sociedade civil e 20 governamentais.

partir de projetos de vida pessoais que englobem a construção do ser político como uma condição?

2.3 JUVENTUDE

A definição de juventude mais utilizada é a de ‘passagem’, que se refere ao ciclo da vida em que as pessoas passam da infância para a fase adulta. Quanto ao início do período há mais consenso a partir do viés biológico, pela maturação do corpo. O ano que marca o final provoca discussões suscitadas, de modo particular, pela condição social que os/as jovens vivem. Com as mudanças da sociedade, hoje, a idade final tende a se alargar. A ONU reconhece a idade de 15 a 24 anos¹¹. No Brasil, com a instauração do Conselho Nacional da Juventude, com os diversos estudos e pesquisa que têm sido desenvolvidos sobre o tema, estabeleceu-se a faixa 15 a 29 anos para a juventude. É esta faixa que determina as políticas públicas para o segmento.

Os/as jovens entrevistados reconhecem que ser jovem é a “fase da transição entre a infância e a fase adulta”. Uma passagem. É muito corrente, no senso comum, conceituar juventude apenas com este critério.

Bom, ser jovem é em primeiro lugar uma fase de transição que a gente vive da infância para a adolescência e da adolescência para a fase adulta. Então na juventude começam as responsabilidades (CS, 22 anos).

Outra forma de conceituar a juventude é através da geração, um recorte etário entre 15 a 24 anos. Estas pessoas estão fadadas a passar a vida juntas e viverão a mesma realidade em estágios vitais semelhantes: estudarão, terão filhos,

¹¹ A Assembléia Geral das Nações Unidas define jovem como sendo um grupo de pessoas com idade entre 15 e 24 anos. Essa definição data de 1985, Ano Internacional da Juventude.

engajar-se-ão ou não em movimentos sociais, culturais e políticos. Os/as jovens de hoje nasceram em tempo de grandes alterações na cultura e na economia (SINGER, 2005, p. 27).

Esse conceito de geração está presente nas entrevistas feitas com os/as jovens. Isso se mostra nas comparações entre gerações, reconhecendo, de forma idealizada, as gerações passadas e fazendo comparações com a geração atual. “Ser jovem é bastante difícil porque a juventude de hoje não é como antes, mudou muito. E muitos/as jovens acabam indo para o que a mídia fala” (LPS, 21 anos).

Carrano (2000) afirma que tratar do tema juventude exige algo mais do que somente faixa etária. Ele considera que as classificações sobre o tempo em que se é adolescente e jovem, variam de acordo com a sociedade, como exemplo uma sociedade industrializada e uma comunidade rural. No senso comum, o tema está vinculado ao conceito de idade ou da imaturidade psicológica. Para o autor, os/as jovens compõem um agregado social flutuante.

As idéias que os/as jovens têm de si, além de passar pelo transitório, estão carregadas de contradições. Se, por um lado, acreditam que o tempo da juventude é para o gozo da vida, ou seja, um tempo de lazer porque para alguns “ser jovem é aproveitar e dançar, é brincar e se divertir em comunhão com outros” (CS, 22 anos), por outro lado, também acham que é um tempo de responsabilidades que começam a ser exigidas deles/as nos espaços dos quais participam.

É começar a ver o mundo de outra maneira, preocupar-se com outras questões que antes não preocupava. Questões do mundo, né?. Preocupar em formar-se como pessoa, em ajudar o outro, em fazer um projeto de vida, em ter um projeto de vida [...] perceber sua identidade mesmo, né? Criar uma identidade e de se perceber como pessoa e o seu papel no mundo (JR, 22 anos).

Há um discurso corrente no cotidiano que afirma que os/as jovens representam o futuro, assumiram, portanto, um não lugar, porque sempre estariam projetados/as para o futuro. Ao mesmo tempo, reconhecem que o tempo da juventude é o das opções, de organizar os seus projetos de vida, desde agora, porque essas escolhas estão sendo feitas no presente e não no futuro. É “viver o agora” como garantia de um futuro melhor.

Ser jovem é você ter esperança, perspectiva de vida. É viver agora pois as pessoas falam ‘que ser jovem é o futuro: Não. Os jovens são agora, para que o futuro seja melhor ainda, entendeu? Acho que jovem é isto: você ter um ideal, o tempo que você tem para planejar sua vida pra tá ajudando, para tá manifestando as coisas que você quer para o futuro, entendeu? (LC, 19 anos).

Sandoval (2002), comentando a concepção de juventude como apenas um invento sociológico, referindo-se a uma etapa da vida, situa o aparecimento do conceito juventude quando surgem as escolas. Neste sentido, o conceito de juventude assume o caráter de “moratória”, de período de preparação para o mundo adulto. O autor afirma, também, que não se pode compreender este fenômeno só pelo aspecto cronológico ou sociológico e – muito menos - reduzir a compreensão sobre a juventude somente à questão etária.

O autor (2002, p. 159 - 164) aponta sete perspectivas para a conceituação de juventude: 1) a psicológica, como etapa de maturação do desenvolvimento humano; 2) a histórica, aprofundando o aspecto da geração, estudando a juventude a partir de um contexto histórico, indagando sobre o que passa pelo mundo; 3) a social, no tocante às classes sociais e às estratificações sociais, acompanhadas pela desigualdade da distribuição da renda, tendo presente em cada classe o modo de falar e de vestir, explicitando as características da classe à qual pertence; 4) a antropológica, em que se aproxima do conceito de cultura, identificando-se o conceito com subculturas juvenis e aprofundando os aspectos dos valores e o modo

como o mercado ocupa lugar na subjetividade; 5) a territorial, identificando o *habitus* e considerando que viver em um determinado setor não é o mesmo que viver em outro (tamanho das casas, ou morar na rua), com ou sem espaços para viverem suas atividades, as relações com o consumo de drogas; 6) a de gênero, isto é, o ser homem ou ser mulher, com as suas heterogeneidades, em uma sociedade machista, manifestando-se inclusive nas diferenças salariais e 7) a étnica, desde a memória até os aspectos pluriétnicos em que vivem os/as jovens. Com estes aspectos trazidos por Sandoval podemos observar que o conceito tem diversas interfaces.

Quero concordar com Groppo (2000), que propõe entender a juventude como categoria social, o que tem importância crucial a compreensão das diversas características da sociedade moderna, o seu fundamento e suas transformações. É um recurso iluminador para a metamorfose da própria modernidade em diversos aspectos, como o mercado de consumo, o lazer, a religião e as relações cotidianas. Groppo afirma que a representação é uma situação social simbolizada e vivida com muita diversidade na realidade das sociedades.

O autor destaca, ainda, que um dos traços marcantes, nas vivências juvenis, são os grupos concretos que constroem identidades de jovens diferenciadas, de acordo com os símbolos e estilos adotados em cada um dos grupos, em particular, considerando aspectos de gênero, de localização e de classe.

A localização do/a jovem no grupo faz com que este/a se perceba de modo concreto em um espaço, com desafios postos pela sua realidade pessoal. No caso dos/as jovens pesquisados/as, localizam-se como classe e percebem os caminhos a serem trilhados desde a sua condição. Verifica-se isso em um caso dos/as entrevistados/as ao situar em relação a sua entrada no grupo e as mudanças que este provocou na sua vida. Altera a representação de si e de sua classe (“abriu o

olhos”) e abre novas possibilidades (“entrar em uma universidade pública”) descobre caminhos (“estudar”) e participação em “congressos e eventos” com reconhecimento de que o caminho feito alterou o seu modo de ver o mundo, sua “consciência”. Não só isto, pois outro trecho das entrevistas revela que o/a participante foi aprovado/a na universidade pública. Ele reconhece que participar do grupo alterou de algum modo sua história pessoal de menino pobre e da periferia.

Assim antes de entrar para o grupo de jovens. É. Eu era mais ou menos, corria junto com a boiada. Sabe, eu tinha um sonho, mas não tinha meios de fazer com que este sonho se realizasse. Depois que eu entrei para o grupo de jovens parece que mudou muita coisa [...] parece que abriu os olhos. É, o grupo de jovens serve para abrir os olhos... então, minha vida deu uma guinada de cento e oitenta graus... depois que entrei no grupo de jovens eu percebi que pra realizar meus sonhos, que era entrar na universidade pública eu tinha que estudar. Eu aproveitei todos os congressos e evento dos grupos de jovens. Eu quis assim e percebo que minha consciência hoje é completamente diferente de quando eu não participava dos grupos de jovens (GSA, 17 anos).

Compreender a juventude é uma possibilidade de desvelar o que se passa na sociedade e como ela se renova e se recria em novas formas de organização social. É identificar os meios que a juventude encontra para se inserir socialmente. Segundo Streck (1990), os adolescentes têm antenas especiais para captar e refletir o clima de uma época. Eles são capazes de espelhar uma realidade maior.

Abramo (1994) e Groppo (2000) assumem a juventude como algo mais que uma faixa etária ou uma classe de idade no sentido de limites etários restritos. Ao ser definida como categoria social, a juventude torna-se, ao mesmo tempo, uma representação sócio-cultural e uma situação social.

A categoria social juventude – assim como outras categorias sociais baseadas nas faixas etárias – tem importância crucial para o entendimento de diversas características das sociedades modernas, o funcionamento delas e suas transformações (GROPPO, 2000, p.12).

Desejando ver como a representação que os/as jovens têm de si revelam aspectos da sociedade atual, os/as jovens apresentam-se vários sintomas que

revelam a representação que fazem de si. Verifica-se, primeiramente, que há várias formas de se auto-perceberem. Alguns, por exemplo, percebem o tempo da juventude como uma nova postura frente à vida, seja no assumir compromisso, seja no tempo de dançar, divertir-se, de achar tudo bonito.

[...] na juventude começam as responsabilidades; então, ser jovem é aproveitar e dançar, brincar e se divertir em comunhão com os outros (CS, 22 anos).

Outras pessoas reconhecem que ser jovem é um lugar para fazer as escolhas, “planejar”, “elaborar projeto de vida”, “encarar a realidade”, “transformar as coisas ruins”, “buscar emprego”, “fazer vestibular”, “fazer sua história”, “ter direito à vida”, revelando uma perspectiva mais política no sentido de percepção do sujeito situado no mundo e com possibilidade de intervir e de provocar alterações a partir de sua presença e da participação em uma organização. O desejo não está organizado. Está, ainda, muito idealizado e, ao mesmo tempo, circunscritos aos limites postos para a condição juvenil tanto pessoal como grupal.

Esses temas trazidos como preocupações que movem a vida destes/as jovens são assumidos como desafios na entrada para o mundo adulto, como emprego, qualificação profissional, ou com a entrada na universidade. Poderiam indicar, uma vez que se trata de jovens pobres, que são direitos conquistados ou a conquistar. Também, podem ser lidos como uma postura que está sendo construída na busca de um caminho de emancipação.

Ser jovem [...] preocupa em ajudar os outros, em elaborar um projeto de vida [...] criar uma identidade, de se perceber como pessoa com um papel no mundo (JR, 22 anos).

Ser jovem é taí neste mundo disposto a tentar mudar tudo, a mudar o mundo, transformar as coisas ruins, todas as coisas negativas, nós somos o futuro. O futuro da nação, né? Ser jovem tem todas as qualidades do mundo e tem também muitas coisas que pegam muito. Tipo você está buscando primeiro emprego, o vestibular, tipo assim. No meu caso, isto está pegando muito. Agora é muito difícil ser jovem hoje. Uma coisinha que faz de ruim e os outros tacham tudo [...] então você faz mil coisas boas e

as pessoas, tranqüilo. E numa coisa ruim, já meio que destrói uma caminhada inteira e na sociedade isto tira a sua liberdade (LPG, 18 anos).

Ser jovem é ter direito a vida. Não como mais um no meio da multidão, mas como uma pessoa que luta por seus direitos, que faz a sua própria história e, apesar dos erros, aprende com eles (JDF, 24 anos).

Outro grupo de pessoas entrevistadas olha para si e enxerga a juventude na idéia de potência e vitalidade. Traduz juventude como “coragem”, “vitalidade”, “disposição”, “energia”, “fazer o que deve fazer”. Esse fato de reconhecer-se com qualidades positivas pode contribuir para a busca do engajamento em alguma luta, porque percebe em si qualidades e capacidades para a luta e, também, ao contrário, pode acomodar-se no seu mundo particular e usar essas qualidades para satisfação de seus desejos pessoais.

Ser jovem é ser diferente é ser corajoso, tentar encarar a realidade e modificá-la (EC, 23 anos).

Para mim vai a idéia de ser novo, de ter mais vitalidade, ter mais disposição para fazer, tanto esforço físico, como mental. Acho que o jovem é mais visado para todo tipo de ação, porque o jovem tem esta energia [...] (HC, 19 anos).

Os/as jovens também se compreendem como diversos. (...) “há vários estilos de ser no mundo roqueiro/a, meta ou hippie”; reconhecem que há preconceito contra o diferente; identificam que há conflitos em todos os níveis. Distinguem que a entrada no mundo adulto, diverso, tem muitas barreiras, e que ele impõe modelos tachando determinado estilos de ser na sociedade. Os/as jovens, sendo de condição pobre, se torna evidentes alguns limites para determinado modo de ser na sociedade.

Cada jovem tem o seu estilo cada pessoa tem seu estilo. Na juventude é assim, você vai começando a pegar seu estilo. Se for roqueira, se é meta, se é hippie. Sei lá, qualquer coisa assim [...] só que a sociedade, quando a pessoa começa a se vestir tal, vem o preconceito, aquela coisa, tem muito disso. Então é muito complicado ser jovem, mas é uma das melhores coisas (LPG, 18 anos).

Há também aqueles/as que, através de sentimentos diversos, revelam necessidades existenciais: “desejo de juntar-se”, “união”, “aceitação”, “coragem e medo”. Apontam que o/a jovem é o “novo” e a juventude, tempo de muitas perguntas, de situação ainda não definida, com muitas questões a serem respondidas - o que pode levar a não assumir muitos dos propósitos e ao desânimo diante dos obstáculos. Por isto, a necessidade de união, uma realidade muito mais ampla do que algo externo.

Para mim ser jovem é compartilhar a união com os outros jovens no limite sem sair nem extrapolar [...] (ALF, 21 anos).

Ser jovem é acreditar em objetivos, é acreditar que a juventude não morreu [...] que a gente não pode ser levado pela massa. Fazer diferença! Então ser jovem é isto (GSA, 17 anos).

Para mim vai a idéia de novo [...] (HC, 19 anos).

É um momento especial da vida que a gente acha tudo bonito, momento de alegria e o momento de a gente crescer como pessoa (JDF, 24 anos).

Esse modo de pensar sobre si revela que as mudanças experimentadas são vivenciadas por dentro, nos corpos, quando reconhecem que há algo que tem que juntar-se. Frente à ausência de futuro, aparece com muita força a idéia de planejamento, de direito à vida, os conflitos, o respeito ao diferente e ao diverso como um direito. Estas revelam novidades, e estas são acompanhadas, por contradições, uma vez que carregam situações idealizadas de juventude, confirmando “a idade [adolescência/juventude] encarnando os apelos associados ao mito da juventude” (STRECK, 1990, p. 234).

Na forma de autoperceber-se está presente o aspecto político de seu mundo particular, como jovem, vivido em cada realidade. Também se percebem os medos apresentados por Regina Novaes e citados nos Estudos CNBB (2006, p. 17): o

medo de sobrar pelo desemprego, o medo de morrer pela violência e o medo de não estar conectado pelos meios eletrônicos oferecidos pelo mundo atual.

Muitas destas auto-definições corroboram, contudo, os cinco elementos cruciais definidos pela UNESCO sobre a condição juvenil para se ter presente na elaboração das políticas:

A obtenção da condição adulta, como uma meta; a emancipação e a autonomia, como trajetória; a construção de uma identidade própria, como questão central; as relações entre gerações, como marco básico para atingir tais propósitos; as relações entre os jovens para modelar tais identidades, ou seja, a interação entre pares como processo de socialização (2004, p. 26).

Além de confirmar esta condição juvenil definidora das políticas, elas revelam as contradições presentes na sociedade atual, que tende à individualidade e à diversidade, porém se relaciona com o novo com desconfiança, chegando a tratar alguns direitos como sonhos.

As entrevistas revelam que a diversidade presente no modo de ser jovem e no modo de se representar, confirma determinadas visões sobre os/as jovens presentes na sociedade atual. Uma sociedade marcada pelo plural exige uma postura diversa de respeito à diferença. Os/as jovens reconhecem que em lugar do respeito, há uma tentativa de enquadramento dentro de determinados padrões já desenhados para cada grupo. Outro movimento que se pode notar é o movimento para a individualidade, para a desconfiança do outro, de modo especial daquele que faz diferente do padrão demarcado.

O espaço do grupo contribui para o reconhecimento destas diferenças e estabelece relações com os seus iguais. Também o ambiente da comunidade paroquial coloca os/as jovens em relação aos adultos/as, na maioria das vezes, munida de cobranças, que são causadoras de conflitos. É, no entanto, um espaço

para a vivência em sociedade e para a formação da identidade e de seus projetos de vida.

2.4 GRUPO

Como estamos centrados no grupo da comunidade paroquial, o conceito e aos seus desdobramentos estão centrados neste modelo proposto pela pesquisa. Os grupos que mais nos interessam são os pequenos grupos caracterizados por Andaló (2006), que constituem um conjunto de participantes que se reconhecem, são efêmeros, transitórios, temporários, circunscritos no tempo e no espaço, com um núcleo pequeno de pessoas, com a possibilidade de agregarem outras, podendo ligar-se de modo direto e pessoal.

Ao estudar o grupo é preciso ter presente que ele, na sociedade contemporânea, vem perdendo sua autonomia e singularidade. As dinâmicas que têm predominado são as de consumo, de lucro fácil, ou mesmo de mercados flutuantes e de mercadorias virtuais. A mediação do indivíduo e a totalidade social em influenciar na formação dos sujeitos foi fragilizada, deixando à mídia o papel de mediadora, diminuindo a importância dos pequenos grupos. O documento Estudo 93, da CNBB (2006, p. 14), sobre a Evangelização da Juventude, reconhece que a tendência para a centralidade nas emoções altera o fenômeno religioso dentro deste novo contexto cultural. A fé passa a ser regulada pelo mercado, e a mediação se dá, de modo especial, pela TV. Os meios de comunicação tornam a religião globalizada.

Sensíveis às manifestações artísticas e culturais da sociedade contemporânea, os jovens de diferentes identidades religiosas aderem com entusiasmo a eventos semelhantes no âmbito religioso (shows,

concentrações em estágios, etc.). Assim tem crescido o número de bandas e artistas religiosos (CNBB, 2006, p. 21).

Lapassade (1989), ao definir o grupo, parte do princípio de uma organização mínima para qualquer finalidade (produção, prática religiosa), e também reconhece que todo grupo tem um princípio comum, com um conjunto de regras e funções. Afirma que o grupo, enquanto dinâmica, foi inicialmente estudado por Kurt Lewin e por seus assistentes, entre 1938 e 1939, com pesquisas experimentais sobre pequenos grupos e suas técnicas grupais. Essas técnicas funcionam como instrumentos de formação, terapia ou mesmo intervenção, apoiando a vida do grupo. Esse autor define o grupo como um sistema de forças: de um lado, a capacidade do grupo de satisfazer a necessidade dos membros e, por outro, a finalidade do grupo. Dentre os vários grupos, Lapassade caracteriza o grupo de formação como aquele que possui três unidades. A primeira refere-se ao tempo: a reunião dura em torno de duas horas; sempre se dá num local previsto, com uma sala determinada. O papel da participação é definido pela verbalização. Inicialmente trata os problemas do grupo; os problemas individuais somente em algumas ocasiões mais avançadas. Os papéis, os temas e as formas de comunicação entre as pessoas alteram de acordo com o desenvolvimento do grupo (LAPASSADE, 1989, p. 65 - 78). Essa definição tem proximidade com o estilo de grupo da comunidade paroquial.

O Conselho Episcopal Latino-americano, em seu documento de orientação para a organização da juventude na Igreja Católica¹², define o grupo como “um conjunto de jovens que se reúne de um modo mais ou menos regular”. Indica que estes grupos proporcionam certo grau de discernimento e amadurecimento de sua vivência comunitária. Recorda o documento da Conferência Episcopal de Santo Domingo (2003, p. 120) afirmando que a “pastoral da juventude deve favorecer a

¹² Documento Civilização do Amor, Tarefa e Esperança, publicado pelo CELAM em 1997.

criação e a animação de grupos e comunidades de jovens”. O documento continua descrevendo as características dos grupos, que são “pequenos, de doze a quinze jovens, de ambos os sexos, de idade homogênea, com ritmo periódico de encontros” e se constituem em “um lugar de crescimento, amadurecimento, formação e realização pessoal e comunitária”. O documento afirma ainda que este espaço proporciona a criação de laços de amizade, permite partilhar valores, elaborar a própria identidade geracional, ajuda a enfrentar os desafios da vida, a descobrir a realidade mais ampla, permite um encontro pessoal com Jesus de Nazaré, com adesão à sua pessoa e ao seu projeto, renova a colaboração com a Igreja e, ainda, aprofunda um caminho vocacional seja num estado de vida particular ou nos serviços de promoção humana e transformação da sociedade (CELAM, 1997, p. 193 - 5).

Este tema do grupo é retomado por este mesmo Conselho em 2003 através de um novo documento sobre a evangelização da juventude no continente, intitulado “Projeto de Vida: Caminho vocacional da Pastoral da Juventude”. O grupo é assumido como opção pedagógica, apresentado como “estilo alternativo de vida” e reconhecido como “escola permanente para a vida em comunidade”. O documento afirma que “os vínculos criados nesta etapa da vida permanecem para o resto da vida” e que “o grupo permite construir relações com iguais para o estabelecimento da própria identidade” (CELAM, 2003, p. 58).

O Estudo da CNBB (CNBB 93, p. 21) reconhece os grupos, por um lado, como estratégias de continuidade da instituição (“muitas vocações sacerdotais e religiosas, e para outros ministérios eclesiais, têm sido suscitadas por esta participação”) e, por outro, também afirma

Que os jovens animados pela fé, têm abraçado a dimensão do serviço, seja no cuidado com os mais pobres, ou na atuação em movimentos e

organizações sociais com vista à construção de uma sociedade justa e solidária (CNBB, 2006, p. 22).

Essas idéias sobre a vida do grupo apresentadas pela Pastoral Juvenil Latino-americana foram e são trabalhadas e traduzidas para a vida do grupo, através de roteiros para reuniões semanais para serem vivenciadas pelos/as jovens nos grupos. Um exemplo disso é a coleção 'Processo de Formação da Pastoral da Juventude'¹³ publicada pelo Centro de Capacitação da Juventude de São Paulo¹⁴. Esses roteiros orientam os grupos para a organização interna, a divisão de tarefas, a ampliação das relações interpessoais, o planejamento da vida do grupo a partir de temas relacionados com a afetividade e sexualidade, família, escola, trabalho, comunidade, Igreja, relações na comunidade, relações de poder, análise de conjuntura, proposta de Jesus e modelos de Igreja.

Essa iniciativa influenciou e influencia jovens que participaram ou participam dos grupos das comunidades paroquiais utilizando estes roteiros nos encontros semanais. Isso fez com que as idéias religiosas que circulam entre muitos grupos de jovens estivessem vinculadas ao princípio de uma formação realizada em processo, partindo de temas mais próximos do/a jovem e ampliando, aos poucos, para outros que envolvem outros aspectos sociais e políticos. Esses temas estão sustentados numa sólida base bíblico-teológica e na pessoa de Jesus que assume, na sua história, um grupo e tem um projeto claro de atuação a favor dos pequenos e na

¹³ Esta coleção foi organizada pela Casa da Juventude Pe. Burnier. São roteiros elaborados em grupos de coordenação e assessoria de grupos de jovens, durante 5 anos. Inicialmente foi feita uma pesquisa nos grupos sobre os temas tratados pelos jovens e, ainda sobre os interesses, depois organizados dentro de um processo de formação de três anos. Estes roteiros têm sido utilizados pelos grupos de jovens em todo Brasil. São os subsídios mais utilizados pelos grupos de jovens paroquiais. Eles foram pensados de forma progressiva e levam os seguintes títulos: 1. Como iniciar um grupo de jovens? 2. Abrindo caminho, 3. Pé na Estrada, 4. Construindo juntos, 5. Fazendo história. Este material influenciou e influencia a formação e a organização de muitos grupos. Tem uma distribuição de mais 40 mil exemplares do primeiro volume.

¹⁴ Estes materiais não chegaram a todos os grupos, porém, segundo dados do Centro de Capacitação de São Paulo, foram comercializados mais de 50 mil exemplares nestes últimos 10 anos.

busca da justiça, da solidariedade e da paz. Os/as jovens, através desses encontros, vão se motivando a assumirem na sua história, a partir da amizade com Jesus de Nazaré, os mesmos compromissos para as suas vidas.

Como já afirmamos anteriormente, os grupos de jovens ligados à comunidade paroquial têm uma expressão na realidade eclesial, mesmo com a tendência assumida pela Igreja Católica por outras mediações, como a TV, shows, ou, ainda, para eventos pontuais e massivos. Por outro lado, percebe-se que os grupos de jovens na comunidade paroquial têm resistido, com suas fragilidades, no acompanhamento e no interesse dos/as jovens pelos grupos.

Isso é confirmado em uma pesquisa coordenada pela CAJU, em 2006, intitulada “A vida dos grupos de jovens”, com uma equipe de pesquisadores de todo Brasil. Num universo de 9.410 paróquias¹⁵, selecionou-se uma amostra de 356 paróquias, localizadas em todas as regiões da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. A referida pesquisa revela que a média de participantes destes grupos é de 18 pessoas e que há uma variedade de grupos de jovens. Destes, 1.984¹⁶ são grupos articulados como Pastorais da Juventude (comunidade urbana, escolas, rural e nas periferias). Na pesquisa também aparecem vários outros tipos de grupos: catequese, do crisma, grupos sem articulação com nenhuma proposta pastoral ou de movimentos eclesiais e outros mais ligados aos movimentos eclesiais, recebendo orientações específicas dos movimentos dos quais participam. Os grupos, de modo geral, têm duração superior a três anos, segundo 54,24% dos grupos pesquisados. Isso não significa que permanecem os mesmos/as jovens.

¹⁵ Dados do CERIS (Centro de Estatística Religiosa e investigação social), 2005.

¹⁶ Este dado se refere às 356 paróquias pesquisadas.

Em outro instrumento da pesquisa 'A vida do grupo de jovens' foi constatado, a partir da visita ao grupo¹⁷ o movimento das reuniões e dos participantes. Tomaram-se, desta pesquisa, quatro roteiros que foram aplicados na Arquidiocese de Goiânia e dois na Diocese de Goiás. Comprovou-se que há uma variedade no tempo de participação dos/as jovens nos grupos. Um dos grupos de Goiânia foi visitado em reuniões de dias diferentes, contribuindo para confirmar esse movimento de entradas e saídas dos/as jovens nos grupos.

Apresento alguns dados sobre o grupo para ilustrar melhor a afirmação. Nas visitas aos grupos a partir de um roteiro (anexo 3), com a finalidade de observar a reunião do grupo, constatamos nas visitas nos dias 10/06 e 17/06 alguns dados. Primeiro, no dia 10/06 eram 10 participantes, sendo 6 homens e 4 mulheres; 3 de 13 a 17 anos e 7 de 18 a 24 anos. A geografia do tempo de participação no grupo era a seguinte: mais de três anos (2), de dois a três anos (2), de um a dois anos (3) de três meses a seis meses (3). Segundo, na visita do dia 17/06 eram 19 participantes e nesta reunião havia uma pessoa que participava pela primeira vez. Terceiro, na visita ao grupo visitado no dia 21/05/2006 estiveram presentes 12 participantes, sendo 05 homens e 07 mulheres com idade de 13 a 17 anos (10) e com 18 a 24 anos (2). Quanto ao tempo participação no grupo: mais de três anos (3), de um a dois anos (2), de seis meses a um ano (1), de três a seis meses (4), menos de três meses (1).

Os grupos visitados na Diocese de Goiás apresentam dados semelhantes. Em um dos grupos visitados preparava-se para o sacramento da Crisma, apresentando algumas diferenças dos demais. Uma delas é a coordenação feita por alguém de fora do grupo, uma jovem de 28 anos; a outra, é um número maior de

¹⁷ Estes instrumentos da pesquisa foram construídos por uma equipe da CAJU da qual sou a coordenadora.

participantes (30 jovens). Todos os grupos têm lugar determinado e o tempo de duração do encontro foi de 1 hora e 50 minutos.

Estes dão uma idéia da quantidade de grupos e, também, do modelo circular em que se constituem. Ou seja, jovens que não se encontram todas as semanas, com entradas e saídas a cada semana. Muitos grupos formam uma espécie de 'corredor' onde alguns permanecem e outros passam, atendendo a diversos interesses. Quando estes se cumprem, os/as jovens deixam os grupos. Com esta dinâmica os/as jovens participam do grupo como de um evento e não fazem um processo, nem acompanham a proposta dos roteiros. Dificilmente esses/as jovens terão uma influência na sua formação de seu *ethos* que pudessem ser atribuída à participação neste grupo. Passam pelo grupo com a finalidade de ter um grupo de amigos para estar juntos num final de semana e não muito mais.

Não se pode ignorar, porém, que em cada grupo há um núcleo que permanece por cerca de três anos, organizando reuniões, atividades de massa como o DNJ, Semana da Cidadania em escolas e outros ambientes. Por isso dizemos que a formação da identidade política dos/as jovens não ser algo homogêneo em todos/as os/as jovens que participam dos grupos. Essa formação política depende do tipo de participação e do tempo de vivência no grupo. Aqueles/as que permanecem no grupo por mais tempo e com alguma função específica poderão ser mais influenciados/as e crescerem mais na preocupação com a organização mais ampla da sociedade.

Os motivos indicados pelos entrevistados/as para a entrada e a permanência apontam que os 'pretendentes' já estão motivados por uma busca pessoal de fazer algo ou pela ação que motivou a entrada ("estava passando na porta da Igreja e me convidaram para participar do grupo de teatro") ou, porque assume tarefas de

responsabilidade nos grupos (“fui na primeira reunião, tinha quatro pessoas, neste dia escolheu-se a coordenação, que fui eu”) ou mesmo por curiosidade sobre a vida do grupo (“tinha curiosidade para saber o que o povo fazia e falava”) ou ainda por uma convocação da Igreja ou também porque participou de uma atividade na Igreja (“eu fui no acampamento”) e depois permaneceu no grupo. Estes motivos da entrada no grupo indicam que os/as jovens que aderem à proposta já estão despertados por um outro fato para a vida grupal, seja ele de motivação religiosa, social, ou ainda, para sair da anomia que está vivendo em sua vida.

Eu tava passando na porta da Igreja e me convidaram para participar do grupo de teatro, eu tinha uns conhecidos. Quando me convidaram eu falei – grupo de teatro, grupo de jovens? Eu vou lá, sou curioso (ALF, 21 anos).

Fui na primeira reunião do grupo, foi no final de semana, fui eu e mais dois conhecidos, tinha lá umas quatro pessoas. Neste dia se escolheu a coordenação que fui eu. Sem saber de nada, sem nunca ter participado de grupo (JR, 22 anos).

Passei a participar do grupo depois que fui a um acampamento da Igreja onde eu morava, um acampamento de carnaval, eu fui com eles (DAN, 17anos).

Bem, foram os recados que eles davam na missa. Aí, fui. Achei legal, antes já participa da infância missionária e da catequese (MAR, 16 anos).

Eu não tava nem aí. Fui por curiosidade para saber o que o povo fazia e o que falava (LPS, 21 anos).

Por outro lado, os motivos indicados para a saída do grupo pelos/as entrevistados/as de nossa pesquisa são variados. Há aqueles/as que deixam o grupo “por falta de uma espiritualidade”, “para cuidar da vida pessoal”, porque há controle dos agentes religiosos sobre os/as jovens, por causa da rotina.

Acho que fui desmotivado. Tavam as coisas meio mortas, as mesmas coisas, trabalhavam o mesmo tema. Eu acho que faltou muita espiritualidade no grupo. Eu acho que o que mais pega é isto a espiritualidade, quando acaba [...] destrói o motivo de ser do grupo de jovem (LPS 18 anos).

Ela foi querendo renovar de certa forma assim, separou por idade, separou quem tinha feito catequese, quem não tinha feito. Então desarticulou todo o grupo. E dentro da própria Igreja, quando a gente fazia alguma coisa era elogiado por uns e era muito mais criticado [...] então isto vai desanimando. O grupo vai se separando [...] eu desapontei [...] querendo ou não a gente quer reconhecimento [...] arranjei emprego [...] agora vou quando der [...] (CS, 22 anos).

Porque na verdade foi morrendo talvez pela mesma mesmice, por falta de conteúdo, foi desistindo, foi dispersando e acabou. Porém as pessoas foram assumindo outras tarefas na comunidade e agora estou tentando retomar (LC, 19 anos).

A saída do grupo poderia ser analisada tendo como perspectiva as razões pelas quais o grupo deixa de ser um espaço de interesse e não oferece atividades que atraiam os/as jovens. Essas podem ser de cunho religioso, isto é, a falta de uma mística, ou de uma espiritualidade que os/as motive na frequência aos encontros e na participação nas atividades programadas pelo grupo. Podem estar, ainda, no conteúdo trabalhado em que as idéias religiosas não têm a centralidade e, por isso, não são motivadoras da permanência ou, ainda, não dão sentido à vida e à ação dos/as jovens. Outra razão pode ser a ausência de atividades, ou de um programa que provoque envolvimento entre os participantes. São motivos que tornam os grupos uma espécie de corredor de passagem, não contribuindo para a formação da identidade política porque não permite que os/as jovens formulem as perguntas sobre o funcionamento da sociedade nem sejam despertados para a solidariedade. A passagem do/a jovem pelo grupo pode, portanto, não alterar nada na sua história e ser, simplesmente, mais um evento do qual participa.

Outra causa da saída do grupo pode ser a promessa feita e não realizada: o convite apresentando ao/à jovem para que construa um grupo, portanto, para que este/a seja sujeito de sua caminhada. Isso acontece porque aqueles/as que são os servidores/as do sagrado assumem o protagonismo, colocam normas e doutrinas em primeiro lugar, deixando o/a jovem na condição de submissão, não permitindo ou

impedindo o exercício do poder do/a jovem no grupo. Esse controle aparece de diversas maneiras: a divisão do grupo, o controle da idade e outros fatos podem ser motivo para impedir e controlar a participação de alguns líderes. Essa atitude dos agentes religiosos influencia na formação da identidade política porque causa desânimo, não só para a participação no grupo, como também em outras atividades, sejam elas eclesiais ou sociais, porque os/as jovens não são respeitados/as.

É fundamental que o grupo seja assumido como mediador do processo de formação, transformando-se num espaço objetivo que organiza as atividades programadas pelo grupo, tais como teatro, ação missionária, encontros semanais sobre temas, entre outras. E aí que ocorrem as tramas das relações entre as partes e a totalidade. Isso ocorre de forma dinâmica, através da mediação da incorporação de experiências nas relações sociais, vividas em diferentes contextos e de diferentes modos. Trata-se de um processo e, por ser processo, não é harmônico, uma vez que reflete as relações sociais conflitivas. Os conflitos são fundamentais para a aprendizagem da vida social e contribuem na construção dos sujeitos. Essa apropriação de significados contribui na organização das ações e da vida (ANDALÓ, 2006, p. 28 - 30).

O/a jovem percebe que há algo no grupo que o/a atrai (“coisa inexplicável”) e reconhece que este espaço é marcado por um caminho com diferenças, com conflitos, com desejos de permanecer e de deixar. Esta dinâmica é formadora de sua postura frente ao grupo, mas, também, frente a outras atividades que possam vir a desenvolver na sociedade, de modo geral, tanto na escola, no trabalho ou em associações. A participação no grupo forma valores, educa para lidar com as diferenças e para administrar suas frustrações. Isso vale, contudo e sobretudo, para os/as jovens que participam do núcleo mais permanente do grupo, assumindo

atividades de poder no grupo. Não se sustenta nos/as jovens que 'passam' pelo grupo.

É assim, você está no grupo de jovens e sempre tem conflito, essas coisas geralmente têm, no caso você chega até a brigar, você pensa em sair, mas tem uma coisa que não deixa você sair, uma coisa inexplicável, geralmente eu já disse muitas vezes que queria sair, mas eu não consegui, e não sei explicar qual o motivo, entendeu? (LPS, 21 anos).

O grupo é um espaço para aprendizagem (“fui aprendendo a lidar com algumas questões que antes eu não conseguia, por exemplo a de falar em público”) e contribui para as relações com outras gerações (“aprendi a lidar com algumas questões de casa que eu não conseguia”). O grupo da mesma faixa etária é espaço de acolhida: “é porque, em casa, não tinha conversa, não tinha, não tinha essa coisa e no grupo a gente foi percebe... eu fui percebendo, essa coisa”. Assim como contribui na formação da identidade, abre para o mundo mais amplo: “era bom você falar você escutar, você trabalhar determinados assuntos que envolviam a tua realidade, a realidade dos/as jovens”. Esse exercício feito no grupo forma pessoas com capacidade de perceberem a realidade porque educa para a escuta, para a participação; porque rompe com a idéia de que uns sabem e outros não, superando os preconceitos de classe e contribuindo com a maturidade da pessoa frente às questões de conflitos. Esse exercício de formação no grupo possibilita a formação de um *ethos* aberto para questões para além de seu mundo individualizado, podendo, assim, pouco a pouco assumir causas maiores e de interesse mais social.

Bom, no grupo eu fui aprendendo a lidar com algumas questões que antes não conseguia. Por exemplo, a de falar em público, eu tinha muitas dificuldades com isso. Ajudou-me a lidar com as questões de casa, eu não conseguia. O grupo me ajudou [...] me senti mais acolhida porque em casa não tinha conversa. Não tinha essa coisa [...] Era bom você falar e escutar, você trabalhar determinado assunto que envolve a tua realidade, a realidade dos jovens [...] o grupo foi para mim este espaço para perceber toda uma realidade que nos rodeada [...] (JR, 22 anos).

Este espaço de segurança e acolhida, oferecido pelo espaço religioso, possibilita o enfrentamento dos desafios vividos pelos/as jovens na sua solidão, rompendo o silêncio na relação com o grupo familiar e no encontro com outros/as que vivem a mesma realidade. Esse exercício de fala e escuta abre o sujeito para o mundo e o prepara para a vida social. O grupo é reconhecido pelos/as jovens como este espaço mediador. Sua ausência é sentida pelos/as jovens que participaram do grupo como uma lacuna para contribuir com outros/as jovens das mesmas condições que eles. Alguns dos/as entrevistados/as querem, até, encontrar modos de continuar o grupo. Este é um dado de valorização do espaço e da influência do mesmo na sua história.

Acho que deveria ter uma outra coisa pra renascer os grupos, fazerem que eles se tornem mais fortes, que eu fico imaginando a juventude que vai vir depois da gente. Que quem passa por um grupo de jovens, é, muda totalmente. E as pessoas que vierem e não tiver um grupo de jovens pra entrar? Como vai ser? (GSA, 17 anos).

O grupo como espaço de mediação é lugar de aprendizagem e de aproximação com as questões mais amplas da vida. As entrevistas revelam que “através do grupo de jovens fui conseguindo conhecer mais o mundo, de forma diferente” ou, ainda, “Eu creio que ajuda muito, assim, a pessoa a desenvolver uma vivência na sociedade ou relação, a convivência, né? Porque ela aprende assim a comunicar mais [...]” (ALF, 21 anos). O tom mais forte das falas é o do grupo como porta de entrada, como exercício da comunicação com outras pessoas e outros grupos. É sempre uma tensão entre o subjetivo e o objetivo, expressando uma relação de conflito. Pode ser visto como espaço de integração entre amigos, porém é mais. Reconhecem-no na forma de participar na sala de aula, de intervir e de organizar para estudar com outros. Estas atitudes revelam que o/a jovem exercita, para além da comunicação, posturas novas frente a desafios que antes não eram

enfrentados. Assim, os grupos formam valores como o do cuidado, da participação e da atenção para com a outra pessoa.

Nossa! Muita coisa. Eu, por exemplo, eu tinha muita dificuldade de comunicar com as pessoas. Foi que, começando a participar do grupo de jovens, aquela interação com o pessoal. Tudo. Minha comunicação ficou bem mais ampla, compreende? Pode se ver isto em relação à participação no colégio. Ou, ainda, de ajudar o outro, no estudo lá de cursinho pré-vestibular, vou estudar com a galera (MAR, 16 anos).

O grupo é importante porque guarda, segundo Elias (*apud* GARRIGOU; LACROI, 1999, p. 232), “a questão de saber de que maneira e por que motivos os homens se ligam entre si e formam juntos grupos dinâmicos específicos, um dos problemas mais importantes de toda a sociologia”.

Em princípio pode-se dizer que a pertença ao grupo constitui um poder difuso em que todos têm poder sobre todos e todos têm poder sobre cada um na medida em que o grupo se organiza e se constitui em grupo-tarefa. Esse grupo, para continuar existindo, necessita de uma tarefa externa explícita. Caso contrário, a pressão volta sobre seus membros e, na medida em que isso ocorre, aparecem os comportamentos como o do traidor ou do bode expiatório. Muitos grupos deixam de existir pela pressão interna. O grupo só continua sua existência em uma dinâmica constante – o grupo se trabalha e o grupo trabalha, caso contrário ele morre. O seu movimento é sempre um vir a ser, sempre inacabado, como uma ameaça constante (ANDALÓ, 2006, p. 52 - 4).

Somente a boa vontade e a amizade não movem o grupo. As razões já ditas para a saída do grupo ou para o seu fim podem ser retomadas no modo de o grupo organizar-se dentro de uma ação ou atividade. Muitos grupos, como foi relatado pelos/as entrevistados/as, acabam ou os/as jovens desistem do grupo porque perde o elã e o interesse. Um dos fatores que levam a isso pode ser o voltar-se para si mesmo. Os grupos das comunidades paroquiais vivem esta ameaça por dois

motivos: primeiro, pela falta de acompanhamento, ou de uma espiritualidade com conteúdo capaz de firmar a ação do grupo em torno da pessoa de Jesus e de seu Projeto; segundo, porque este modelo eclesial em vigor na Igreja do Brasil opta muito mais pelos eventos que pelos processos. Essas opções impedem a formação sistemática, inibem a ação para fora, para ambientes fora da comunidade eclesial e desanimam muitas lideranças a atuarem no acompanhamento aos grupos e aos/às jovens pelo controle exercido pelos agentes religiosos que defendem esta proposta hegemônica.

Contudo, não dá para ignorar que os/as jovens atraídos/as pelos grupos da comunidade paroquial, quando articulados em rede, reconhecem que os grupos formam redes e que, participando de um grupo, o/a jovem está de algum modo conectado/a à ação maior. No depoimento que segue pode-se perceber não só a questão do grupo, mas um debate da sociedade atual e da organização em rede. Uma mentalidade que reconhece a diversidade como algo importante para nossa convivência, porque é “cheia de retalhos, com suas diferenças”. Este é um novo olhar para a realidade que está descortinando na experiência da ação social. Isto é parte de um novo *Ethos* formado pela experiência concreta na vida em grupo.

[...] a motivação maior, mais forte são as amizades, né? A gente vê no grupo que os jovens celebram, divertem, brincam. Eles encontram o verdadeiro sentido da vida. Isso é o que mais atrai: é ver que as pessoas ali se sentem felizes. Não só como membro, mas fazendo parte de um todo. Sendo uma partinha no quebra cabeça, um pedacinho pequeno, mas que ajuda a fazer aquela colcha bem colorida, cheia de retalhos, com suas diferenças, mas que no final dá pra se emocionar (JDF, 24 anos).

O grupo exige dinamismo, caso contrário, ele morre ou perde as motivações para continuar despertando o sentimento de pertença. Pode ser, também, que a pessoa do grupo encontre outros espaços de mediação para além do grupo e este passa a não ser mais necessário para sua vida. Revela, igualmente, as mudanças culturais nas quais os/as jovens estão envolvidos, seja pela quantidade de afazeres,

seja pela busca de outros interesses que lhes são apresentados. Pode-se conjecturar, por outro lado, que as idéias religiosas - a “falta de conteúdo” - não foram suficientemente explicitadas e motivadoras da permanência no grupo.

[...] na verdade foi acabando. Foi morrendo talvez por ser a mesma mesmice, como te falei. Por falta de conteúdo nas preparações dos encontros. Provou a desistência das pessoas, e quando foram desistindo, foram, também, dispersando e acabou que ficou ali as pessoas que já estava no começo, então elas foram adotando outras tarefas na comunidade (LC, 19 anos).

Alteram, por outro lado, as motivações religiosas. O desejo de experimentar outras “coisas” pode influir no pertencimento ao grupo, seja para encontrar respostas para sua vida (“pode ser diferente”) seja por estar imbuídos/as do contágio da circulação religiosa, isto é, o/a jovem não vê como problema participar de outra denominação. Pode ser, até, um estímulo para sair do afastamento e do desânimo. Temos um exemplo neste jovem que deixou o grupo da Igreja Católica e foi para o grupo de jovens da Igreja Universal.

Assim. Eu tava no grupo jovem da Igreja Católica, né? Aí, um pessoal me convidou para participar lá do grupo de jovem lá, eu tava um pouco afastado. Aí eu fiquei pensando será que é diferente? Ou será que vai ter alguma coisa, se eu for ou não for. Quer saber? Eu vou lá pra conhecer (ALF, 21 anos).

Esse movimento religioso da juventude diante das diversas ofertas é uma realidade. As trocas de Igrejas são tratadas como algo até necessário para a sua vivência. A religião faz parte das buscas do/a jovem na perspectiva de construção de sua identidade e, também, de sua participação na sociedade. Vincula-se, pois, com a identidade política do/a jovem. Esse movimento dos/as jovens entre as Igrejas para ver qual oferece a melhor proposta é também uma constante da cultura religiosa atual. E pode ser considerada como integrante deste novo *ethos* que a cultura atual e os/as jovens assumem na formação de sua identidade.

O grupo da comunidade paroquial é um espaço que reúne jovens para um conhecimento mútuo, para estudo de temas relacionados aos interesses imediatos dos/as jovens e, também, de outros temas ligados às idéias religiosas e à temática social. Esses grupos oportunizam uma vivência pedagógica que forma lideranças entre os/as jovens que permanecem mais tempo dentro dos grupos e que é acompanhada de um conteúdo marcado por atividades que desencadeiam uma formação na ação.

3 RELIGIÃO COM SÍMBOLOS E RITOS

Bourdieu (2004) afirma que a religião e todo o sistema simbólico está predisposto a cumprir uma função de associação e dissociação. Se isso é verdade, é neste contexto que se situa a capacidade dos/as agentes religiosos/as de agenciar jovens para grupos da Igreja católica a partir de suas comunidades paroquiais.

A afirmação de Bourdieu vem confirmada pelas pesquisas feitas sobre juventude, grupo e religião (NOVAES, 2005; SCHMIDT, 1996; HAMMES, 2005; SOUSA, 1999; SILVA, 2006). A religião é um espaço simbólico privilegiado para o encontro dos/as jovens em grupos que influem sobre a vida dos mesmos. Atualmente, porém, a religião tem um vínculo mais tênue com os/as jovens, mais ligados à emoção, mais subjetivos e não mais vinculados à religião dos pais, evidenciando um desenraizamento ou uma descontinuidade do modo de viver e expressar a religião. Por outro lado, a religião é um espaço que agrega jovens com ideais em busca da transformação e da mudança social, o que favorece a formação de uma identidade política de maior participação em atividades e organizações.

Não se pode ignorar, contudo, que a religião legitima um modelo de organização social influenciado pelo mercado, sustentando estruturas vulnerabilizantes para a maioria da população, dentre os quais os/as jovens empobrecidos/as. Neste sentido, o movimento fundamentalista encontra, dentro das religiões, espaços para o retrocesso ao modelo patriarcal, uma identidade igualmente política, na perspectiva da conservação. Dentro da religião, como na sociedade, podem-se identificar, ao menos, estes dois movimentos contraditórios que contribuem na formação da identidade política dos/as jovens: ou para a transformação ou para a conservação.

A religião como fornecedora de sentido será um conceito central, uma vez que, segundo Geertz (1989), nela se funde o *Ethos* e a visão de mundo e nela se dá um conjunto de valores sociais de que os/as jovens mais precisam, fornecendo uma aparência de objetividade.

O *Ethos* de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de vida, seu estilo moral e estético e sua disposição, é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete. Visão de mundo que este povo tem é o quadro que elabora das coisas como elas são na simples realidade, seu conceito de natureza, de si mesmo, da sociedade (GEERTZ, 1989, 143 - 4).

A formação deste *Ethos* é parte de um processo pessoal ou grupal. O grupo pode ser um espaço importante na sua delimitação quando marcado por rituais, espaços de poder, representação de si. Isso toma força “nos rituais sagrados e nos mitos, onde os valores são retratados não como preferências subjetivas, mas como condição de vida imposta, implícita num mundo com uma estrutura particular” (GEERTZ, 1989, p.149).

A dinâmica do grupo perde a razão de ser para o/a jovem se a religião não for algo explicitado através de sua espiritualidade. É uma das razões por que o grupo morre. O grupo, neste caso, não só veicula as idéias religiosas, mas é, também, espaço de lazer, encontro de amigos/as. E se esse espaço for preenchido em outros lugares, o grupo perde o interesse. A religiosidade é parte constitutiva da motivação para o/a jovem permanecer, ou não, participando do grupo. E de fato, ela é formadora de uma identidade política do/a jovem, porque o seu conteúdo sustenta uma ação. No entanto, os grupos revelam uma fragilidade quando estes conteúdos não são reforçados ou são tratados de forma superficial. O/a entrevistado/a compara a espiritualidade com a amizade, que precisa ser cultivada sempre. Essa falta de cuidado com as idéias religiosas e o motivo apresentado tanto para o fim dos grupos como para a saída de jovens dos mesmos.

Mas acabou que não deu certo o grupo. Acho que fui desmotivada. A coisa no grupo estava meio morta, as mesmas coisas, trabalhavam o mesmo tema. Eu acho que faltou muita espiritualidade no grupo. Eu acho que o que mais pega é isso a espiritualidade, quando acaba desanima os jovens a participarem. Quando o grupo trata de coisas somente das coisas do mundo. Deixa assim a espiritualidade, o contato com a pessoa e com Deus. Assim como a amizade, acaba e destrói o motivo de ser do grupo de jovem (LPG, 18 anos).

O ser humano é simbolizante não apenas para a análise da religião como tal, mas também na relação entre valores. Os conceitos de *Ethos* e visão de mundo, mesmo considerados como vagos e imprecisos, contribuem para vários estudos das ciências. A relação entre *Ethos* e visão de mundo é circular, sujeito a alterações, de acordo com o ambiente e com os contextos sociais e poderá ser uma ferramenta importante para a investigação da dinâmica da vida social provocada nos/as jovens em sua experiência vivida no grupo.

Nesta análise, tomamos em conta as duas dimensões que mais favorecem os símbolos: a comunicação e a organização. Na comunicação está a intenção e a ação social. Exige emissão e recepção da mensagem. Recorre a diferentes símbolos: a linguagem, as palavras, os gestos, a posição do corpo, a mímica do rosto. Num grupo, isso acompanha a sua dinâmica capaz de movimentar os/as participantes nesta perspectiva simbólica da comunicação. Na fala do/a jovem, o valor dado à comunicação e à interação revela a organização do grupo porque, “quando acontece um problema, a coordenação está lá”. Esses, segundo Geertz, são elementos importantes na formação dos valores e da visão de mundo.

Eu acho que é até um ciclo. Se você não interagir você não faz novas amizades. Se faz novas amizades você adquire novos conhecimentos, entende? Então foi interagindo, mesmo, aprender a conversar. Tanto que pensei em assumir a vocação sacerdotal, compreende? [...]. Só que eu fui pro seminário e vi que não era minha vocação. Voltei para o grupo. O pessoal do grupo é sempre muito acolhedor, entende? Sabe dialogar. Quando acontece um problema com um dos jovens, a coordenação vê o que está acontecendo. Se faltou um sábado na reunião, eles percebem, vê que você não foi. Então, eu acho que o principal do grupo, o nosso fundamento, é ele só vive até hoje devido a este carisma de se preocupar com os integrantes do grupo [...] (MAR, 16 anos).

Portanto, a participação no grupo, com sua organização, rituais e símbolos ajuda na medida em que torna visíveis as realidades abstratas, mentais ou morais da sociedade. A participação contribui para manter a pertença ao grupo. Em síntese, a função simbólica na participação exerce quatro papéis: a) favorece a solidariedade; b) define a organização hierárquica; c) liga o presente ao passado e d) atualiza as forças e os seres sobrenaturais (ROCHER, 1971, p. 160 - 9). Esse conjunto de idéias religiosas, com seus conteúdos, organizações e símbolos, contribui ou não na formação de uma identidade política na medida em que os/as jovens permanecem por um tempo no grupo, que capaz de desenvolver estas potencialidades geradas pela comunicação.

3. 1 O PAPEL DOS SÍMBOLOS, RITOS E MITOS

A vida em grupo é um espaço de criação de muitos símbolos. É considerado pelos/as jovens como um lugar sagrado, quando muitos o consideram como um lugar protegido contra todos os males. Ele simboliza um espaço de salvação e pode ser construído como um mito, se considerarmos as proporções devidas. Como afirma Eliade, “o mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares” (2002b, p. 11). O grupo passa a ser espaço mítico. Antes, era o caos e, agora, o que se vê é uma ordenação de vida. A diferença é que, em nosso caso, não há seres sobrenaturais. O grupo da comunidade paroquial assume esse lugar, porque é um modelo exemplar para atividades humanas exemplares. Nesse espaço, segundo

os/as jovens, eles/elas se protegem de drogas, de más companhias, entre outras questões.

Hoje eu acho que os jovens vão mais para fugir do mundo das drogas, aquele mundo mais liberal, então muitos jovens do meu grupo vão para fugir disto mesmo [...] teve um menino que entrou no grupo porque não agüentava mais ficar em casa porque lá havia briga. Na rua no setor onde morava, era conhecido como ponto de drogas. Então ele falou que queria sair daquele mundo (LPS, 21 anos).

Na questão da solidariedade, a coletividade necessita de símbolos que a representem ou afirmem sua existência. Servem como exemplos a bandeira, o hino, as cores, as camisetas. Além de representar, os símbolos ajudam a provocar e alimentar o sentimento de pertença. Neste caso, a organização se atualiza pelos símbolos. Visto que o grupo de jovens tem uma organização mínima: coordenação, secretaria e equipe de serviços, os símbolos marcam as hierarquias pela distinção de posição e poder. O grupo recorre, também, a símbolos do passado que lhe fornecem parte de sua identidade. Normalmente, um grupo de jovens constituído dentro de uma instituição, nasce marcado por uma memória coletiva e com expectativas mantidas por rituais, modelos e propostas oferecidas.

O simbólico é construído e alimentado pela mídia. Alguns desses símbolos permanecem como referência, como, por exemplo, os “caras pintadas”. Eles indicam o interesse dos/as jovens e contribuem na formação da sua identidade porque passam a ser referências na memória. A jovem que vai falar liga os símbolos com a necessidade de “lutar pelos direitos da juventude”. Nesta resposta não aparece, em evidência, a idéia religiosa, mas está presente o valor da justiça e da solidariedade no que se refere à luta pelos direitos. Essa idéia aparece como intenção alimentada pelas atividades provocadas em nível nacional, considerando que os temas do Dia Nacional da Juventude e da Semana da Cidadania, em seus materiais distribuídos

para os grupos paroquiais, eram as políticas públicas para a juventude como um direito a ser conquistado.

Porque a juventude no meu bairro ela é um pouco morta. Eu vejo quando passam na televisão os jovens na França fazendo rebeliões. Indo as ruas, então eu acho que acabou um pouco disso. O jovem sair na rua com a cara pintada e lutar pelo que quer e reivindicar seus direitos e não dá moral pra que as pessoas da mídia dizem, né? Em relação a isso, então a gente tem que ensinar os jovens a lutar pelo direito da juventude (LC, 19 anos).

O símbolo religioso é profundamente social, se alimenta do contexto social, serve para distinguir seguidores de não-seguidores e constrói hierarquias pelas vestes, ritos, sacramentos, inclusive espaços, paróquias, dioceses, entre outros.

Embora a magia esteja entrelaçada na vida social, a religião e a magia fazem referência a realidades transcendentais invisíveis. Os símbolos são as ligações visíveis dos/as atores/as sociais entre si, o modelo e os valores. O símbolo é o lugar do universo ideal dos valores: são ideais simbólicos que orientam a ação, a significação real, bem como a sua coerência interna.

Do mesmo modo que o símbolo orienta para as ações internas de um grupo, assim o rito é um elemento unificador do mesmo, impondo um modo de expressão coletiva dos membros. O rito traz em si uma carga afetiva e provoca emoções, evidencia uma série de atos e tem o poder de renovar o elo social.

Desse modo, a camiseta é símbolo de pertença ao grupo e, traduz, também, outros valores comunitários (“a gente vai encontrar”) ou, ainda, explicita a missão ligada à pessoa de Jesus (“discutir sobre Jesus Cristo”). Essa idéia religiosa motiva para uma prática deste conteúdo, traduzida em ações fora do grupo (“por em prática lá fora, ajudar a comunidade”), não só na perspectiva interna “do bairro”. Esses símbolos e idéias religiosas alimentam a formação de uma identidade política na perspectiva do/a outro/a, tendo em vista a atuação em grupo e como grupo dentro de um determinado espaço. O fato de agir na comunidade e no bairro alimentado

pelos ideais de Jesus (comunidade, justiça, solidariedade, paz, construção do Reino) dá ao jovem que participa do grupo uma referência para sua participação na sociedade como protagonista.

Porque quando a gente entra num grupo de jovens a gente faz aquela expectativa toda. Nossa é um grupo de amigos! A gente faz camisetas, vai se encontrar, vai discutir sobre JC, vai discutir o tema da reunião, quando a gente saiu daqui da reunião a gente vai colocar em prática lá fora, vai ajudar na comunidade, não só comunidade enquanto igreja que a gente participa, mas comunidade também do bairro, sabe? (CS, 22 anos).

Neste sentido, a ação toma a feição de uma espécie de ritual, porque os encontros se dão a cada semana e ganham, assim, uma força especial. De acordo com O'Dea (1969) o rito seria eficaz a) em razão da força espiritual; b) porque é uma manipulação do objeto regulador apropriado na fé; c) porque é uma ação mediada pela técnica; d) porque opera a mudança; e) porque entra em jogo uma manipulação que garante o poder; f) porque causa impressão no sentido afetivo; g) porque estabelece processo de negociação; h) estrutura comportamentos e i) atua como força sobre a vontade. Estes elementos são constituintes de um processo dentro da caminhada do grupo

Ainda de acordo com O'Dea, na religião o rito não é separado da representação mítica. Ele valoriza o símbolo e elabora seu significado. É da essência da religião dar ao mito seu lugar no rito. Os ritos constituem o fundamento mais estável sobre o qual se pode apoiar o/a observador/a, em particular o etnógrafo, para descrever e reconstituir um fenômeno social total sob seu aspecto mais estático, de maneira que os ritos se apresentam como documentos indiscutíveis. O rito estrutura o tempo de outra forma. É pela repetição que reforça a mensagem. Por isto, existe o risco de confinar o rito em si mesmo. Assim o grupo que se encontra a cada domingo corre o risco de fechar-se em si mesmo ou, ao

contrário, pelo reforço da mensagem pode conseguir influenciar na formação com seus conteúdos e ritos.

Os ritos garantem a eficácia do simbólico em determinadas relações com a coisa ou o corpo. O estudo do ritual é chave para entender as sociedades humanas. Podemos dizer que, além de oferecer elementos para se compreender o funcionamento das sociedades nos seus aspectos mais amplos, o ritual dos encontros semanais do grupo de jovens da comunidade paroquial ajuda a compreender as formas de interferência destes grupos na vida dos/as jovens.

Esse espaço de formação e de ritualização vivido pelo/a jovem tem o seu reconhecimento porque, segundo a/o entrevistada/o, “colabora para trazer o/a jovem para dentro da Igreja” e o afasta dos perigos e “drogas”. O rito é marcado “pelo horário exato” e o fato de o grupo tratar alguns temas pode formar não só os/as jovens, membros mas atuar sobre outros/as jovens pela ação daqueles que participam deste ritual semanal da reunião do grupo. Revela, também, que as idéias de cuidado com o/a outro/a, de atenção para com os/as jovens do bairro, são valores trabalhados no grupo e que alcançam um determinado número de jovens que estão no grupo. O que não significa que todos/as que passam pelos grupos têm a mesma atuação ou percepção da realidade.

Hoje os jovens, assim, lá da minha região eles são muitos dispersos sem o grupo de jovens [...] foi muito gratificante, o tempo que este grupo durou, porque eu pude estar ajudando, colaborando para trazer o jovem pra dentro da Igreja. Hoje em dia é muito difícil. Tem muita coisa extra por aí que são do mundo. Muitas coisas que não são boas para o jovem, como as drogas, então meu bairro tem muito disso, então foi bom porque eu pude tá tirando um pouco. Pelo menos uma terça parte dos jovens que sabíamos o que estava fazendo naquele exato momento, naquele horário, podendo estar abordando estes assuntos para que eles saíssem de lá conscientes. Não se deixassem influenciar por amigos que oferecem drogas, essas coisas. Então, foi muito gratificante (LC, 19 anos).

“O rito tem grande significação funcional para o grupo, embora essa não seja a intenção de seus participantes” (O’DEA, 1969, p. 61). No nível intelectual ou das

crenças míticas e racionais, o mito é primordial na expressão intelectual de atitudes e crenças religiosas. O mito não só explica o mundo, mas o representa simbolicamente. É a forma de ver o mundo de modo coerente. O mito é a celebração da realidade primordial. Através dele os seres humanos se ligam aos seus ancestrais e aos seus descendentes.

Durkheim (1989, p. 54) diz que a religião tem por objeto elevar o ser humano acima de si próprio. A religião, antes de qualquer coisa, tem por objeto exprimir e explicar não o que existe de excepcional e de anormal nas coisas mas, ao contrário, o que elas têm de constante e regular. Por isto, está longe do imprevisto ou do extraordinário e pode favorecer a compreensão do cotidiano da vida dos/as jovens a partir da sua experiência em grupo. Como diz o sociólogo,

A religião é coisa eminentemente social. As representações religiosas são representações coletivas; os ritos são maneiras de agir que surgem unicamente no meio dos grupos reunidos e que se destinam a suscitar, a manter, ou a refazer certos estados mentais desses grupos (DURKHEIM, 1989, p. 38).

Os/as jovens vivem em grupo, numa comunidade religiosa e se mantêm a partir de um ritual, com horários, locais, roteiros para encontros, eventos e campanhas em diferentes níveis. Esse ritual se torna um espaço para manter, suscitar estados mentais, seja na linha da força que exerce junto aos grupos, seja na proposição de valores que estes jovens podem assumir para sua vida.

Conforme já citado pelo segundo instrumento da pesquisa sobre “A vida dos grupos de Jovens”, estes grupos, dos quais os/as entrevistados/as participam ou participaram, todos têm horário semanal de encontro num local fixo. O grupo é visto por alguns jovens como espaço de resposta aos problemas do bairro e como organizador da vida pessoal de alguns jovens. Para os/as jovens, o grupo é, igualmente, um lugar idealizado porque - na verdade - o grupo não existe. Ele/ela deseja o grupo para ser organizador, assim como os pais ou mesmo a instituição, o

que significa que o grupo exerce um papel controlador. Como podemos ver no depoimento do/a jovem (“eu queria que tivesse um grupo de jovem ali”), há uma idealização do espaço porque o espaço pode tirar o/a jovem do caminho das drogas.

[...] e eu queria muito que tivesse um grupo de jovens ali, porque tá fazendo muita falta. Um grupo de jovens faz muita falta. Tem muitos jovens no bairro indo para o caminho das drogas, lá não tem opções pra sair, só tem um lugar lá que eu frequênto. E o resto oferece risco. Assim vai lá para beber, se drogar, e tudo. Não é legal. Acho que muito disso é falta de um grupo de jovens, falta de um acompanhamento (LPG, 18 anos).

Para Durkheim (1989), assim como a organização do espaço, a duração é um reflexo de uma sociedade que tem uma vida passada e que não organiza o individual, mas o social. O mesmo ocorre com o espaço, que não é solto ou infinito, mas é algo que é coordenado. Ele seria impossível sem algumas coordenadas: direita, esquerda, acima, abaixo, ao norte e ao sul. Essa separação necessita de uma valoração de modo afetivo. E o/a jovem reconhece isto quando diz que um espaço é mais favorável ao uso de drogas e bebidas que leva para uma vida de violência.

Assim, para entender a religião, é importante “considerarmos as religiões na sua realidade concreta e procurarmos apreender o que elas podem ter em comum” (DURKHEIM, 1989, p. 54). Durkheim insiste em que a religião é social, assim como o ser humano. A religião não se esgota nas práticas religiosas. Ela revela a essência do ser humano através de seu sistema de mitos, dogmas, ritos e cerimônias. Ela acontece quando há uma articulação de certo número de coisas sagradas com coordenação e subordinação, de maneira a formar um sistema com um conjunto de crenças e ritos: “uma religião é um sistema solidário de crenças seguintes e de práticas relativas a coisas sagradas” (DURKHEIM, 1989, p. 79).

Também em relação aos objetos acontece o mesmo processo: necessitam de uma articulação para se tornar algo sagrado, para que este objeto sagrado

represente materialmente a crença. Eles são sagrados porque há um desejo dos seres humanos que convivem com eles de os considerar como tal. Assim, quando os/as jovens descrevem o grupo, percebe-se que há algo de sagrado na sua relação com o grupo. Alguns objetos que lembram ou fazem referência ao grupo, como a camiseta, passam a ter um sentido novo, um sentido de pertença ou até de reconhecimento, porque torna visível e público o seu pertencimento a um grupo e o/a jovem passa a ser respeitado/a dentro de uma sociedade.

Essa força do objeto é de caráter religioso e se torna o símbolo do grupo. Quando Durkheim (1989) fala da experiência do tótem para o grupo dos Australianos, ele diz que aquele objeto é o símbolo de Deus e da sociedade. Uma sociedade é para os seus membros o que Deus é para aqueles que nele acreditam. A sociedade alimenta em nós uma constante dependência. Estamos sempre nos submetendo às regras e sacrifícios, por vezes contrários aos nossos instintos.

A análise da religião passa a ser considerada, como afirma Berger (1985), em seu caráter mais sócio-psicológico, motivada por uma série de outros fatores. Entre eles, as questões existenciais e a solução para as necessidades mais urgentes na vida cotidiana. A religião, como espaço de produção simbólica, ocupa outras áreas da comunicação, como as mídias eletrônicas, para estabelecer contato direto com os fiéis, sem ser necessário dirigem-se aos templos, oferecendo aos seus fiéis uma programação com atrações, shows, curas, bênçãos, ofertas buscadas como respostas.

O ambiente de confiança que oferece a religião é comparado com o ambiente da família. Essa comparação pode referir-se ao “sagrado” do grupo do mesmo modo que a família, no ocidente, é comparada com a “Sagrada Família”, dando uma visão religiosa para a família. Quando os grupos de jovens da comunidade paroquial são

identificados como a “segunda família”, isso pode estar ligado ao conceito que está posto na sociedade e, estabelecer para este ambiente uma confiança para aqueles/as que compõem este espaço do grupo de modo idealizado, assim como se idealiza a família. Essa idealização é mencionada pelos/as jovens entrevistados/as, no modo como reconhecem que o grupo influencia em vários aspectos de sua vida “espiritual, como na vida normal, social mesmo”.

[o grupo] Ah! Era tipo uma família, uma outra família. Está ali sempre te passando energia, alegria estes sentimentos ligados não das coisas tristes, mas convidando o jovem a se animar. Há sempre um incentivo por parte dos membros. Estão sempre ali te olhando, te ajudando. Não importa quem é somente porque está no grupo. As pessoas quando chegam são mais as pessoas sempre são acolhidas, bem acolhidas. Então pra mim o grupo de jovem é tipo uma outra família que a gente tem, estão sempre pronto ali pra quando você precisar. Estão ali te ajudando, apoiando, tanto no espiritual, como na vida normal, social mesmo (DAN, 17 anos).

Nas treze entrevistas feitas, a idéia mais manifestada pelos/as jovens é a religião como espaço de amizade e acolhida. E isso não significa que a idéia de Jesus, Deus, agentes religiosos, tenha aparecido pouco. Poderia ser lida como um grupo qualquer que reúne jovens, porém a idéia religiosa de que somos irmãos e irmãs, da acolhida, da alegria de estar juntos/as é uma idéia religiosa alimentada pelas orientações e oferecida aos/às jovens que participam deste espaço. Essa idéia é o primeiro passo para contribuir na construção de um espaço onde se pode confiar. Por esta razão contribui para devolver a palavra a muitos que a perderam na convivência em outros espaços: família, escola, trabalho, entre outros. A convocação dos/as jovens para a justiça, a solidariedade e os diversos serviços favorece a abertura e a atenção às necessidades das outras pessoas. É uma porta para perceber as ausências de direitos, identificar as desigualdades sociais e fortalecer valores que contribuam na formação e na atuação diferenciada.

Estas idéias religiosas que alimentam os grupos podem ser conferidas no Documento de Estudo da CNBB (2006, p. 26 - 9) quando apresenta o seguimento a

Jesus Cristo como o conteúdo para os/as jovens. O texto aconselha que Jesus seja apresentado aos/às jovens a partir da vida comunitária, ao modelo dos discípulos, círculos de amigos, uma vida com sentido, com respeito ao diferente, o modo fraterno de tratarem-se como irmãos e o dar a vida pelos/as irmãos/ãs. Assim, Jesus é apresentado como o Senhor da vida comunitária e essa vida, como o lugar do encontro pessoal.

Este mesmo documento apresenta a vida da comunidade na qual o/a jovem experimenta o mandamento novo do amor e suscita um ambiente de alegria, de amizade, de carinho, acolhida e respeito. O/a jovem é interpelado a ser discípulo/a de Jesus e assumir, na sua história e na história de sua participação no grupo de jovens da comunidade paroquial, os valores apresentados por Jesus.

O discípulo se compromete com a coerência de vida e ação na transformação dos sistemas políticos, econômicos, trabalhistas, culturais e sociais que mantêm a miséria espiritual e material milhões de pessoas em nosso continente (CNBB, 2006, p. 29).

Neste sentido “o sagrado não se opõe ao profano” (ELIADE, 2002, p. 25). Aqueles/as que aderem à proposta do grupo, fazem desse lugar um centro para a vida comunitária, tornando o grupo um lugar simbólico de salvação para os/as jovens e de atuação contra as injustiças percebidas na sociedade porque, afinal, a construção deste lugar é a busca de todo ser humano. E a habitação humana é identificada como o centro do universo, com sua lareira e sua abertura para a saída da fumaça, essa imagem pode ser aplicada ao grupo que passa ser o centro da vida do/a jovem por um determinado tempo de suas vidas e em que se efetiva a socialização, vital para sua construção.

Essa experiência religiosa vivida no grupo traduz as idéias de felicidade e de paz que são transmitidas no encontro com Deus. Neste sentido essa experiência com o sagrado, a partir de um lugar que ele classifica como “centro”, terá influência

sobre o/a jovem. As idéias de confiança, paz, solidariedade e cuidado vividas no ambiente são idéias religiosas valorizadas na sua formação pessoal e serão fundamento para a sua maturidade pessoal e para inserção em outros ambientes, se despertado no grupo para esta atuação.

O jovem está assim se marginalizando, indo pelo no caminho errado. Então se ele passa procurar mais a presença de Deus, então lá num grupo de jovem, pela forma que a gente é acolhida, o grupo te deixa animado porque você tem contato com Deus. Você está sempre orando, rezando e então te deixa muito emocionado. Faz você se esquecer de tudo. Você experimenta aquela paz, aquela paz que vem de Deus. Então eu acho que é isso a felicidade e ir lá inspira muito a gente. E é isto que faz a gente ir pro grupo de jovens (DAN, 17 anos).

Assim, se a religião, como afirma Bourdieu (2004, p. 46), funciona como construtora da experiência, com o efeito de consagração ou de legitimação ela consegue submeter o sistema de disposição, em relação ao mundo natural e social. Por isto converte o *Ethos* enquanto sistemas implícitos de ação e apreciação da ética no conjunto sistematizado e racionalizado de normas explícitas. É um sistema que aumenta a resistência da força material ou simbólica possível de ser mobilizada por um grupo ou uma classe, assegurando a legitimação de tudo que define socialmente esse grupo ou esta classe. Neste sentido, a experiência vivida pelo/a jovem no grupo tem força de legitimar as suas opções e passa a orientá-lo/a na escolha do planejamento de sua vida.

Para Karl Marx (2004a), no entanto, a religião é a expressão da miséria real. É nela que o ser humano projeta, na idéia de Deus, os seus próprios atributos. O ser humano inventa uma religião para superar suas carências (LEMOS, 2005, p. 30). Para Marx (2004a) a religião é um dos aspectos da ideologia. Onde houver a religião, ela reflete os problemas das relações humanas. Quanto mais crise, maior a busca religiosa.

Esses aspectos apresentados por estes autores contribuem para compreender a dinâmica apresentada pelos/as jovens na pesquisa, tais como o *Ethos*, a capacidade simbólica de associar ou dissociar, a questão da elevação do ser humano e a questão da religião como um dos aspectos referentes à contribuição da experiência, no sentido de consagrar ou legitimar a religião como resposta às misérias humanas. Essas concepções de religião têm contribuído na compreensão das idéias religiosas apresentadas pelos/as jovens a partir de sua experiência nos grupos das comunidades paroquiais, que estão presentes na consideração que fazem da religião e na auto-representação de sua identidade política. Em meio à pobreza e às crises produzidas pela carência maior, terá necessidade de um Deus para projetar as suas necessidades/potencialidades. As imagens de si, com qualidades e carências, serão assumidas por esta entidade, possibilitando uma alienação/emancipação no que se refere a sua formação identitária na política. Por esta razão a inserção e a participação no grupo de jovens se dará de modo muito particular, uma vez que dependerá das condições sociais às quais estão submetidos/as.

Assim, alguns dos/as entrevistados/as reconhecem que a participação num grupo religioso forma “consciência”, que as pessoas se ligam por motivos físicos, “mentais” e “espirituais” e que responde pelas carências que experimentam, no caso da migração, motivando “acolhimento” em outra cidade.

Minha consciência hoje é totalmente diferente daquela de quando eu não participava dos grupos de jovens (GSA, 17 anos).

[...] e tem esta questão espiritual. Puxa, eu acho que o jovem, o homem em si, tem esta ligação não só física, mental, mas, tem algo espiritual (HC, 19 anos).

O grupo de jovem foi o que me acolheu aqui em Goiânia.. [...] (CS, 22 anos).

A produção de sentido é vital para a vida coletiva. O ser humano, diferente das outras espécies animais, carece de um relato, isto é,

Un modelo cultural: el conjunto de los principios de sentidos invocados por una comunidad humana para fundar la legitimidad de las conductas esperadas de sus miembros en los campos de sentidos [...] Estos principios de sentido son de alguna manera los “dioses” (naturales, sobrenaturales, sociales o individuales), los “Personajes mayúsculos” a los cuales los seres humanos se refieren para saber lo que es bueno, justo y verdadero de decir, hacer, pensar y sentir, ahí entonces, y los cuales se les ruega someterse (BAJOIT, p. 86, 2003).

Weber (2004b) afirma que a religião é importante para compreender a cultura. O seu trabalho organizado com o título *Ética protestante e o Espírito do Capitalismo* tem como pergunta fundamental a criação de uma sociedade secularizada. A sua resposta está centrada na secularização da religião. Daí o peso que imprime à religião, não só causal, mas na inter-relação com a economia.

A compreensão da religião responde às necessidades concretas do cotidiano e organiza a relação com os deuses. Essa conexão está ligada à experiência humana de cada grupo: ora com a terra, ora com a luz. Com relação a deus, especificamente, na medida em que as sociedades se tornam mais complexas, as pessoas sentem a necessidade de viver o monoteísmo. Essa religião conta com figuras como o sacerdote, o mágico, o profeta, tipos ideais propostos por Weber (2004), como os profissionais da mesma. A religião influencia com grandes conseqüências o modo de vida de camadas muito heterogêneas. Segundo o autor, “a determinação religiosa da conduta da vida, porém, é também um e – note-se isso – apenas um dos elementos determinantes da ética econômica” (WEBER, 1982, p. 310).

Neste sentido, a religião organiza a vida, dando legitimidade ao grupo e à ordem estabelecida. Em sua maioria, ela solicita do indivíduo algumas tarefas, estabelece hierarquias e instaura um modo de ser na sociedade, sustentado por

uma mística, de modo a naturalizar a ordem hierárquica. Como afirma a jovem pesquisada, “descobri que podia coordenar”, com algumas tarefas de “ensinar” e com algumas exigências de aprender a executar as tarefas solicitadas. Esta ordem é dada por participar no grupo. A razão porque se dispõe a realizar a tarefa é dada pelo pertencimento à religião.

O grupo de jovem foi o que me acolheu aqui em Goiânia. Foi onde eu descobri que eu podia estar coordenando pessoas, onde eu podia estar no caso, aprendendo com estas pessoas e ensinando. Aí eu comecei a fazer curso de formação, eu comecei a amadurecer e aí pude ensinar: Como eu ia ensinar? Como eu ia coordenar, se eu não sabia? (CS, 22 anos).

Este estilo de vida, assumido pela pessoa, através da religião, é comunicado pela vida em sociedade. Todas as pessoas e, de modo especial, as instituições, se encarregam de garantir a sua legitimidade. A religião, ao assumir esta função na organização social, possibilita aos sujeitos mais jovens mecanismos para a sua inserção social. O ponto de partida, porém, é sempre a vida. São as buscas concretas que vão ser ordenadas e possibilitam ao jovem, além da inserção, uma atuação política (com uma intenção) no mundo.

A religião precisa ser entendida como reflexo das relações humanas e não como matriz. No caso, ela evoca aspectos que desejamos conservar e aspectos que queremos transformar. Os deuses são necessários para dar um sentido à vida em sociedade e, sem isto, não seria possível a socialização humana. Bajoit (2003) explica que o relato toma diversos sentidos, podendo ser uma história (os mitos) ou, ainda, um discurso (as ideologias) daqueles que sustentam o poder, a autoridade, a influência e a hegemonia nas instituições, traduzidos em forma de valores, normas, leis, interesses ou costumes vigentes.

A visão da sociedade organizada pelo/a jovem (“um beco fechado”) não é aceita de modo tranqüilo. O caminho afetivo e de confiança (“as amizades”) e a

relação com a comunidade dão segurança. Mesmo nas dificuldades (“aquelas diferenças”) o/a jovem é capaz de se localizar de modo a “dar sentido a sua vida”. A religião, com seu ambiente de confiança, oferece ao sujeito este caminho. Se há confiança por parte dos/as jovens que participam do ambiente religioso, os valores por eles propagados passam a dar sentido à vida deles/as e a formar uma visão de mundo pela qual passa a ser sujeito da sua história, no dia a dia.

[...] momento que a gente sai de um beco fechado e escuro e entra num mundo de amizades, de carinho, de amor, de vivência. O grupo é um momento de crescimento, quando você encontra pessoas de estilos de vida diferente, perspectivas diferentes, a gente vê, que ali com aquelas diferentes vivências que a gente consegue caminhar. Neste lugar a gente vai construindo nosso próprio sentido de vida sem seguir modelos vindos de fora, modelo que a gente constrói em si próprio, no dia-a-dia (JDF, 24 anos).

O/a participante percebe que o mundo a sua volta é diverso e que o desenvolvimento dos indivíduos tende a um modelo cultural do tipo identitário. Na medida em que vão se alterando os contextos, os relatos terão que ser atualizados para encontrar-se nesta mesma sociedade e entre aqueles/as que crêem no sentido proposto. Com certeza, os ritmos da vida, de modo especial os da juventude, vão buscando as devidas alterações nas narrativas dos mitos para que se encontre sentido e seja possível uma explicação plausível. Neste sentido as alterações na sociedade são percebidas por dentro da vida do/a jovem e na medida em que vai construindo sua interação social, a sua identidade será formada com estes valores e com uma visão de mundo presente no modelo atual em que vive. O grupo é este espaço de confiança para que possa não só assimilar a cultura mas, também, dar sentido em sua história pessoal.

3. 2 REPRESENTAÇÃO RELIGIOSA

O conceito de representação religiosa está no centro do pensamento de Durkheim (1989). Na vida coletiva surgem efeitos que se sobrepõem ao nível do indivíduo e que compõem a coletividade. Este conceito é chave para entender as representações coletivas. Segundo Durkheim (1989, p. 38), “a representação coletiva é o agregado de uma totalidade”. As representações coletivas conservam o substrato social, porém não são fixas. Elas se movem e produzem novas representações. São “símbolos publicamente inteligíveis” junto a “acontecimentos compreendidos particularmente”.

As representações coletivas são o produto de uma imensa cooperação que se estende não apenas no espaço, mas no tempo; para produzi-las, uma multidão de espíritos diversos associaram, misturaram, combinaram suas idéias e seus sentimentos; longas séries de gerações acumularam aí experiência e saber (DURKHEIM, 1989, p. 45).

De certa forma, Henri Lefebvre (*apud* SPOSITO; CORROCHANO, 2005, p.144) concorda com Durkheim, quando recusa a idéia de que a representação seja algo fora do sujeito, pois a considera como constituinte do sujeito, tanto na sua história pessoal como social. Para Lefebvre as representações “não são nem falsas nem verdadeiras mas, ao mesmo tempo, falsas e verdadeiras: verdadeiras como respostas a problemas reais, e falsas na medida em que dissimulam os objetivos reais”.

Woodward (2000) une os dois conceitos, de representação e de identidade, e considera que os sistemas de representações exigem uma relação entre a cultura e os significados e que só podemos compreender esses significados a partir da cultura. O autor afirma que

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa existência e àquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo no qual podemos nos tornar (WOODWARD, 2000, p. 17).

As representações coletivas que temos sobre os/as jovens constroem uma imagem de jovens (de modo especial, os/às jovens pobres) como perigosos/as. Essa representação de violência assumida pela sociedade e atribuída aos/às jovens tem causas mais amplas, como as do tráfico internacional de drogas, que alimenta a economia e a indústria de armas e conta, ainda, com uma polícia despreparada para enfrentar estes fatos generalizados e acabam, como toda a sociedade, elegendo os/as jovens, e de modo particular os/as jovens negros, os responsáveis pela violência, mantendo sobre eles uma relação violenta. Eles/elas são suspeitos/as por princípio. Esses dados podem ser conferidos pelos diversos meios de comunicação social ou em pesquisas como as da Unesco, que apresentam dados sobre como morrem nossos/as jovens¹⁸. Também as representações dominantes sobre os/as jovens (SPOSITO, CORROCHANO, 2005, p. 145), em que se opera com a imagem da juventude perigosa, potencialmente violenta, é, segundo as autoras, uma das razões por que o tema ocupa tanto interesse da sociedade brasileira. Como exemplo, aponta o desemprego, que leva muitos/as jovens à ociosidade forçada, propiciando maior tempo livre. Esse imaginário simbólico que permanece sobre esta faixa etária contribuirá para a representação que os/às jovens fazem de si mesmos/as.

Do mesmo modo, as representações religiosas exprimem realidades coletivas, conforme afirma Durkheim (1989, p. 38). A idéia religiosa de evangelizar é “acolher a pessoa” e “mostrar o caminho”, que se supõe fora das drogas ou da

¹⁸ CNPD – Jovens Acontecendo na Trilha das Políticas Públicas, vol.1. p. 209 (Como morrem nossos jovens?).

prostituição que, para o/a jovem, são questões que não levam ao caminho “certo”, ou seja, que interfere no seu plano para o futuro próprio da idade. Assim, a representação religiosa é apresentada por estes jovens da pesquisa como um espaço de possibilidade para a construção de outro futuro, diferente deste posto pela sociedade aos/às jovens.

[...] o jovem ele começa a desviar pra caminho que não é bom, por exemplo, quando um jovem se influenciando por marginais, como assim por outra coisa que não é boa para os jovens, como: as drogas, a prostituição. O intuito do grupo de jovens quando a gente vai evangelizar, acolher aquela pessoa, mostrar a ela que aquilo não estava certo, oferecer ajuda se ela quiser. A gente vai disposta a ajudar, mostrar para aquela pessoa se ela quisesse ajuda ela teria essa ajuda, depende dela, lógico (HC, 19 anos).

Os temas juventude, identidade, grupo e as idéias religiosas possibilitam perceber que, se, por um lado, conforme Marx (2004b), o ser humano carrega o infortúnio de ser um capital vivo e o seu valor tem variação conforme as leis da oferta e da procura, ele só existe como trabalhador e não como ser humano. Na propriedade privada é que se dão as relações do capital com o trabalho. Essa compreensão de Marx baseia-se nas questões econômicas. As mudanças são concretas e não ideais, como propõe a religião ou a filosofia. O autor concebe que a pobreza não é fruto somente de causas naturais e que a religião deve ser superada porque é causa de alienação. Marx afirma, ainda, que a crítica à religião liberta o ser humano da fantasia, para que possa pensar e para que ele volte a girar em torno de si mesmo e encontre o sentido verdadeiro e real da sua existência. A religião seria uma ilusão que caminha com o ser humano antes de voltar a si mesmo.

Embora não seja possível negar esses elementos presentes na cultura atual, de modo especial na concentração da renda, no desemprego, na exploração do trabalho, eles interferem de modo direto na construção da identidade desta geração. Há, contudo, muitos outros elementos que estão presentes na formação da

identidade que precisam ser levados em conta nesta análise. Esta geração vive um momento de criar autonomias e de busca de outras referências para a construção de novas identidades, para além da produção material, discutida em Marx.

Esses elementos estão presentes, por exemplo, nas escolhas religiosas que acontecem, independentes da relação com os familiares. Os/as jovens já não tratam a religião como um conjunto de normas e costumes a serem repetidos. A religião assume um lugar simbólico de se encontrar respostas para as necessidades concretas da juventude, de modo especial, através do prazer e não mais do sacrifício.

Nos dados da pesquisa, no que se refere ao grupo da comunidade paroquial, pode-se perceber pelos/as entrevistados/as que o grupo representa, para o/a jovem, um lugar simbólico. “Minha segunda casa”, que “cria identidade” (“a gente sai com camisetas”). Revelando que essas iniciativas vivenciadas no grupo criam posturas no interno das pessoas. A religião responde a sua necessidade de ser útil e ser reconhecido; ela faz parte do seu universo simbólico. Neste lugar de confiança abre-se caminho para novas possibilidades, não só no aspecto afetivo (“fazer amigos”) mas, também, na “atuação na comunidade”. Esta atuação está ligada a “obrigações para com esta fé” e, portanto, é uma ação sustentada por concepções fundadas nas idéias religiosas veiculadas no grupo.

Depois que comecei a participar do grupo eu comecei a interagir melhor no bairro. Aí eu conheci as pessoas, fiz muitos amigos e a partir daí o grupo se tornou a minha segunda casa depois do trabalho é o grupo de jovens [...] (EC, 23 anos).

Por exemplo, nas reuniões, se tem um encontro [DNJ e outros] a gente cria uma identidade. Essa identidade se faz no grupo. E depois do lado de fora do grupo, na comunidade, quando a gente sai com as camisetas o povo reconhece. E depois que percebe que o grupo não é só para fazer amigos nós temos uma atuação na comunidade. Quando você descobre a fé você tem obrigações para com esta fé (CS, 22 anos).

Essa formação da identidade política do/a jovem não se dá somente a partir de um lugar simbólico como o grupo da comunidade paroquial. Esses/as jovens, como todos/as os/as jovens, recebem diversas influências na sua formação. Entre as mais reconhecidas pelos/as mesmos/as está a família, que oferece confiabilidade a esta geração. Isso pode ser entendido pelo movimento da volta para a pessoa e para seu mundo particular, criando uma nova cultura e um novo jeito de participação social. Por isso, a memória coletiva deste grupo, seus valores e símbolos são tomados e relidos a partir das novas concepções geradas pelas mudanças provocadas pelo desencaixe do tempo e espaço, propondo uma nova dinâmica no local e no global, no presente e no passado, criando novas perspectivas (GIDENS, 1991).

Os espaços religiosos estão sendo ocupados e desejados por estes/as jovens, como os grupos. E estes terão como tarefa possibilitar essa experiência de síntese do momento cultural a que estão submetidos/as os/as jovens. Caso contrário, não responderão às buscas dos/as jovens e, com certeza, buscarão outro espaço. Para alguns/mas jovens o grupo da comunidade paroquial alimenta um elã, a partir do conteúdo de suas idéias religiosas, fomentando ações voltadas para uma nova solidariedade, para um novo jeito de estar no mundo. Não mais despregadas da subjetividade, mas conectadas com o desejo pessoal e a satisfação para si. A motivação a partir de Jesus, também, abre para outras ações voltadas para outras necessidades comunitárias.

No entanto, um dos/as entrevistados/as afirma que este espaço do grupo não faz parte da ação de algumas paróquias. As atividades ofertadas pela paróquia não incluem um espaço para o/a jovem participar. Ele/ela é tratado como sujeito passivo (“sentar no banco e escutar”). Ele/ela critica a ausência de grupos de jovens

afirmando que estes são formas “renovação” da Igreja. E argumenta que é uma atitude pregada pela Igreja a partir das posturas do Papa João Paulo II em relação aos/às jovens. Na argumentação do/a jovem, os grupos deveriam ser oferecidos como agência para a adesão de novos membros para a instituição, e portanto, deveriam ser de interesse de todas as Igrejas. Seu argumento é apelativo: se não for por causa dos/as jovens, ao menos por causa dela mesma. Questiona, também, o método, afirmando que o desejo dos/as jovens é de participar como protagonista. Esse espaço religioso é reconhecido pelos/as jovens, no entanto, não está sendo assumido pela instituição com o mesmo valor, o que revela que o descuido para com este espaço, uma das razões por que os/as jovens deixam não só os grupos, mas também a Igreja.

Então a Igreja Católica precisa ter uma renovação dentro dela mesma. Assumir os jovens como foi proposto pelo João Paulo II. No entanto, em algumas Igrejas não é assim. Algumas assumiram, outras não estão nem aí. [...] A Igreja é aquela coisa monótona. Não se abre para o jovem. Chama o jovem, só para o jovem ir lá. Ele senta a ‘bunda’ no banco e espera o sermão do padre e vai embora. Não queremos isso! Talvez seja por isto que as Igrejas protestantes, hoje, ganha a maioria dos jovens porque eles desenvolvem projetos praticamente para jovens. A igreja Católica, ao contrário, ela tem freado o jovem, isso faz que o jovem migre para outra Igreja (MRI, 24 anos).

Pode-se afirmar que os grupos de jovens da comunidade paroquial são um dos espaços para a elaboração da sua identidade a partir dos significados que os/as jovens atribuem ao grupo. O fato de as paróquias não oferecerem ou, ainda, não darem ao grupo de jovens a sua devida importância, com acompanhamento, com recursos humanos e materiais, não significa que os/as jovens motivados/as para a participação nos mesmos, não o reconheçam como importante para eles/elas e para outros/as jovens.

4 CONTEXTO SOCIAL DOS/AS JOVENS E DO GRUPO

Os/as jovens pesquisados/as estão inseridos/as em um contexto que possibilita ou dificulta a sua organização em espaços sociais, de maneira especial em grupos. Isso interfere na formação de sua identidade política uma vez que altera modos de pensar sobre si e sobre a vida em sociedade, imprimindo valores a serem assumidos em sua história pessoal. Muitas vezes esse contexto não possibilita escolhas, de modo especial aos/às jovens que estão excluídos de determinadas ofertas apresentadas pela sociedade através da mídia em geral. Neste capítulo retomamos alguns conceitos já tratados acima. O objetivo é situar o tema da pesquisa dentro de um contexto social mais amplo em uma perspectiva de análise dos desafios do tema juventude e grupo na formação da identidade política do/a jovem que participa na comunidade paroquial.

Os/as brasileiros/as entre 15 e 24 anos somavam, em 2000, 34 milhões, cerca de 20% da população, sofrendo as conseqüências da desigualdade social no que se refere à esperança de novos caminhos para uma evolução social e construção de valores éticos deteriorados, além do aumento de desemprego para este segmento. Os dados do IBGE, de 2001, apontaram que 3,7 milhões de jovens estavam sem trabalho. Mesmo crescendo o índice de escolaridade, em 2001, os dados revelaram que 17 milhões de jovens, entre 15 e 24 anos, não estudavam.

Essa população passou de 8,2 milhões, em 1940, para 34.081.330 em 2000. Quando se considera a faixa de 15 a 29 anos, o número passa para 47.930.995 (IBGE, 2000). Isso tudo apesar de, a partir da década de 70, a taxa de crescimento, nesta faixa etária tenha decaído. Mesmo com este dado, estamos vivendo um

momento caracterizado como “onda jovem” (MADEIRA; BERCOVICH *apud* CNPD, p.8,1998). De acordo, ainda, com a projeção do IBGE no Brasil, em 2020 esta faixa etária de 15 a 24 anos contará com 28,7 milhões jovens. O fenômeno da ‘onda jovem’ pode demorar muito a se repetir, uma vez que a população vive o decréscimo das taxas de natalidade.

Outro dado que preocupa é o da violência. A UNESCO publicou uma pesquisa sobre a taxa de homicídios na população jovem no Brasil: de 54,5 para cada 100 mil jovens, contra 21, 7 para o restante da população. Este dado do restante da população tem se mantido estável desde 1980. No segmento juvenil, porém, pulou de 30 para 54,5, de 1980 para o último levantamento, feito em 2005 (PROJETO JUVENTUDE, 2005).

O aumento da população jovem, combinado com o crescimento da taxa de desemprego e com as mudanças tecnológicas e a saída do Estado da garantia dos direitos humanos, gerou uma explosão. As suas conseqüências podem ser conferidas no aumento do índice da violência¹⁹ e, de modo especial, contra os/as jovens. Cresce o número de jovens vítimas de homicídios, acidentes e suicídios, considerados causas externas de mortalidade.

Atualmente, 85% da população jovem mundial vivem nos chamados países em desenvolvimento. Com isso, a maior barreira é a pobreza, que rouba dos/as jovens as oportunidades e as expectativas de uma vida digna, condenando-os a situações e estruturas vulnerabilizantes.

Esse crescimento da desigualdade social, um dos causadores das faltas de oportunidades, tira a esperança, faz crescer a violência e pode tirar o/a jovem da possibilidade de se organizar em qualquer espaço social ou grupal devido à luta pela

¹⁹ Estes índices podem ser conferidos em *Situação da Adolescência Brasileira –UNICEF (2002) e Jovens Acontecendo na Trilha das Políticas Públicas –CNPd, 1998. Volumes 1 e 2.*

sobrevivência. A falta de expectativa de vida coloca o/a jovem muito próximo da morte.

Os/as jovens vivem em um mundo de constante devir. Para Santos (2000), um “período de transição paradigmática”. Bauman (2001, p. 42) afirma que vivemos em “tempos de grande velocidade e aceleração, do encolhimento dos termos do compromisso, da ‘flexibilização’, da ‘redução’ e da procura de fontes ‘alternativas’”. Há autores que identificam, também, mudanças nos mitos, provocando mutações, uma vez que há um câmbio nas referências. Essas mudanças se refletem em toda a sociedade e pode ser percebida não só pelo comportamento dos/as jovens, mas no todo da sociedade.

Uma das características dessas mudanças é a forma de se comportar dos membros desta sociedade. Pela juvenização assumida por todos/as como um valor em que o culto ao corpo, as mudanças na moda e, com isso, nos estilos de vida, nota-se que todos/as querem ser jovens (PAIM, 2002, p. 57 - 9). Se todos/as são jovens, com quem os/as jovens farão o confronto para a formação da identidade? Contra quem vão se rebelar? Qual a referência de adulto/a o/a jovem terá? Terá perspectiva de futuro? (CARMO, 2000, p.221 - 2).

Tornero (1998, p. 264) trabalha com esta mesma idéia da juvenilização da cultura. No seu entender, esse dado implica a extensão de determinados valores considerados próprios dos/as jovens até o universo da cultura difundida pelos meios de comunicação social.

Esse movimento influencia, em primeiro lugar, os/as jovens. O culto ao corpo e à beleza produz um discurso que projeta uma figura estereotipada e acaba sendo introjetada no cotidiano da juventude e o modo de ser jovem passa a ser referência tanto para as crianças, como para os/as adultos/as. É uma maneira de identificação.

Essa fórmula é explorada pelos meios de comunicação e provoca, também, um controle do modo de comportamento dentro dos padrões esperados. Trata-se de um estilo de consumo, mas também de um modo de projetar as expectativas legitimadas sobre os/as jovens para estimular o consumo e gerar valor públicos. O novo, assim como a velocidade, o consumo e a aceleração são valores na atual sociedade. O terceiro valor central é a visibilidade. A imagem tem privilégio aos outros sentidos (TORNERO, 1998, p. 265).

Este movimento poderá ter uma influência na formação da identidade política do/a jovem porque o corpo, para o/a jovem, é uma realidade fundamental, centrando-se em si mesmo e em seus interesses. Coloca o/a jovem como foco central da sociedade, uma vez que seus atributos são cobiçados por uma grande maioria. Os/as jovens já percebem, como foi explicitada pela pesquisa, uma cobrança muito grande em torno de si. Esse movimento pode provocar um enclausuramento mais organizado, com menor espaço de atuação em outros espaços de interesse mais geral de toda a sociedade.

Os/as jovens são chaves para a reprodução social. O valor da pressa dá pouco tempo ao/à jovem. É contraditório, porque os/as obriga a entrar no mundo adulto de forma acelerada. De um modo especial, os/as adolescentes empobrecidos/as que estão excluídos/as do sistema de proteção das classes. Não há tempo para responder às perguntas vitais: Quem sou eu? Qual o sentido da minha vida? Onde estou? Ao mesmo tempo, a oferta de construção de identidade é aquela que faz olhar para si mesmo, tomando como fonte inspiradora o mito de Narciso. Esse mito revela que, nesta sociedade, não há limites, exigindo gratificação imediata e vivendo, todo o tempo, o desejo e, ao mesmo tempo, insatisfação e depressão (TORNERO, 1998, p.266-9).

Como foi dito, são inúmeras as mudanças do ponto de vista cultural que tocam direto na vida dos/as jovens. Além dessas já citadas, Castells (1999, p.169) acrescenta que esta era vive o fim do patriarcalismo como estrutura na qual se assentam as sociedades contemporâneas. Essa estrutura “caracteriza-se pela autoridade, imposta institucionalmente, do homem sobre a mulher e os filhos no âmbito familiar”. Para que esta autoridade seja exercida, porém, necessita estar permeada em todas as organizações desta sociedade da cultura, religião, economia, família, legislação.

Essa estrutura patriarcal organiza não somente as relações interpessoais, mas, ainda, a personalidade é marcada pela dominação e pela violência geradas pela cultura daqueles e daquelas que detêm o poder. Essa estrutura tem sua base no modelo de família patriarcal, mas as mudanças no trabalho, na consciência e na postura das mulheres, têm alterado esse quadro. Outro elemento, ainda segundo Castells, que tem contribuído é o avanço da ciência da reprodução. Esse movimento das mulheres não é algo recente. Está na base de reivindicações milenares, porém nestes últimos anos ganhou visibilidade e desencadeou um processo irreversível.

Essas mudanças no modelo de família fazem desmoronar o modelo patriarcal, gerando uma transformação gradual e contínua. Essas alterações têm uma perspectiva assustadora não só para os homens, levantando uma onda de reação conservadora e estimulando os movimentos fundamentalistas (CASTELLS, 1999, p. 171).

O autor afirma, ainda, que neste contexto, os movimentos sociais dão ênfase ao ‘pessoal’ como forma ‘política’ e abre caminho para o movimento feminista e suas reivindicações. Abre-se para outras lutas sociais: ecologia, fome, direitos sexuais, afetivos, luta por novos tipos de vida, novos parceiros e novas formas de afirmação

de personalidades, experimentos com a sexualidade e o amor. Em uma sociedade organizada em redes globais essas mudanças interagem, provocando reformas estruturais e têm um poder na formação da identidade. Não é o fim da estrutura e valores patriarcais, porém os colocam sob suspeita. É o fim da família como a conhecemos até agora (CASTELLS, 1999, p. 173 - 4).

Esse modelo patriarcal está determinado pela premissa da heterossexualidade. A regulamentação do desejo está subordinada às instituições, canaliza a transgressão e organiza a dominação. Por isto, o seu ponto fraco é a premissa heterossexual que pode desmoronar quando se questiona a relação entre o sexo e a reprodução. O vínculo masculino é uma ameaça à masculinidade, solapando a coerência cultural das instituições dominadas por homens. “O que está em jogo”, diz Castells, “não é o desaparecimento da família, mas sua profunda diversificação e a mudança do sistema de poder” (CASTELLS, 1999, p. 259).

Essas alterações sócio-culturais vão intervir na mentalidade e na formação dos novos sujeitos, que estão sendo formados neste novo jeito de se posicionar no mundo. Eles estão nascendo e sendo formados/as em diversos modelos de famílias, mergulhados/as nestas alterações tanto dos avanços como do retrocesso provocado pela derrocada do modelo de família patriarcal. Alguns fortalecem o movimento fundamentalista de retorno ao patriarcado e outros assumem as mudanças provocadas por esta derrocada. Portanto, ser jovem nesta sociedade será uma novidade que somente os/as jovens saberão traduzir e estes/as a traduzirão pelo seu modo de ser e de organizar essa sociedade pautada por essas alterações.

Essas mudanças provocadas na pessoa do/a jovem revelam que foi alterado o modo de pensar os modelos prontos. Isso significa, também, que o grupo apresenta outros valores. Os/as jovens entrevistados/as mencionam isso quando

afirmam não buscar “uma família padrão” ou, ainda, o grupo desperta para perceber que “viver é mais do que isto, é ajudar o outro” O/a jovem que participa do grupo está assinalando para algo mais (“preocupar-se com as grandes questões”) não só que envolvem a sociedade mas, “o mundo”, significando causas ecológicas. Com isto, altera valores e modo de ser no mundo. O/a jovem entrevistado/a atribui essas mudanças ao grupo. O que poderia significar que estes jovens, que vivem neste tempo de mudança, constroem suas vidas, dão sentido a ela, a partir de valores que são identificados na experiência junto com outros/as jovens na vivência do grupo. Podendo, alterar o *ethos* que se formará a partir desta vivência no grupo.

[...] A vida vai muito além do que olhar o próprio umbigo ou de construir coisas só pra mim. Ou mesmo, de querer uma família padrão: papai, mamãe e filhinhos com minha casinha, meu trabalho. Não. Viver é muito mais que isto. É você ajudar o outro É você preocupar com as grandes questões que envolvem a sociedade e o mundo. Eu acho que é uma mudança de visão. Eu acho que a maior coisa que o grupo me ajudou foi mudar minha visão de vida. Mudar alguns ideais que tinha quando fui para o grupo. Parece que ampliou e despertou para o porquê viver, me trouxe essa coisa. Um despertar para o mundo e para vida, para minha pessoa. (JR, 22 anos).

Não se trata de absolutizar o grupo, uma vez que a formação do/a jovem poderá ocorrer em vários espaços de mediação, entre o/a jovem e a sociedade organizada. Porém, o grupo é um espaço que proporciona aos/às jovens a possibilidade de encontrar-se com outros/as jovens e encontrar sentido, ou não, a partir das idéias religiosas ali vinculadas para a sua história, que será projetada neste momento de sua vida. É, também, espaço para trocar informações sobre as mudanças que percebem no seu modo de ser jovem e de estar no mundo, podendo assim, contribuir de modo incisivo na formação de uma identidade política, no que se refere à participação e outros valores ligados a causas maiores que o seu próprio interesse. Neste momento, em que a sociedade passa por uma reorganização, essas mudanças influirá de modo direto nos processos de socialização, sejam eles

na família, na escola, nas Igrejas e nos grupos que se constituem. Isso faz nascer um novo sujeito, portador dessas mudanças evidenciadas na sua vida cotidiana, nas suas relações, nos valores e nos seus comportamentos. Na juventude pode estar este novo sujeito que constrói um imaginário através de suas interações subjetivas, uma das principais formas de intervenção social.

Essas mudanças nas ações humanas também precisam ser vistas para além das alterações de cunho pessoal ou de uma participação em espaços menores, como os grupos. Olhar a organização social e os processos de socialização provocados pelas crises trazem práticas novas que revelam mudanças culturais e um novo modo de construir ou participar das políticas nos espaços públicos e privados. Elas afetam o modo de pensar e alteram a vida política. Basta recordar a destituição do presidente Collor de Melo, a eleição, por duas vezes, de um operário à presidência da República e todas as mudanças que se observam na América Latina, com a eleição de vários presidentes mais ligados a causas mais concretas, como a dos indígenas. Nesta mesma direção, com a deslegitimação do que é público também os políticos entram em descrédito.

O abandono da organização/necessidade levou ao distanciamento e à falta de interesse da população em relação à política. Esse sentimento alcançou todo o movimento social, passando por um imobilismo burocrático ou, ainda, por um sentimento de indiferença, provocando a ausência de uma ética social. Observa-se uma baixa no desejo de se organizar em grupos ou movimentos sociais, a não ser aqueles que oferecem respostas concretas as necessidades. As pessoas têm mais possibilidades de informação e não dependem de personalidades. Vão-se perdendo as identidades coletivas e são buscadas outras formas de representatividade nas organizações (PEREZ; MERJÍA, ANO, 1996, p. 18 - 30).

Essas mudanças alteram de modo direto os/as jovens e os grupos por eles formados. Elas terão influência no modo de exercer o poder e no modo de se relacionar consigo mesmo e com os/as outros/as. Algumas mudanças se tornam possíveis, inclusive no modo de pensar o poder e a forma de se relacionar com o mundo. Participar do grupo pode trazer alterações não só no modo de ver o mundo, mas no modo de relacionar-se nele e com ele com uma mentalidade que não é daqueles e daquelas que já tem respostas prontas. Elas podem ser construídas e de formas variadas.

Neste sentido a participação no grupo possibilita alguns caminhos (“sair da vergonha, aprender a falar”) para assumir a postura de “refletir e agir”. Abre-se a possibilidade de romper com a ausência de uma ética, superando a indiferença causadora de tanta violência. Além de recuperar a palavra e a vivência grupal, a participação, ainda ensina a “defender idéias”, portanto a assumir para si os valores e uma visão de mundo. Assume-se que a participação é um processo marcado por erros e acertos e ele se inclui neste movimento da realidade.

Participar do grupo me ajudou a sair da vergonha e aprender a falar. Aprender a comunicar e a defender as idéias e não ser uma Maria vai com as outras mas, ser alguém que vê, reflete e ajuda as pessoas a também refletir e agir. Não do mesmo modo que nós mas, que elas consigam enxergar a realidade do jeito delas do mesmo modo que eu enxerguei, com meus olhos. Assim, elas também possam enxergar para não ser pessoas que vão copiar o que está feito. Não vai ser papagaio. Além daquilo que foi dito, ela poderá acrescentar suas coisas pessoais, pode até distorcer um pouquinho, mas será sua visão sobre a realidade. Porém ela terá seu conhecimento sobre a realidade. E conseguindo ver com clareza sua realidade ele poderá intervir para mudar com mais clareza (JDF, 24 anos).

As atitudes e valores cultivados pelo grupo podem capacitar o/a jovem que participa de um grupo por um determinado tempo a participar de outras instâncias de organização da sociedade onde a disputa de poder exige pessoas que tenham posicionamentos frente à realidade, com valores e projetos a serem defendidos. Faz isso porque teve a oportunidade de exercitar, executar ações, defender idéias.

Este modelo de grupo pesquisado, não é o “modelo”. Há uma variedade de organizações que atraem esses/as jovens e, de modo especial, ligadas à religião, conforme pesquisa realizada pela prefeitura de São Paulo em 2003²⁰. Os grupos religiosos estão entre os que os/as jovens mais participam. A busca deste espaço religioso pelos/as jovens para formar os grupos ou participar dos que já existem pode estar ligada ao ambiente de violência generalizado. Caso contrário, que outro fator explicaria essa busca? Independente da razão referente ao interesse em participar, esta busca de participação em outros espaços fora da escola e da família poderá ser decisiva no projeto de vida dos/as jovens e na formação de sua autopercepção.

Segundo Regina Novaes uma das características desta geração é que esta olha o futuro com a ótica do medo. A maioria dos/as jovens, de modo especial os mais pobres, tem um/a irmão/ã, um/a primo/a ou vizinho/a que foi assassinado/a. Eles/elas convivem com a morte. Esse é um dado novo nesta geração. Se uma das explicações dadas para o espírito aventureiro da juventude era a distância da morte, que era distante no tempo mas próxima no espaço neste caso o mesmo não vale mais. Estas alterações provocadas na realidade interferem na vida da juventude.

E isso teria a ver com a religião? Não me atrevo a afirmar que o medo de sobrar, a insegurança para o planejamento profissional e a experiência de viverem precocemente a morte de amigos, primos e irmãos, resultem direta e necessariamente, em reforço aos valores religiosos, em busca de fé ou na valorização da religião como lócus de agregação social (NOVAES, 2005, p. 282).

No entanto, há que se pesquisar ou ponderar que lugar revela a sacralidade, mesmo para aqueles/as que não são crentes. As sociedades tradicionais separam o mundo conhecido como sagrado e o estrangeiro, o desconhecido, como uma

²⁰ Esta pesquisa está publicada no relatório com o nome de Mapa da Juventude – perfil do comportamento jovem em São Paulo. A pesquisa teve a finalidade de identificar os grupos de jovens em São Paulo, 2003.

espécie de outro mundo, caótico, povoado de espectros e demônios. Estão em oposição o mundo habitado e o caos. O ser humano religioso vive no ambiente impregnado do sagrado (OTTO, 1985). Os/as jovens que deles participam reconhecem neste espaço um ambiente de acolhida, segurança, refúgio de problemas que afetam os/as jovens.

Na sociedade atual, com mudanças sócio-culturais, as instituições passam por algumas alterações nos sistemas que, segundo Giddens (1991) estão situadas em três aspectos: 1) o sistema de parentesco; 2) a comunidade local e 3) a cosmologia religiosa. A religião está incluída num destes contextos. Giddens a apresenta ligada ao mecanismo de confiança e sua ausência em figuras paternas e maternas. Sugere que a modernidade está movida por três forças dinâmicas: a separação do tempo e do espaço; os mecanismos de desencaixe e reflexibilidade institucional; e as formas básicas de relacionamentos com o conjunto dos atributos de contextos locais. A secularização desaparece com a atividade religiosa. O autor afirma, ainda, que os sistemas abstratos e a transformação da intimidade dão boa dose de segurança para a vida cotidiana. A confiança no sistema abstrato é a condição do distanciamento tempo e espaço. Há uma conexão direta entre as tendências globalizantes da modernidade e o que se deve chamar de transformação da intimidade.

Essas alterações vão modificar a forma de participar e entender a religião. É o que pode ser observado no quadro da religião no Brasil. Na revista *Religiões* (2005, p.18) lê-se que o/a jovem brasileiro é religioso. Adriana Reis traz os dados do IBGE²¹ de 2000, dizendo que dos/as jovens entre 15 e 24 anos (20% dos 170 milhões da população brasileira), 90,8 % declaram seguir alguma religião. Esta

²¹ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

mesma matéria cita uma pesquisa da PUC, de São Paulo, segundo a qual a religião, para os/as jovens, não está ligada aos dogmas, mas à vivência grupal do bem-estar, à sintonia, ao religar, aos valores morais, ao amor incondicional a Deus e ao próximo (REIS, 2005).

Tudo isto justifica o modo como os/as jovens passam a participar das ofertas religiosas. No nosso caso, dos grupos de jovens da comunidade paroquial. Altera também a forma de assumir a religião e seus valores.

4 .1 OS DIVERSOS TIPOS DE GRUPOS DE JOVENS

Os grupos, mesmo no contexto midiático e diante de uma diversidade de meios de interação do subjetivo com o objetivo, ou seja, do sujeito com a realidade mais ampla, ainda assim, pode-se dizer que é significativo o número de grupos de jovens existente no Brasil, de modo especial aqueles ligados às Igrejas. Esses grupos organizados sob a instituição, muitas vezes atendem, parcialmente, aos interesses da mesma. As Igrejas ainda são espaços para a organização de jovens, principalmente pobres, que não encontram ambiente em outro lugar ou são motivados/as pelas famílias a ingressarem nestes grupos por oferecer segurança e valores que desejam manter. A falta de lazer acessível aos/às jovens de classe popular pode ser também uma das razões que os envolvem na participação em grupos religiosos. A arte de reagrupar-se pode estimular os indivíduos a compor grupos em determinados lugares, precisamente aqueles nos quais eles vão poder

reencontrar seus semelhantes, ou aqueles nos quais vão descobrir os 'outros' (GARRIGOU; LACROI, 1999, p. 137).

Os/as jovens tendem à vida em grupo (“é bom conversar com outro/a jovem”) porque há uma percepção comum do mundo e descobertas muito particulares, feitas neste momento da vida. Esse dado pode ser importante na formação de uma nova cultura. O fato de os/as jovens entre si formarem grupos e trocarem informações pode firmar ou alterar alguns valores que ainda não estão sendo considerados pelo mundo adulto. Por exemplo, em relação ao poder patriarcal, no estabelecimento de mudanças no comportamento na relação com o próprio corpo, no modo de vestir, no corte do cabelo e, de modo mais permanente, na mentalidade, na relação homens e mulheres.

O grupo pode ser, também, este espaço de lazer alternativo para os/as jovens de classe popular (“não tem festa no sábado à noite”). O grupo pode ser uma opção porque é um espaço de encontro dos/as amigos/as. Este motivo, porém, segundo o/a jovem, “é uma coisa que está mudando o grupo”, porque não é esta a finalidade última do grupo; o grupo é o espaço para o/a jovem encontrar com outros/as jovens e juntos/as projetarem o futuro.

A realidade lá na minha comunidade é o seguinte: quando ele vai para o grupo de jovens, é porque não tem festa no sábado à noite (risos), [...] eu acho que um dos principais, e esta coisa que ta mudando o grupo. Por que um jovem iria para um grupo de jovem? Interagir com outro jovem. Eu acho que é um dos principais motivos, por que é tão bom conversar com outro jovem (MAR, 16 anos).

Essa arte de agrupar a partir de vários interesses move muitos/as jovens. Em uma pesquisa feita na cidade de São Paulo, desenhou-se o mapa dos grupos de jovens. Constatou-se que a maioria dos grupos está ligada à cultura e à religião (MAPA DA JUVENTUDE, 2003). Os grupos são espaços de afirmação, de atuação e de intervenção na sociedade. Alguns estão ligados à transformação social, outros

mais voltados para a conservação, e outros, ainda, para a destruição do tecido social. Esses dados foram confirmados em uma outra pesquisa feita em São Paulo, numa escola da Zona Leste, com o objetivo de perceber outros espaços de formação do conhecimento e melhor interagir com este. A pesquisa foi feita por professores de escola pública, indagando aos/as alunos/as sobre a participação em grupo. Foram 900 alunos/as das escolas que participavam de grupo. A pesquisa constatou que a maioria dos entrevistados participava de grupos esportivos (31%), seguidos dos grupos religiosos (29%) e artísticos (27%). As organizações ambientais e político/partidários eram minoria entre os grupos citados. Os grupos encontram abrigo para seus encontros nas escolas (29,38%), em igrejas (24,79%), ou na casa de um dos componentes (18,38%).

Esses dados apresentam a diversidade de interesse pelos quais os/as jovens se reúnem em grupo e confirma que o espaço religioso é um lugar de interesse e, também, um local onde encontram abrigo para se organizarem. A pesquisa nacional, coordenada pelo Instituto Cidadania (2005), confirma estes dados do interesse dos/as jovens por organizar-se em grupos religiosos: 17% disseram fazer parte, 19% já participaram e 26% desejam participar. Esta modalidade de participação é a que mais reúne jovens no Brasil, seguida pelos grupos ligados ao esporte, dos quais 3% afirmam participar, 11% já participaram e 53% desejam participar (ABRAMO; BRANCO, 2005).

Nesta mesma pesquisa, do Instituto Cidadania, perguntava-se sobre os grupos nos quais os/as jovens têm maior confiança. A família aparece em primeiro lugar, com 83% dos/as jovens entrevistados/as dizendo confiar totalmente; em segundo lugar vêm os professores/as, com 51% e, em terceiro lugar, está a Igreja católica, na qual 30% dos/as entrevistados/as dizem confiar totalmente. Se

considerarmos juntos o próximo item, isto é, a confiança 'até certo ponto' em cada um destes três grupos, veremos que o grau de confiança na família é de 98%, nos professores, 90%, e 75% na Igreja Católica. Estes números revelam que estes grupos têm uma influência forte na formação dos valores e na visão de mundo desta geração. Podemos dizer, até, que os grupos organizados nestes ambientes poderão influenciar na formação da identidade destes jovens.

Estes dados confirmam que a religião tem atraído os/as jovens, talvez por oferecer um espaço de confiança, em um contexto social em que impera o medo, ou por influência das famílias, uma vez que estes ambientes são apresentados como da confiança dos/as jovens. Poderíamos, também, ponderar que em um contexto de mudança, de modo especial, das instituições, elas façam um momento de conservação das mesmas e, de modo especial, da família. Percebendo-se ameaçado este modelo em vigor apegar-se a ela pode ser uma forma de mantê-lo reforçado pelo modelo patriarcal que impera na Igreja Católica, mesmo que de forma inconsciente. Pode-se-ia dizer, conforme Giddens que reconstrói a transformação da intimidade, voltando-se para as questões de interesse individual. Sendo assim, as lutas para a solidariedade contarão com elementos completamente novos.

Esses dados referentes à diversidade de grupos indicam que os grupos religiosos estão entre aqueles que mais atraem os/as jovens. Também entre os grupos religiosos é preciso estar atento à variedade de Igrejas e propostas, de modelos e de interesses apresentados pelos/as jovens e pelas instituições que os acolhem, oferecendo diversos tipos de grupos dentro dos espaços religiosos.

Quando estamos analisando os grupos de jovens é preciso ter em conta o que afirma Eisenstadt (1976, p. 12 - 3): os grupos etários são passageiros na organização da sociedade, porque poderiam fechar-se em si mesmos e rebelar-se

contra a outra geração, não esquecendo que os grupos intergeracionais são mais comuns na sociedade. O mesmo autor afirma, também, que os grupos etários que têm experiências comuns e semelhantes apresentam valores e expectativas comuns porque “a potencial comunhão de interesses dos membros de uma mesma faixa etária conduz a alguma interação mais concreta”. Neste sentido, os grupos das comunidades paroquiais, conforme já foi dito, tem uma duração de até cinco anos, porém com uma circulação de jovens a cada semana, com um núcleo que permanece um tempo mais prolongado. Esse grupo, como qualquer grupo etário, é combatido pela comunidade e pelos agentes religiosos, porque ameaça a outra geração e os agentes temem que não manterão o que foi construído pela geração anterior. Isso vale igualmente para os grupos das comunidades paroquiais que tenham acompanhamento de pessoas adultas. Há muitas cobranças e desconfianças da comunidade e dos/as jovens que estão nos grupos para com a comunidade. Poder-se-ia dizer que esta tem sido também uma causa da fragilização dos grupos, em função desta relação desgastante.

Apesar de todas estas questões, o grupo da comunidade paroquial quando articulado em uma pastoral, encontra outros espaços para o seu acompanhamento e, como afirma Hammes (2005, p. 70) na sua pesquisa, “os grupos juvenis ligados a PJ e aos movimentos populares, contribuem para a interação social, salientando que o grupo desenvolve o espírito de equipe, e forma para o interesse social”.

Percebemos que há uma diversidade de grupos e que a religião atrai os/as jovens. Esses grupos de jovens formados a partir da religião contam com as idéias religiosas para fundamentar a ação e o sentido de se encontrar um elemento integrador, ao menos idealizado nos/as jovens. Os grupos etários na juventude,

mesmo que não sejam fechados, constituem uma ameaça e se tornam um espaço de conflito na comunidade.

4. 2 GRUPO: ESPAÇO DE FORMAÇÃO DE PROTAGONISTAS

O grupo de jovens pode ser um espaço para a construção de protagonistas. ‘Protagonista’ é um termo do teatro grego e significa o ator principal. Outros utilizaram esta mesma terminologia. Andaló (2006) utiliza o termo como um “instrumento de leitura e compreensão dos processos sociais”. A autora parte das técnicas do psicodrama desenvolvido por Moreno²² e considera o conceito “básico de matriz de identidade abrindo uma perspectiva relacional na compreensão da constituição dos sujeitos”. Nesta concepção o protagonista é aquele/a que explicita o drama pessoal e traduz um drama coletivo mais amplo. Por isso acredita-se que, se há um trabalho com grupos na perspectiva do protagonismo a partir de uma pessoa, todo o grupo pode ser trabalhado e, a partir deste sujeito, pode-se ler o processo do grupo (ANDALÓ, 2006, p.95 - 101).

O drama aqui é a “timidez”, ou seja, a ausência de participação e a superação da mesma apontada como “dou minha idéia” ou “aceito crítica”, o que releva a postura de alguém que está atuando, ou está em cena. A participação no grupo foi assumida como espaço para a superação dos dramas que impediam a atuação. O sujeito sai de um lugar passivo e passa a atuar. No caso do/a jovem pesquisado/a ele/ela afirma que o exercício da vida em grupo, o/a fez sair do

²² Moreno concebeu a vida social como um grande drama, vivido por muitos atores.

esconderijo. Em linguagem cênica poder-se-ia dizer que saiu detrás das cortinas e passou a enfrentar a platéia (“escutar as críticas e sei participar”). Essa mudança é percebida pelo ator ou atriz.

[...] era uma pessoa assim um pouco tímida, hoje não, estou totalmente desenvolvido assim chego em qualquer lugar, converso, falo, dou minha idéia, expõe minha idéia, aceito críticas. Se alguém criticasse antes eu entrava em um buraco fundo para me esconder. Hoje minha participação nos diversos ambientes é bem mais aberta e fez com que eu mudasse, sei escutar críticas e sei participar (MAR, 16 anos).

Por isto, o protagonismo é, antes de tudo, uma opção pedagógica na formação e no acompanhamento daqueles que aderem à vida do grupo. Os problemas são postos pelos/as jovens e discutidos na perspectiva do bem comum. O protagonismo está na raiz da participação. Ele/ela decide se vai, ou não, fazer a ação e, também, planeja a ação a ser desenvolvida, avalia e se apropria dos resultados. Esse protagonismo é exercido em dois modelos: a) onde há adultos que acompanham os processos e b) onde os/as jovens fazem de modo autônomo.

No caso do grupo de jovens da comunidade paroquial, ligado à Pastoral da Juventude, esta atuação está sustentada em uma idéia religiosa. Fazer como Jesus fazia, imitando os passos da pessoa de Jesus, apresentado como modelo de atuação. O protagonismo está no “espírito de Jesus”, que tem uma atuação, “caminhou com o povo”, e o exemplo Dele “nos convida a cada um de nós a fazer o mesmo”. Por isso é uma atuação fundada na pessoa de Jesus e essas idéias religiosas alimentam o compromisso de assumir tarefas, lideranças e a alterar com a mesma rebeldia de Jesus a realidade. Isso não significa que vale para todos os grupos ou todos/as os/as jovens que participam dos encontros. Esse atuar com base nos princípios dessas idéias religiosas, supõe que os/as jovens fizeram um caminho no grupo e que o grupo receba uma formação sistemática, capaz de provocar um processo de amadurecimento na vida dos/as jovens. Temos que recordar que o

espaço do grupo de jovens da comunidade paroquial é construído no espaço de poder em que há “conflitos internos no grupo” e na comunidade, com os agentes religiosos/as adultos/as. Esses conflitos, se acompanhados, poderão tornar-se aprendizados para a vivência na sociedade, porque amadurece a pessoa para estar aberta a “sugestões e críticas” que ajudam na caminhada com o pessoal.

E falando em grupo, nós da pastoral da juventude grita pelo protagonismo juvenil. Um protagonismo sustentado na pessoa de Jesus, mas com um enfoque pela luta que liga com a nossa vida. Não apenas buscar o Espírito de Jesus, mas aquele Jesus que caminhou povo, que veio que nos convidou e nos convida a cada um de nós a fazer o mesmo processo que Ele fez, de caminhar e enxergar a realidade. Não aceitar tudo como está. Nem Ele aceitou tudo do jeito que Deus quis. Ele também foi meio rebelde, a gente também tem que ser rebelde. No grupo ao se dar a conhecer, também encontra desavenças no dia a dia. Um querendo sobrepor o outro. Alguns falam alguma coisa que prejudicam alguns dentro do grupo. E, na realidade quando a gente consegue conviver com os conflitos internos do grupo, a gente começa a entender também, que na vida a gente tem que ter . Tem que fazer opção, segurar de um lado, o que significa escolha.No grupo a gente aprende a defender nossos direitos, a estar aberto outras sugestões. A gente começa a organizar-se para atuar na sociedade, com nossas ações, visitas, temas que discutimos e que ajudam na caminhada e na vivência da sociedade (JDF, 24 anos).

Mesmo que você entre no grupo por outro intuito, no decorrer do tempo, você acaba pegando o ritmo do grupo, a espiritualidade, o apego a pessoa de Jesus, você acaba chegando lá, Se você foi por causa da menina, você acaba ficando por outras coisas como as peças de teatro que fazemos no bairro e em outros lugares, a agente acaba tendo mais consciência (LPG,18 anos).

A PJ não é uma coisa que você reúne só para falar abobrinha ou só pra fazer amizades, mas para mudar a realidade, ela despertou esse desejo em mim. Também de ser alguém, um desejo de ser justa, solidária, lutar pelos direitos e por um mundo mais igualitário, como o Cristo nos ensinou (JR, 22 anos).

Então aquela coisa de luta pelos direitos. Nós do grupo fizemos uma pequena conferência da juventude em frente a Secretaria de Esportes e Lazer, nós ficamos lá o final de semana, cobrando do povo. E aí depois de seis meses já mandaram a verba para fazer o ginásio. E até o secretário falou que foi devido o grupo de jovens que foi lá e encheu o saco (MAR, 16 anos).

Esses exercícios do protagonismo sustentados nas idéias religiosas abrem novos espaços para os/as jovens, seja na apresentação de um teatro, na luta pelos direitos, seja na reivindicação de benefícios para a comunidade, como a quadra de esportes. O/a protagonista faz um caminho que, segundo Costa (2000), é

demarcado pedagogicamente em três passos: dependência, colaboração e a autonomia. O caminho da autonomia é baseado em Paulo Freire (1980), que sustenta que é tarefa do/a educador/a provocar este caminho da dependência para a autonomia. Muitos dos materiais pedagógicos utilizados por grupos paroquiais têm estes princípios como norteadores do caminho a ser percorrido. Se tomarmos o exemplo da coleção “Processo de Formação da PJ”, proposto pela CAJU, este marco inspirador está mais do que evidente. Assume, igualmente, as orientações do CELAM (1987, p. 201 - 21), no que se refere à formação integral e aos processos de educação da fé entendidos como conteúdos gerais dos roteiros. O método parte da realidade concreta da vida dos/as jovens, tendo presente o caminho da dependência para a autonomia. Contribui neste caminho o exercício da coordenação e da distribuição de tarefa entre todos/as do grupo, assim como os fundamentos e as idéias da pessoa de Jesus e o seu Projeto libertador e, ainda, os compromissos assumidos em nível pessoal, grupal, comunitário, pautados na prática de Jesus e nos seus valores para a transformação da realidade.

Outro material analisado que pode servir de estudo sobre o protagonismo são os subsídios utilizados pelos grupos em preparação ao Dia Nacional da Juventude²³, celebrado pela Igreja Católica, no último domingo de outubro. No ano de 2006 os roteiros trataram dos direitos civis, direitos sociais, direitos políticos. A celebração, convidava para a ousadia de construir um Brasil popular. Apresenta Jesus como aquele que é gerador de vida a partir do cuidado, da solidariedade e do respeito pelo pobre. Escolhemos estes materiais porque eles têm uma distribuição nacional de cerca de 40 mil exemplares.

²³ Este evento é celebrado na Igreja Católica desde 1985, por ocasião do Ano Internacional da Juventude, proposto pela ONU. A cada ano oferece um material com três encontros semanais e uma celebração. Ele tem a finalidade de chamar a atenção da juventude para uma questão social e já trabalhou entre outros temas: ecologia/92, Aids/93, Paz/2001. Políticas Públicas para a Juventude e direitos sociais é o tema dos últimos 6 anos.

Estes materiais utilizados pelos/as jovens nos grupos contribuem para a formação das idéias religiosas que sustentam a formação da identidade política na perspectiva do protagonismo, a exemplo de Jesus de Nazaré. Os grupos ligados à comunidade paroquial, conforme a pesquisa “A vida do grupo de jovens”, possui dois modelos de acompanhamento: num, o acompanhamento aos grupos é feito por uma pessoa adulta e, no outro, a maioria caminha de modo autônomo, ou seja, somente com jovens. 28,7% (incluindo os grupos de preparação para o sacramento do crisma) dos grupos são coordenados por pessoas adultas e o restante caminha por eles mesmos. Este acompanhamento de adultos, contudo, não é tranqüilo, visto que, perguntados sobre o que mais necessitam para o trabalho, 15,73% afirmam de ‘adultos que respeitem o caminho do grupo’. Por outro lado, esse modelo mais autônomo muitas vezes fica centrado em torno de um núcleo de jovens que permanecem no grupo cerca de três anos, o que relativiza muito o resultado final uma vez que falta-lhes as condições mínimas para a formação.

Uma das conseqüências da opção pedagógica do protagonismo é a formação de lideranças com capacidade crítica, com desejos de participação e de interferência com uma ação no ambiente onde atuam. Isso significa gente para disputar o poder nos rumos da comunidade. Neste ponto há um confronto entre os/as agentes religiosos/as e as novas lideranças que despontam deste exercício da vida em grupo, podendo acontecer uma disputa de espaço. Entre os/as entrevistados/as pode-se perceber este fato na relação com a religiosa que chega na comunidade pedindo às lideranças dos grupos para deixarem o grupo, afirmando que o mesmo não é mais espaço para pessoas acima de 20 anos. Ela diz:

Como a irmã já tinha dito vai ficar para quem é jovenzinho, porque na idéia dessa irmã, dependendo da nossa idade não era para estar dentro de grupo de jovens, porque tínhamos mais de 20 anos [...] agora o grupo será dividido por idade, isto o/a jovem não queria (CS, 22 anos).

Atitudes como estas podem ser interpretadas como uma negação da presença de lideranças com autonomia no grupo. No presente caso, o argumento foi a idade, porém revela o conflito na comunidade adulta em relação às lideranças que assumem o protagonismo no trabalho.

Segundo Lane (1997, p. 97), o grupo é o lugar da possibilidade de libertação da alienação, pois as pessoas pensam e elaboram suas relações como sujeitos. O sujeito atuante, aqui, está sendo tomado como o protagonista da ação social na perspectiva da transformação da realidade, isto é, aquele/a que assume uma postura crítica em sua liderança social, religiosa ou política.

A participação no grupo, conforme a autora, é espaço de elaborar o conhecimento de si e do “mundo de forma diferente”. O grupo é um espaço de aprendizagem, reconhecido pelo/a jovem.

Hoje posso dizer que o grupo me ajudou muito, por que antes eu era quieto, o grupo de jovens que eu participo vai fazer 8 anos, fiquei um ano só indo pra missa, o grupo de jovem, geralmente me chamava pra participar e eu não interessava, um dia eu resolvi participar do grupo de jovens e continuei, através do grupo de jovens fui conseguindo conhecer mais o mundo de forma diferente (LPS, 21 anos).

O grupo vive estruturas de relações que elaboram tendências afetivas, estéticas, políticas e ajudam nas respostas que o ser humano é chamado a dar aos outros com os quais convive. Formar-se no grupo consiste em aprender a aprender ou aprender a pensar, conforme propõe Pichón Rivière (2000). Implica em transformar o pensamento linear, lógico e formal, em um pensamento dialético, no qual visualiza as contradições. Assim, os grupos propõem um caminho da dependência para a autonomia (QUIROGA, 1991).²⁴

²⁴ Ana Quiroga participou do Seminário promovido e coordenado pelo Instituto Pichón Rivière em São Paulo. As reflexões estão publicadas no livro *O processo educativo segundo Paulo Freire e Pichón Rivière*.

A vivência em grupo se torna exigente na medida em que provoca novos aprendizados. Aprender implica em novas posturas frente à realidade, e enfrentamentos que causam sofrimentos provocados por questões que estão estruturadas na história de cada pessoa. Quando alguém assume a postura de romper com o que está posto, mesmo através de pequenos gestos, têm força libertadora no processo de educação. Esses desafios que o grupo provoca pelas exigências acabam provocando dores (“chorei”), porém faz “sair do mundo” e provoca alterações no caminho da pessoa. É o que diz um/a dos/as entrevistados/as que reconhece que a experiência no grupo o/a ajudou a assumir sua história.

Um dia pediram para fazer uma leitura na celebração. Chorei, que não queria fazer e fiz. E a partir desse momento eu vi que eu não podia mais me esconder. Eu tinha que sair do meu mundo, aquele mundinho. Eu vi que o mundo não era só aquilo. Então isto mudou muito. Eu saí do primeiro andar e fui para o quinto, ainda falta muito (LPS, 21 anos).

Esse agir em público recupera o que é próprio da política, isto é agir junto ao público, exigindo liberdade e espontaneidade para o trato com os outros (SONTHEIMER, 1992, p. 11), ou seja, recuperar a voz e, assim, o direito a dizer sua palavra e contribuir a partir de sua singularidade.

Em tese de doutorado, Lucio Hammes (2005) busca compreender o grupo como espaço para a formação do capital social e reconhece este espaço como um lugar de formação da juventude e afirma que os grupos organizados a partir de alguma instituição,

Tendo a convivência como base para o desenvolvimento de aprendizados – com objetivos comuns e uma metodologia que valoriza o processo histórico, a situação de cada um dos participantes e o desenvolvimento pessoal e comunitário – podem tornar-se referência importante para a participação social de modo mais amplo (HAMMES, 2005, p. 25).

A participação em grupos, mesmo que não tenha um caráter de mudança social, contribui para criar nos indivíduos uma postura ética sobre as relações

humanas, rompendo a indiferença que impera, impedindo que as pessoas, de modo geral, só enxerguem a si mesmas e seus interesses individuais. Os grupos religiosos podem ser uma oportunidade para educar os/as jovens para a solidariedade, sendo presença na construção de uma sociedade.

Os/as jovens entrevistados/as, afirmam ainda, que participar do grupo contribuiu para a formação do sujeito em várias áreas da sua vida. “O jovem que participa do grupo é diferente por causa da sua formação”. Afirmam que no trabalho, na escola ou em situações de migração, esse jovem se destaca porque o seu caminho no grupo possibilita uma maior adequação às exigências. Eles/elas reconhecem, também, que depois da participação no grupo, altera-se o esquema interno da pessoa. O grupo passa a existir no imaginário da pessoa, e as relações se estendem para a vida da pessoa. Neste sentido o grupo prepara o sujeito para atuar em outros setores da vida com valores, novas capacidades e, portanto, altera a formação de seu *ethos*.

O grupo jovem já uma coisa mais voltada para a caminhada, com objetivos específicos, para que aconteça uma formação. Porém o grupo, é também, um momento de encontrar para caminhar, para celebrar, para crescer e para decidir o que quer da vida. E a partir daí, da participação no grupo a pessoa se sente pronto, mais preparado para o mercado de trabalho. Aí é hora de deixar o grupo e ir em busca de seus sonhos. E é que percebe, a gente vê, que o jovem que participa do grupo é diferente por causa da sua formação no grupo. É capaz de participar de outros grupos noutros locais e a sua formação para o trabalho é melhor, tem mais facilidade nas mudanças para outras cidades e tudo mais. Ele pode estar em outro lugar, mas o grupo está dentro dele, não é mais um sujeito solto no mundo. E a partir desse momento que a gente vê que a rede começa realmente. Pessoas que saem de um lugar e vão pra outro começam a construir uma rede de ligação com outros grupos e, assim o grupo do qual ele saiu não tem fim, porque permanece nele. Ele sempre continua em contatos com várias pessoas, vários membros. A gente vê que todas as organizações de grupos possibilitam o crescimento da pessoa numa caminhada (JDF, 24 anos).

Os/as jovens que participam de grupo estão envolvidos/as afetivamente, segundo Bachelard (1988). O elã é uma espécie de falta de economia do esforço. Quando movidos/as por um elo comum, acreditamos estar engajados/as numa

duração já pronta, Na verdade, deixamos de comandar e construir uma duração. De maneira paradoxal, o elã traz passivamente a ação.

A partir do momento em que uma ação é desejada, em que é consciente, em que mobiliza reservas de energias psíquicas, ela não pode transcender com continuidade. Vem precedida de hesitações, é esperada, adiada, provocada, nuances que comprovam seu isolamento e a sua aparição numa ondulação dialética. A partir daí, quando for necessário ligar as ações entre si, veremos a superioridade, esse respeito, do espírito sobre a vida; veremos a necessidade que a própria vida, para se manter, tem de afastar tudo que a desfaça (BACHELARD, 1988, p. 26).

Os grupos de jovens podem despertar este elã para uma ação que fomenta nos participantes valores ainda não vivenciados em outros espaços ou grupos, como a família e a escola.

O conjunto de percepções e de visões de mundo de um grupo constrói um processo de experiência histórica ao atuarem coletivamente, aliado às representações simbólicas que também constroem ou adotam, são parte mais relevante da cultura política de um grupo porque é a partir destes elementos que o grupo constrói sua identidade (GOHN, 2005, p. 34).

O conteúdo oferecido aos grupos, sobre os direitos, a realidade do/a jovem, as idéias religiosas baseadas na pessoa de Jesus ou num Deus que liberta seu povo da opressão, a vivência no grupo, com as possibilidades de romper as barreiras como “timidez” e insegurança possibilitam que as representações simbólicas adotadas pelos/as jovens possam ser relevantes na formação de uma cultura que leve à participação e contribua na formação de sua identidade política.

4. 3 O GRUPO DE JOVENS E O PROJETO DE VIDA

O espaço do/a jovem projetar-se a partir de sua experiência, retoma o tema da identidade no que se refere a esta fase da vida humana, quando somos capazes

de planejar o futuro e de fazer escolhas, de acordo com a experiência acumulada até o momento. Então, o grupo de jovens poderá ser este espaço pedagógico de preparar sujeitos na perspectiva da dependência para a autonomia, porém pode despertar nestes mesmos sujeitos uma capacidade de projetar e organizar a sua vida pessoal e social.

Na hermenêutica existencial de Heidegger, encontraremos as referências para compreender o projeto de vida. Pelo conceito da compreensão, ele ressalta que, se existe a compreensão, o mundo está presente. Compreender essa presença é perceber o significado pelo qual ela se fundamenta. O significado é a perspectiva para a qual se busca o ser, no mundo. A compreensão não é alguma coisa a mais no ser, como existência ela explicita o modo de ser presença, enquanto pode existir como ser, no mundo.

Esse ser no mundo se abre às possibilidades. Essa compreensão do poder-ser é capaz de propiciar orifícios que se abrem em possibilidades. É a presença que faz escolhas e possibilidades de ser livre para ser ela mesma. “Compreender é o ser desse poder-ser” (HEIDEGGER, 2005, p. 199) e a compreensão faz parte de sua estrutura de ser que pode perder-se ou desenvolver-se, porque a presença sabe que pode reencontrá-la.

Compreender é o ser existencial do próprio poder-ser da presença, de tal maneira que, em si mesmo, esse ser abre e mostra a quantas anda o seu próprio ser. Trata-se de apreender ainda mais, precisamente, a estrutura desse existencial (HEIDEGGER, 2005, p. 200).

Por que a compreensão conduz à possibilidade? A compreensão possui a estrutura existencial que o autor chama de projeto, porque é na compreensão que projeta o ser da presença, para sua destinação e é na compreensão que está a originalidade do ser no mundo, com todas as suas possibilidades e significados. O projeto não é algo de fora, como um plano. Ele é do ser, porque, enquanto presença,

ele/ela já se projetou, uma vez que é parte de sua existência. A presença sempre se compreendeu a partir das possibilidades.

A compreensão tem um caráter projetivo e é nesta projeção que se identificam as possibilidades e se revela o modo de ser presença, porque pode escolher, dentre as diversas possibilidades, aquela que faz sentido para o ser. Neste momento, as possibilidades ainda não são, porém são existencialmente, em projeto.

Essa possibilidade pode ser traduzida na experiência da vida do grupo como algo que abre horizontes para formular as questões que este/a jovem julga importantes para sua história pessoal. Ele/ela reconhece as mudanças nesta direção. O grupo é um espaço para abrir possibilidades, ou seja, um “formador de consciência política”. “Abre horizontes” e possibilita ver “coisas de uma outra forma”. Assim, o grupo abre as portas para o participante projetar-se como pessoa e como pessoa na sociedade.

Totalmente diferente, assim, eu mudei muito, muito mesmo. Mas eu entrei no grupo eu tava com quinze anos, agora com quase dezoito. Mas, eu não tinha a mínima consciência política que tenho agora. Consciência política, religiosa e social que eu tenho hoje. Eu acho que o grupo de jovem é isso, formador de consciências políticas, social. Te abre os horizontes, sabe, te faz ver muitas coisas que você não consegue ver, você meio alienado antes, sabe, de toda forma você é alienado, é alienado boa, sabe, de consegui vê as coisa de uma outra forma (GSA, 17 anos).

O projeto enfoca as possibilidades do ser no mundo, com todas as possíveis aberturas para o ser e a compreensão é que liga a realidade do ser ao mundo e, por isso, ela vai indicando o que é próprio e impróprio para as escolhas. Ela guarda, ainda, a possibilidade de ser autêntica ou falsa e, desse modo, está impregnada de possibilidades.

Em se tratando de jovens empobrecidos/as, a projeção das possibilidades oferecidas pela realidade socioeconômica é mínima. A religião contribuirá para ampliar estas possibilidades. Se considerarmos que a religião, em Marx (2004a), é o

lugar para projetar as carências e as possibilidades, então a religião oferecerá elementos importantes para essa compreensão.

Em se tratando dos grupos de jovens as pesquisas têm revelado que este espaço é formador. Possibilita atuação e abre novas possibilidades para a vida dos/as jovens porque se abre para a assimilação da novidade. Segundo Hammes

As pesquisas têm mostrado que os grupos influenciam fortemente a vida dos jovens, clareando questões, propiciando novos referenciais e possibilitando uma atuação que abre espaço para a criação de expectativa de uma perspectiva de vida. Além de possibilitar a assimilação da novidade, a convivência que transforma o indivíduo e o grupo, deslocando o indivíduo de si próprio para o universo do outro, favorecendo o encontro de sujeitos, capazes de 'dizer sua palavra' e conquistar sua dignidade. (HAMMES, 2005, p. 184).

Assim, no grupo o/a jovem encontra espaço para organizar seu projeto de vida pessoal de forma a alterar sua presença no mundo – aqui volta a idéia de Arendt – dos vários mundos em que este sujeito se insere. Também, a partir das possibilidades que se abre pela interação com os seus iguais e com a comunidade abrem-se outros caminhos. Confirmando que os grupos de jovens influenciam os/as jovens, que dele participam por um determinado tempo, com possibilidades de influir no seu projeto de vida pessoal e social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: TENDÊNCIAS E DESAFIOS

Este estudo teve como objetivo analisar o papel do grupo de jovens das comunidades paroquiais na formação da identidade política e a relação entre a autopercepção e as idéias religiosas presentes no processo.

Não se pode afirmar, de modo absoluto, que os grupos formam a identidade política dos/as jovens sustentados pelas idéias religiosas. A afirmação vincula-se a processos e estará sujeita às condições de cada jovem e a maneira como este/a jovem participa no grupo. Estão em jogo, igualmente, as condições oferecidas pelos mesmos grupos.

É possível contudo, apontar algumas tendências e desafios que os grupos e os/as jovens apontam, sustentadas nas pesquisas de apoio e no referencial teórico utilizado.

Num artigo publicado na Revista *Teoria e Debate* os autores afirmam depois da leitura da pesquisa sobre o *Perfil da Juventude Brasileira* em relação à questão política, que a juventude não é indiferente.

Os dados sugerem, pois, que não são os jovens que não sabem a relevância da política, mas antes a forma predominante de fazer política no país que não os reconhece como interlocutores, gerando em muitos deles indiferença ou aversão (VENTURI; ABRAMO, 2000).

Comentam que o grau de participação nos grupos de jovens auto-organizados em torno de atividades culturais e religiosas pode ser um canal de diálogo e um caminho para a formação dos/as jovens para a formação e a participação política.

[...] em relação aos grupos de jovens auto-organizados em torno de atividades culturais [...] aponta para um caminho para o diálogo com os jovens e a reversão do quadro [...] a grande maioria acha que pode mudar o mundo. E a mudança que os jovens fariam no mundo é a erradicação de seus problemas mais pungentes, a violência, o desemprego, a fome, as injustiças sociais, as drogas, a pobreza e a miséria. Podemos com isto

dizer que as energias utópicas não estão esgotadas, que os jovens têm desejo de um mundo melhor e apostam na sua capacidade de transformação (VENTURI; ABRAMO, 2000).

Percebe-se que os/as jovens não ignoram a política e que os valores diferentes em cada geração. Por isso, em cada tempo os/as jovens, inauguram um novo jeito de ser jovem por causa da sua experiência geracional imbuídos pelos valores culturais próprios do momento que vivem. Eles/elas refletem como espelhos amplificadores a realidade e por essa razão, é importante conhecer o fenômeno juvenil, porque ele contribui no conhecimento da realidade na qual estamos inseridos/as.

Se continuar o descrédito aos/às jovens e às suas organizações, corremos o risco de afastar ainda mais os/as mesmos/as das instâncias de decisões da sociedade, com as quais estão antenados, e do poder de transformação próprios desta geração, para as mudanças necessárias. O desafio que se apresenta não vai direcionado aos/às jovens mas às instituições ligadas ao sistema político, cultural, educacional e religioso para que assumam os medos e os preconceitos que têm em relações às novas gerações, reconheçam os valores novos apresentados por elas e criem canais de participação para que o/a jovem possa indicar novos caminhos, alimentados pela força utópica necessária para a mudança.

É preciso reconhecer que a relação dos/as jovens com a política institucionalizada não é muito diferente do restante da sociedade. No caso dos/as jovens, trata-se de reação à indiferença e aversão à forma como são tratados/as, justificadas neles/as próprios/as, afirmando que os/as jovens são alienados. O desafio para as instituições é encontrar meios para dialogar com os/as jovens para, a partir dos/as deles/as, escuta-los/as e reconhece-los/as como agentes de

mudança, inserindo-os/as nas instâncias de poder e atualizar-se dentro de uma nova cultura em que a diversidade seja um valor.

Os grupos das comunidades paroquiais que tiverem presente na sua organização o processo de formação da dependência para a autonomia, formam protagonistas, ou seja, lideranças mais amadurecidas para o diálogo em uma realidade diversa e conflituosa, com potencialidades para planejamento de ações que alteram a realidade mais próxima e, em alguns casos, mais ampla. Os/as jovens têm, nas idéias religiosas uma mística que sustenta seus projetos de vida e de atuação social. Assim, poderão ser lideranças que possuam uma vida com sentido, a partir de causas humanitárias. O desafio será constituir canais de diálogo com os/as jovens através de grupos que respondam aos interesses dos mesmos e, ainda, um grupo com acompanhamento pedagógico, com conteúdos e pessoas que provoquem este caminho de formação.

As idéias religiosas a partir de Jesus como convocador para a missão que passa pela luta, pelos valores da comunidade, da solidariedade, da justiça e da paz funcionam como um elã e animam os/as jovens em situações de diversidades e de disputa de poder porque estas estão imbuídas pelo “Espírito” de Jesus como afirma um/a dos/as entrevistados/as. A ausência de uma espiritualidade, tanto de conteúdo como de vivência, é uma das causas apontadas como saída dos grupos. O desafio é apresentar a pessoa de Jesus em uma realidade em que a religião passa a ser mais um “assumir” o Seu Projeto e Sua causa do que um mero “sentir” a Pessoa para uma geração que vive no mundo centrado na pessoa. E, ainda, onde as práticas religiosas tendem mais à emoção e aos valores individuais e por isto, assume como modelo pedagógico eventos para grandes massas e não o grupo que exige processo e acompanhamento.

Com isso, os grupos de jovens das comunidades paroquiais tendem a desaparecer seja pela falta de cuidado com a espiritualidade ou conteúdos ligados a esta temática ou, ainda, pelo modo como se faz a intervenção impositiva pelos/as agentes religiosos. Os/as jovens deixam o grupo também quando encontram outros interesses que suplantam a sua participação nos encontros, como trabalho, lazer, entre outros; quando a Instituição, consciente ou não, assume a mediação por eventos ligados à mídia ou a shows e não mais um caminho processual a partir da organização de grupos nas comunidades paroquiais. Se continuar a opção de uma Igreja voltada para Roma e centralizada no clero, não haverá muita esperança para os grupos de jovens das comunidades porque, nesse caso não interessaria à Igreja a formação de lideranças autônomas.

O desafio vai por conta das opções pedagógicas do acompanhamento da Instituição e de suas escolhas na mediação, onde o modelo hegemônico atual predomina na Igreja Católica se impor, prevalecerá a preocupação com o “mercado” e a opção será para o meio que lhe trouxer maior número de jovens. Nos espaços de resistência e mais voltados para uma Igreja de comunhão e participação a partir dos fundamentos do Concílio Vaticano II e da Teologia da Libertação, as ações dependerão da capacidade de negociação e das estratégias dos/as agentes religiosos.

Assim, encontrar espaços para a formação de novas lideranças com uma identidade política fundamentada nas idéias religiosas e pautadas na libertação do povo será uma tarefa desafiadora, que implicará renovação dos quadros de linha de frente da Igreja Católica, como Comissão Pastoral da Terra, Conselho Indigenista Missionário, Comunidades Eclesiais de Base, Pastorais de Juventude, Pastorais Sociais, entre outras.

Na tendência do movimento cultural que move a sociedade para uma vida mais privada, voltada aos interesses do indivíduo, com poucas preocupações com as questões mais amplas, os interesses dos/as jovens serão cada vez mais voltados para si ou para sua família. Esse modelo tende a aumentar o grau de indiferença que faz com que o sujeito não reconheça nada além dos seus interesses e dos seus iguais, o que pode acirrar ainda mais a violência entre as classes sociais. Mesmo dentro das próprias classes, a tendência é o aumento de usos de substâncias químicas para responder às angústias e buscas individuais ou, ainda, o prazer a todo custo, com diminuição do interesse em participar de associações ou de qualquer projeto coletivo.

Os grupos de jovens são vistos como espaços idealizados pelos/as jovens – ambientes que os afastam das drogas, lugar de superação das questões pessoais, lugar de atuação e mudança na Igreja e na sociedade. Essa representação positiva é uma espécie de retrato de si mesmo. Podem-se identificar, nos/as jovens, as mudanças na forma de organização da sociedade pelo valor que dão à diferença e à diversidade; pela relação com o poder que assume (de modo especial às mulheres que assumam a coordenação dos grupos e coordenações mais amplas) e, pela forma como valorizam a organização em rede. Percebem-se sinais das alterações na cultura.

O desafio é oferecer grupos com propostas atraentes para responder às necessidades e buscas dos/as jovens, trabalhando o protagonismo e os valores da solidariedade, do respeito e das diferenças para que possam descobrir aí um espaço para a formação de sua identidade e do seu compromisso político com a humanidade, participando de ações como a ecologia, as causas dos direitos humanos, da diversidade sexual, entre outras.

A idéia que está mais presente e que move o grupo é a afetiva. A importância de encontrar amigos aparece, basicamente, na fala de todos/as os/as jovens entrevistados/as. Essa idéia não está desvinculada da idéia de que somos irmãos e irmãs e que pertencemos à mesma família de Deus. Por isso, os grupos poderiam ser oferecidos para responder a esta busca, de superar a anomia a que estão submetidos pelas mudanças culturais na sociedade. E, respeitando todas as perguntas trazidas pelos/as jovens dentro do caminho proposto da dependência para a autonomia poderá se criar um espaço de confiança, de conhecimento do fenômeno juvenil e, assim, contribuir para que formem sua identidade em um ambiente de confiança e amizade.

A religião não é mais uma herança familiar. Ela tende, a responder às necessidades imediatas, ao prazer, e às buscas de espaço de confiança. Nos/as jovens estão presentes várias formas de ver a religião: “todos os caminhos levam a Deus”, ou seja, uma religião que responda às necessidades imediatas do prazer, centrada no sentir e, ou uma religião que assuma as orientações a partir da realidade concreta da vida das pessoas, trabalhe a dimensão subjetiva e a objetiva de modo a gerar um compromisso com a realidade, tratando de questões sociais, unindo fé e vida.

Pelo que se percebe, a tendência das Igrejas é assumir uma postura de mercado, ou seja, ações que visam garantir um maior número de consumidores/as dos bens ofertados pelas mesmas. Na Igreja católica não é diferente. Frente às estatísticas que indicam uma queda de cristãos católicos, a sua prática tende a assumir atividades mais massivas. Porém há também, uma linha dentro da mesma Igreja que assume um caminho dos grupos. Isso pode ser confirmado no último documento CNBB - Estudos 93, que trata da evangelização da juventude e que opta

por uma pedagogia que tem como princípio a formação integral – com suas dimensões e processos ao lado desta tendência das massas.

O desafio será encontrar aliados/as para organizar espaços que, conscientes da corrente dominante, assumam que os grupos de jovens será tarefa para poucos. Uma postura de resistência, acreditando que os grupos são escolas de formação de líderes tanto para o projeto da Igreja como da sociedade, porque estão sendo sustentados por uma mística do conflito e da mesma missão de Jesus de Nazaré.

O grupo da comunidade paroquial poderá formar valores como solidariedade, justiça e paz , porque ajuda o sujeito a sair de si e encontrar-se no outro, localizando a ação para fora, ampliando a sua visão de mundo. Também pelo fato de a maioria dos/as jovens estarem na mesma faixa etária, faz com que tendam a enxergar e a buscar compreender as mudanças que percebem na realidade sócio-cultural e a incorporar em suas práticas como valor, formando, com isso, um novo *ethos*.

O desafio é despertar o interesse dos/as jovens para participar de uma atividade coletiva motivados/as por vários outros recursos. Isso exige um conhecimento profundo da realidade juvenil e da cultura da qual estão inseridos.

Essas reflexões sobre a realidade da juventude e os grupos das comunidades paroquiais, estão ainda em aberto, porque se trata de uma realidade muito ampla, esperando uma retomada sobre todo o material pesquisado. Por outro lado, as pesquisas já existem, assim como as reflexões produzidas sobre este tema. Porém, quando os/as jovens, são motivados/as para a experiência grupal, por um determinado tempo conseguem responder às perguntas mais urgentes sobre a sua história, assumem e projetam as suas vidas de modo que a ética e a política, sustentadas por idéias religiosas, formam parte de sua identidade política.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas Juvenis. Punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Sritta, 1994.

_____; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. *Retratos da Juventude Brasileira: Análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto Cidadania e Fundação Perseu Abramo, 2005.

ACÇÃO EDUCATIVA, Conceito de protagonismo juvenil, disponível em <http://www.acaoeducativa.org.br:8080/observatorio/internet2/resumo.jsp?id=38> pesquisa realizada em 25 de agosto de 2006, 11h. 50 min.

ANDALÓ, Carmem. *Mediação Grupal: uma leitura histórico-cultural*. São Paulo: Agora, 2006.

ADORNO, Sérgio. Adolescentes, crime e violência. In: ABRAMO, Helena Wendel *et al. Juventude em debate*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 97 a 109.

AGESTA, Luiz Sanchez. Política. In: SILVA, Benedito. *Dicionário de Ciências Sociais*, 2 Ed. Rio de Janeiro: FGV, 1987. p. 922.

ALENCAR, Chico. Prefácio. In: FRAGA, Paulo César Pontes; LULIANELLI, Jorge Atílio Silva (Org). *Jovens em tempo real*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 7 - 8.

ALMEIDA, Ronaldo R. M. de; CHAVES, Maria de Fátima G. Juventude e Filiação religiosa no Brasil. In: CNPD (COMISSÃO NACIONAL DE POPULAÇÃO E DESENVOLVIMENTO). *Jovens Acontecendo na Trilha das Políticas Públicas*. Vol. 2 Brasília, 1998. p. 671 - 687.

ALVES, Sirlaine *et al. Pé na Estrada: Roteiros para grupos de jovens*. São Paulo, CCJ, 1998.

_____ *et al Construindo Juntos - Roteiros para grupos de Jovens*. São Paulo, CCJ, 1998.

ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Tradução de Roberto Raposo. 10 ed. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 2004.

_____. *O que é Política?* Fragmentos das obras póstumas compilados por Ursula Ludz. Tradução de Reinaldo Guarany. 6 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

ASSMANN, Hugo. Idolatria e Mercado e o sacrifícios dos humanos. In: ASSMANN, Hugo; HINKELAMMERT, Franz. J.A. *A Idolatria do Mercado: Ensaio sobre Economia e Teologia*. Petrópolis: Vozes, 1989. p. 291 – 362. (Serie V: Desafios na Vida em Sociedade).

AVELAR, Rezende Bruno de. “*Se alguém está em Cristo nova Criatura é*” – A Espiritualidade que Brota da Formação Bíblica para Jovens. Dissertação. (Mestrado em Ciências da Religião) Universidade Católica de Goiás, 2004. 135 p.

AZEVEDO, Fábio Palácio de (Org). *Juventude, Cultura e Políticas Públicas - Intervenções apresentadas no Seminário Teórico-Político do Centro de Estudo e Memória da Juventude*. São Paulo: CEMJ, 2005.

BACHELARD, Gaston. *A dialética da Duração*. Tradução de Marcelo Coelho. São Paulo: Ática, 1988.

BAJOIT, Guy. *Todo Cambia - Análisis sociológico del cambio social y cultural en las sociedades contemporánea*. Traducción de Hernán Pozo. Santiago: LOM, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: A busca por segurança no mundo atual*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BERGER, Peter L. *O dossel Sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. José Carlos Barcellos. São Paulo: Paulus, 1985. p. 15 –113.

BERGSON, Henri. *Matéria e Memória - Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BEYER, Peter F. A privatização e a influência pública da religião na sociedade global. In: FEATHERSTONE, Mike. *Cultura Global: Nacionalismo, globalização e modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 395 - 419.

BOCK, Sílvio de. A inserção do jovem no mercado de trabalho. In: ABRAMO, Helena Wendel *et al.* *Juventude em debate*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 11 – 16.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução: Fernando Tomaz. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003.

_____. *Economia da trocas Simbólicas*. Introdução, organização e seleção Sergio Miceli. Tradução. Sergio Miceli; Silvia de Almeida Prado; Sônia Miceli e Wilson Campos Vieira. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2004. p. 34 - 78.

BOSI, Ecleia. *Memória e Sociedade - Lembranças de Velhos*. 10 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. *O tempo vivo da Memória*. Cotia - SP: Arte Editorial, 2004.

CARMO, Paulo Sergio do. *Culturas da Rebeldia: A Juventude em questão*. São Paulo: SENAC, 2000.

CARRANO, Paulo César. Juventude: identidades são múltiplas. *Movimento*. Juventude, Educação e Sociedade, Rio de Janeiro: DP&A/UFF, nº. 1 – p. 11 - 27, maio/2000.

CAJU – CASA DA JUVENTUDE. Relato da pesquisa sobre a Vida do Grupo de Jovens. Disponível em <http://www.casadajuventude.org.br/index.php?option=content&task=view&id=1092&Itemid=0> pesquisa realizada no dia 24 de agosto de 2006 às 17h. 50min.

CASTELLS, Manuel. *O Poder da Identidade*. Tradução de Klass Brandini Gerhardt. 5. ed, Vol.2. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Mary Garcia. Pesquisas da UNESCO sobre juventudes no Brasil. In: NOVAES, Regina Reys; PORTO, Marta; HENRIQUES, Ricardo (Orgs). *Juventude, Cultura e Cidadania. Comunicações do ISEER*. Ed. Especial. Rio de Janeiro, 2000. p. 63 - 89.

CAZENEUVE, Jean. *Sociologia do Rito*. Porto: Ed. Rés, [s/d] p. 7 - 14; 23 - 33; 189 - 215.

CELAM – CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Pastoral da Juventude: Sim a Civilização do Amor*. Tradução Hilário Dick; São Paulo: Paulinas, 1987.

_____. *Civilização do Amor: Tarefa e Esperança*. Orientações para a Pastoral da Juventude Latino-Americana. Tradução Hilário Dick. São Paulo: Paulinas, 1997.

_____. *Projeto de vida: Caminho vocacional da Pastoral da Juventude Latino-Americana*. Tradução Hilário Dick. São Paulo: CCJ, 2003.

CNBB. *Pastoral da Juventude do Brasil*. Estudos CNBB. 44. São Paulo: Paulus, 1986.

_____. *Marco Referencial da Pastoral da Juventude do Brasil*. Estudos CNBB.76. São Paulo: Paulus, 1998.

_____. *Evangelização da Juventude: Desafios e perspectivas pastorais*. Estudos CNBB.93. São Paulo: Paulus, 2006.

COIMBRA, Cecília M. B.; NASCIMENTO, Maria Lívia do. Jovens Pobres: O mito da Periculosidade. In: FRAGA, Paulo César Pontes; LULIANELLI, Jorge Atílio Silva (Org). *Jovens em tempo real*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p.19 - 37.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. *Nova Evangelização, promoção humana, cultura cristã*. Petrópolis: Vozes, 2003.

COSTA, Antônio Carlos Gomes da. *Protagonismo Juvenil: Adolescência, educação e participação democrática*. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.

DAHL, Robert A. *A Moderna análise política*, I vol. Rio de Janeiro: Lidador, 1966. p. 17 - 32.

DELEUZE, Gilles. *Foucault*. Tradução: Claudia Sant'Anna Martins; revisão de tradução: Renato Janine Ribeiro, São Paulo: Brasiliense, 2005.

DICK, Hilário. *Gritos Silenciados, mas evidentes: Jovens construindo juventude na história*. São Paulo: Loyola, 2003.

DURKHEIM, Èmile. *As formas elementares da vida religiosa*. O sistema totêmico na Austrália. Tradução de Joaquim Pereira Neto. 2.ed. São Paulo: Paulus, 1989. p. 139 – 169; 239 - 296.

EISENSTADT, S. N. *De Geração a Geração*. Tradução. Sergio P. O. Pomerancblum. São Paulo: Perspectiva, 1976.

ELIADE, Mircea. *Imagens e Símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso*. Tradução de Sonia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 35 - 52. (2002a)

_____. *O mito e a realidade*. Tradução. Rogério Fernandes. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002. p 5 – 165. (2002b)

ELIAS, Norbert. *A Sociedade dos Indivíduos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FERREIRA, Berta Weil. *O cotidiano do Adolescente*. Petrópolis: Vozes, 1995.

FORUM SOCIAL MUNDIAL. Disponível: http://www.forumsocialmundial.org.br/download/relat_pesquisa_fsm2005_PORT.pdf, pesquisa realizada em 20 de setembro de 2006, as 12h.

FRAGA, Paulo César Pontes ; LULIANELLI, Jorge Atílio Silva. Introdução: Juventude para Além dos mitos. In: FRAGA, Paulo César Pontes; LULIANELLI, Jorge Atílio Silva (Org). *Jovens em tempo real*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 9 - 16.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidades, desafios e perspectivas. In NOVAES, Regina e VANNUCHI, Paulo (Orgs). *Juventude e Sociedade - Trabalho, Educação, Cultura e Participação*. São Paulo: Instituto Cidadania; Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 180 - 216.

GARRIGOU, Alain; LACROI, Bernard. Norbert Elias: *A Política e a história*. São Paulo: Perspectiva, 1999. p. 123 - 144.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIRAD, René. *A violência e o Sagrado*. Tradução de Martha Conceição Gambini, 2.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

GIDDENS, Antony. *As conseqüências da Modernidade*. Tradução de Raul Fiker. 5 reimpressão. São Paulo: UNESP, 1991.

_____, *Modernidade e Identidade*. Tradução Plínio Dentizien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GOHN, Maria da Glória. *O protagonismo da Sociedade Civil – Movimentos sociais, ONGs e Redes Solidárias*. São Paulo: Cortez, 2005.

GROPPO, Luis Antonio, *Juventude: Ensaio sobre Sociologia e História das Juventudes Modernas*. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Tradução de Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-Modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. 6 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *Metodologias Qualitativas na Sociologia*. Petrópolis: Vozes, 2003.

HAMMES, Lucio. *Aprendizados de Convivência e a Formação de Capital Social: um Estudo sobre Grupos Juvenis*. Doutorado (Programa de Pós Graduação em Educação) – Universidade do Vale dos Sinos - UNISINOS, São Leopoldo, 2005, 197 p.

HEIDEGGER, Martin. *Heidegger: vida e obra*. Tradução Ernildo Stein. São Paulo: Nova Cultural, 1999. p.173 - 183.

_____. *Ser e Tempo*. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. 14 ed. Parte I. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 198 - 226.

INSTITUTO PICHÓN-RIVIÈRE DE SÃO PAULO. *O processo educativo segundo Paulo Freire; Pichón Rivière*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

JORGE, Maria Helena P. de Mello. Como Morrem nossos Jovens. In: CNPD (COMISSÃO NACIONAL DE POPULAÇÃO E DESENVOLVIMENTO). *Jovens Acontecendo na Trilha das Políticas Públicas – Vol.1*. Brasília, CNPD, 1998. p. 209 - 292.

LANE, Silvia T. Maurer. O Processo Grupal, In: LANE, Silva T. M. (org) *Psicologia Social*, São Paulo: Brasiliense, 1997.

LAPASSADE, Georges. *Grupos, organizações e instituições*, 3 ed. São Paulo: Francisco Alves, 1989.

LEALI, Francisco. Cresce o crime com os adolescentes de Classe média. *Globo*, Rio de Janeiro, 2 set. 2001, p. 3.

LEMOS, Carolina Teles. *Religião, Gênero e sexualidade – O Lugar da mulher na Família Camponesa*. Goiânia: Ed. da UCG, 2005. p. 25 - 48.

MAPA DA JUVENTUDE: Perfil do comportamento Jovem em São Paulo. Disponível em: http://portal.prefeitura.sp.gov.br/secretarias/participacao_parceria/coordenadorias/juventude/mapa_da_juventude/0001, acessado no dia 28 de maio de 2006, às 18h.36min.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de Metodologia científica*. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2005.

MARX, Karl. A Mercadoria. In: Karl Marx, *O Capital*-crítica a economia política – livro 1 O Processo de Produção do Capital. Tradução de Reginaldo Sant'ana. 11 ed. São Paulo: Bertrand Brasil, 1987. p. 79 - 93.

_____. *Manuscritos Econômicos - Filosóficos*. Tradução de Alex Marins São Paulo: Martin Claret, 2004 .p. 61 – 130. (2004a)

_____. *Contribuição à crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. In: MARX, Karl. Manuscrito Econômico-filosóficos. Tradução de Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2004. p. 45 - 59. (2004b)

_____; ENGELS, Friedrich. Sobre la religión. Hugo Assmann e Reys Mate. Salamanca, Espanha: Sigueme, 1974. p. 171 - 176.

MELUCCI, Alberto. *A Invenção do Presente: Movimentos sociais nas sociedades complexas*. Petrópolis: Vozes, 2001.

MINAYO, Maria Cecília. *O desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 5 ed. São Paulo: HUCITEC; Rio de Janeiro: ABRASCO, 1998.

NOVAES, Regina Reys; MELLO, Cecília Campello do A. *Comunicação Iser (Jovens do Rio – circuitos, crenças e acessos)*, Rio de Janeiro, ano 21, n.57, 2002.

_____, VANNUCHI, Paulo (orgs). *Juventude e Sociedade: Trabalho, Educação, Cultura e Participação*. São Paulo: Instituto Cidadania; Fundação Perseu Abramo, 2004.

_____. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença? In: *Retratos da Juventude Brasileira – Análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto Cidadania e Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 263 - 290.

O'DEA, Thomas F. *Sociologia da religião*. Tradução de Dante Moreira Leite. São Paulo: Pioneira, 1969. p. 55 - 75.

ONDA JOVEM. http://ondajovem.terra.com.br/tempo_real.asp?ID_Materia=70, pesquisa realizada em 30 de agosto de 2006, 11h. 46 min.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Identidade, Etnia e Estrutura Social*. São Paulo: Pioneira, 1976.

ORTIZ, Renato. Anotações sobre religião e globalização. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo: AMPOCS, vol. 16, n. 47, out. 2001.

OTTO, Rodolfo. *O Sagrado – Um estudo não racional na idéia do divino e sua relação com o racional*. Tradução de Prócoro Velasques Filho. São Bernardo do Campo - SP: Imprensa Metodista, 1985.

PAIM, Eugenia. Imagens da Juventude – *Forever young* a apropriação da imagem da juventude pela propaganda brasileira. In: NOVAES, Regina Reys; PORTO, Marta; HENRIQUES, Ricardo. *Comunicações do ISEER (Juventude, Cultura e Cidadania)* Rio de Janeiro, ano 21, Edição Especial, 2002. p. 55 - 61.

PEREZ, Diego; MERJÍA, Marco Raul. *De las calles, parches, galladas y escuelas: transformaciones en el procesos de socialización de los jóvenes de hoy*. Santafé de Bogotá: Cinep 1996. 18 – 30.

POCHMANN, Márcio. Emprego e desemprego juvenil no Brasil: as transformações nos anos 90. *Movimento*. Niterói, n.1, p. 52 - 72, 2000.

PROJETO JUVENTUDE. *Documento de Conclusão - versão inicial para discussão, complementação e ajustes*, São Paulo: Instituto Cidadania, 2005.

PROTAGONISMO JUVENIL. [http://www.protagonismojuvenil.org.br/ Portal/protagonismo.asp](http://www.protagonismojuvenil.org.br/Portal/protagonismo.asp) pesquisa realizada no dia 25 de agosto de 2006, as 11h. 27min.

REIS, Adriana. Dossiê: Juventude e Religião - jovens movidos pela fé. *Revista das Religiões – o mundo da fé*. Edição 18, São Paulo: Abril, Fevereiro de 2005.

RIBEIRO, Ana Clara Torres; LOURENÇO, Alice. Marcas do tempo: Violência e objetivação da juventude. In: FRAGA, Paulo César Pontes; LULIANELLI, Jorge Atílio Silva (Org). *Jovens em tempo real*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 38 - 53.

RIBEIRO, Jorge Cláudio. Os Universitários e a Transcendência – Visão Geral, visão local. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever> (Revista eletrônica *Rever*), acessado em 20 de novembro de 2005.

RICHTER REIMER, Ivoni. *Regras Gerais para Apresentação de Trabalhos acadêmicos*. Apostila (Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião). Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2006. 62 p.

RIVIÈRE, Claude. *Os ritos profanos*. Tradução de Guilherme João Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 73 - 107.

RIVIÈRE – PICHÓN, Enrique. *O Processo Grupal*. Tradução Marcos Aurélio Fernandes Velloso. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ROCHER, Guy. *Sociologia Geral 1*. Tradução de Ana Ravara. Lisboa: Editora Presença, 1971. p. 155 - 182.

SANDOVAL, Mario. *Jóvenes: em busca de una identidad perdida?* Chile: Universidad Católica C.R.Henriques, 2001.

_____. *Jóvenes del Siglo XXI – Sujetos y Actores en una sociedad em Cambio*. Santiago: 2002.

SANTOS, Gevanilda; SANTOS, Maria José P.; BORGES, Rosangela. A Juventude Negra. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs). *Retratos da Juventude Brasileira - Análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto Cidadania; Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 291 - 302.

SCHMIDT, João Pedro. *O que pensam os jovens, hoje - Imaginário Social dos estudantes dos Vales do Rio Pardo e Taguari*. Santa Cruz do Sul: [s.n], 1996.

SCOLARO, Arcângelo *et al. Abrindo Caminho: Roteiros para grupos de jovens*. São Paulo, CCJ, 1998.

_____, *et al. Fazendo História: Roteiro para grupos de Jovens*, São Paulo, CCJ, 1998.

SETOR JUVENTUDE – CNBB. *Juventude que ousa sonhar constrói um Brasil popular: Direitos - Dia Nacional da Juventude 2006*. São Paulo: CCJ, 2006.

SILVA, Benedicto *et. al.* Discriminação. *Dicionário de Ciências Sociais*, 2 ed. Rio de Janeiro, 1987. p. 361 - 2.

SILVA, Lourival Rodrigues da. *Juventude, religião e a utopia da 'Civilização do amor'* – Estudo de caso das Pastorais da Juventude do Brasil. Dissertação. (Mestrado em Ciências da Religião) Universidade Católica de Goiás, 2006, Goiânia, 163 p.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). *A identidade e a Diferença-Perspectiva dos Estudos Culturais*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Vozes, 2000.

SINGER, Paul. A Juventude como coorte: uma geração em tempos de crise social. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs). *Retratos da Juventude Brasileira – Análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto Cidadania e Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 27 - 35.

SORIANO, Raúl Rojas. *Manual de Pesquisa Social*. Petrópolis: Vozes, 2004.

SOARES, Luiz Eduardo. Juventude e Violência no Brasil Contemporâneo. In: NOVAES, Regina e VANNUCHI, Paulo (orgs) *Juventude e Sociedade* - Trabalho, Educação, Cultura e Participação. São Paulo: Instituto Cidadania e Fundação Perseu Abramo, 2004. p.130 - 159.

SONTHEIMER, Kurt de. Prefácio. In: ARENDT, Hannah. *O que é Política?* Fragmentos das Obras Póstumas compiladas por Ursula Ludz, 6 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

SOUSA, Janice Tirelli Ponte de. *Reivencões da Utopia: a militância política de jovens dos anos 90*. Tese de Dourado (Doutorado em Psicologia). Universidade de São Paulo, 1997, p. 258.

SPOSITO, Maria Pontes; CORROCHANO, Maria Carla. A face oculta da transferência de renda para jovens no Brasil. In: *Tempo Social* - Revista de Sociologia da USP, São Paulo, v.17 n.2, p 141 – 172, nov. 2005.

STRECK, Danilo R. *Aspecto da religiosidade do Adolescente*. São Leopoldo: Sinodal, 1990. p. 234 – 240.

TEIXEIRA, Carmem Lucia; ORLANDO, Florisvaldo S. *Como iniciar um grupo de jovens?* – Roteiros para grupos de jovens, 5 ed. São Paulo, CCJ, 1998.

TORNERO, José Manuel Pérez. El Ansia de identidad Juvenil y la educación – Del narcisismo mediático contemporâneo y las estrategias educativas. In: MARGULIS, Mário *et al.* "Viviendo a toda" Jóvenes, territórios culturais y nuevas sensibilidades. Bogotá – Colômbia: Universidade Central, Siglo del hombre Editores, 1998. p. 263 – 277.

UNESCO. *Políticas Públicas de/para/com Juventudes*. Brasília: UNESCO, 2004.

VILLELA, Milú. Políticas Públicas para os jovens já. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 23 de novembro de 2005.

VENTURI, Gustavo; ABRAMO, Helena. Juventude, Política e Cultura, In *Teoria e Debate*, n. 45, jul/ago/set 2000, São Paulo.

_____. Introdução Metodológica. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs). *Retratos da Juventude Brasileira – Análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto Cidadania e Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 23 -6.

WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. Tradução de Waltensir Dutra. 5 Ed. Porto: LTC Editora, 1982. p. 154 - 183; 309 – 346.

_____. *Economia e Sociedade* Vol. I, 4. Tradução. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa: São Paulo: ed. UNB, 2004, p. 279 - 320. (2004a).

_____. *Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo* São Paulo: Martins Claret, 2004. (2004b)

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu. *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7 - 72.

WOORTMANN, Ellen F. Homens de hoje, mulheres de ontem. Série Seminários – *Memória*. Goiânia, n. 03, p. 87 - 116, 1998.

ZAMORA, José Antônio. Construcción de Las Identidades y Religión em la Modernidad Tardía. *Caminhos*: vol. 2, n. 1, p. 87 - 111, jan./jun.2004.

ZANETI, *Juventude e Revolução* - Uma investigação sobre a atitude revolucionária juvenil no Brasil. Brasília: Edunb, 2001, p. 135 - 146.

ANEXOS

ANEXO 1 QUESTIONÁRIO DA ENTREVISTA

1. Dados da pessoa: nome idade, nome do grupo, tempo de pertencimento ao grupo, sexo e papel no grupo.
2. O que é ser jovem para você?
3. O que o grupo de jovem representa em sua vida?
4. Como você foi para o grupo de jovens? Quem o convidou?
5. Se está no grupo: por que permanece? Se deixou o grupo: o que levou a deixar o grupo de jovens?
6. Quais as motivações você acha que leva os/as jovens para um grupo?
7. Como você era antes de entrar para o grupo? O que você percebe depois da vivência no grupo?
8. Que mudanças significativas que você considera que o grupo provocou em sua vida?

ANEXO 2 FICHA DE INSCRIÇÃO DA CASA DA JUVENTUDE PE. BURNIER.

DADOS PESSOAIS:

Nome: _____ Data de nascimento: ____ / ____ / ____
 Endereço (Rua/ Av./ Quadra/ Número/ Apto.): _____
 Bairro: _____ Cidade: _____ Estado: _____ CEP: _____
 Fones: residência: _____ trabalho: _____ recado: _____ celular: _____
 Fax: _____ E-mail: _____
 Cidade de origem: _____ Já mudou de município? () sim () não
 RG: _____ Órgão expedidor: _____ Estado: _____ CPF: _____
 Sexo: () masculino () feminino Estado civil: _____ Tem filhos? () sim () não

feminino

Etnia: () negra () indígena () branca () outra Qual?

Escolaridade: () ensino fundamental () médio () superior

Situação: () completo () incompleto

Frequente ou frequentou ensino? () público () privado () conveniado

Nome do/a responsável:

RG:

DADOS DA ATIVIDADE:

Nome da atividade para qual se inscreve

Nome da pessoa que indica você

Contato:

DADOS DA PARTICIPAÇÃO SOCIOPOLÍTICA E CULTURAL:

Participa de: () partido político () sindicato () associação de bairro () grêmio estudantil () hip hop

() torcida de futebol () outro Qual?

Participa de: () grupo de teatro () coral () grupo de dança () clube de poesia () outro

Qual:

Enumere de 1 a 6 considerando o grupo que lhe inspira mais confiança: () família () amigos () Igreja () Políticos

() escola () outro Qual?

DADOS DA PRÁTICA RELIGIOSA:

Participa de alguma religião ou Igreja? () sim () não Qual?

Nessa religião você é: () participante leigo/a () padre/pastor () seminarista/noviça () freira

Se freira ou padre, indique a congregação:

Desenvolve alguma atividade pastoral/evangelizadora?

Qual diocese?

Participa ou acompanha grupos de jovens? () sim () não

Há quanto tempo?

Função no grupo:

DADOS SOCIO-ECONÔMICOS DA PESSOA:

Possui experiência de trabalho? () sim () não

Atualmente está empregado? () sim () não Há quanto tempo?

Qual o seu salário? () menos de 1 SM () 1 a 2 SM () 3 a 4 SM () + 5 SM

Se desempregado, qual o motivo? () não tenho experiência () não sei computação () outro motivo

Qual?

Situação de moradia: () própria () alugada () cedida () financiada

Tipo de construção: () alvenaria (tijolo) () madeira () adobe () outros

As casas da sua rua contam com: () luz elétrica () água tratada () coleta de lixo () rede de esgoto

() fossa rudimentar (sem calçamento) () fossa séptica (calçamento em suas bordas)

DADOS SOCIO-ECONÔMICOS DA FAMÍLIA:

Quem é chefe da sua família? () eu () pai () mãe () esposo/a () outra pessoa

Quem:

Qual a escolaridade do/a chefe de sua família? () até a 4ª série () entre 5ª e 8ª série () 2º grau () superior

Renda mensal (soma de toda a renda da família) () menos de 1 SM () 1 a 2 SM () 3 a 4 SM () + 5 SM

A família está inserida em programa social do governo? () sim () não

Qual?

Condições de saúde: existe situação de doença grave na família?

Qual?

Custo mensal com medicamentos:

COMPOSIÇÃO FAMILIAR:

Nome	Parentesco	Idade	Estado Civil	Escolaridade	Profissão	Renda

ALGUNS HÁBITOS:

Pratica esporte ou faz exercícios físicos? () 1 vez por semana () 3 vezes por semana () às vezes () nunca

Você fuma? () sim () não

Já usou droga ilícita? () 1 vez () algumas vezes () nunca

Convive com usuário de droga? () em casa () na escola () na Igreja () outro ambiente

Usa bebida alcoólica? () nunca () 1 vez por semana () 3 ou + vezes por semana () às vezes

Usa medicamentos sempre? () não () sim Para quê?

Freqüenta jogos eletrônicos? () todos os dias () 1 vez por semana () nunca

Acessa internet? () todos os dias () 1 vez por semana () nunca

Gosta de ler? () não () sim O que leu no mês passado?

Tem hábito de ver TV? () não () sim Quantas horas por semana?

Programas de TV preferidos: 1) 2) 3)

Escuta programa de rádio: () não () sim Qual o programa preferido?

Gosta de música? () não () sim Qual o estilo preferido?

INFORMAÇÕES PARA A CAJU:

Como você ficou sabendo desta atividade? () pessoa amiga que informou () participante de atividades na CAJU
() assessoria da CAJU () na comunidade que participo () nas coordenações das PJs () pelo informativo da CAJU
() pelo site/sítio () outra informação Qual?

Em que esta atividade vai ajudar você

Recebe os informativos da CAJU? () sim () não

Já participou de outras atividades na CAJU? () não () sim Ano da primeira participação na CAJU:

Data do recebimento da ficha: / /

Responsável pelo recebimento:

ANEXO 3.ROTEIRO DA VISITA EM UMA REUNIÃO DE GRUPO DE JOVENS**1. Localização da pesquisa:**

1.1. Diocese: 1.2. Regional CNBB

1.3. Cidade: Estado:

1.4. Local onde o grupo está (comunidade paroquial, escola, zona rural etc.):

1.5. Nome do observador/a:

2. Identificação do Grupo:

2.1. Nome do Grupo:

2.2. Significado do nome

3. Dados sobre a reunião:

3.1. Local:

3.2. Dia 3.3. Horário: 3.4. Duração da reunião:

